

UNIVERSIDADE DE ÉVORA



Mestrado em Psicologia

Área de Especialização: Psicologia Clínica e da Saúde

**Escolha Amorosa em Estudantes Universitários: Características Favorecidas,
Autoavaliação e Autoestima**

Dissertação de Mestrado apresentada por:

Tânia Marlene Santos Salsa

Orientação: Prof. Doutor Nuno Amado

Évora | 2013

“Esta dissertação inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri”

AGRADECIMENTOS

Desenvolver um trabalho desta natureza abrange uma vasta complexidade, tornando-se impossível de o realizar sozinho. Deste modo, com o seu terminar, importa agradecer a todas as pessoas que, de alguma forma, estiveram presentes e me acompanharam, ao longo deste processo. Gostaria de deixar algumas palavras representativas da minha estima e gratidão para com essas pessoas.

Agradeço...

... ao meu orientador, Prof. Doutor Nuno Amado, pela ajuda e incentivo na escolha do tema, pela disponibilidade no esclarecimento de conteúdos, pela atenção prestada sempre que necessário. De um modo geral, pela orientação concedida no decorrer deste processo;

... aos Professores e aos Alunos que autorizaram e se mostraram disponíveis para participar nesta investigação. Sem a sua colaboração, a realização deste trabalho não teria sido possível;

... à minha mãe, por ter tornado este percurso possível, pelo apoio nos momentos bons e nos momentos mais difíceis, por acreditar que este caminho seria possível de percorrer. Principalmente, por me ajudar a acreditar nas minhas próprias capacidades, ensinando-me a não duvidar de mim mesma. Muito Obrigada;

... ao meu pai, por contribuir, sem dúvida, para o caminhar deste percurso. Sem a sua ajuda, teria sido impossível chegar aqui. Obrigada, sobretudo, pela confiança de que este trabalho chegaria a bom porto;

... aos outros elementos da minha família, que de forma mais indireta, estiveram presentes, mostrando a sua atenção e carinho;

... à Diana, minha grande amiga e peça fundamental ao longo da minha formação académica e ao longo deste trabalho. Sem o seu apoio e ajuda, este caminho ter-se-ia visto bastante dificultado. Obrigada por tudo o que representas, pela amizade incondicional, carinho e grande disponibilidade. Um Grande Obrigado;

... à Sónia, minha amiga de sempre, pela amizade e preocupação. Mesmo sem uma presença constante, agradeço pelo que és e pelo que representas na minha vida, Obrigada;

... à Vera, pela disponibilidade constante, sobretudo, pela amizade, carinho e preocupação, pelos momentos de descontração, bastante precisos em horas mais complicadas. Muito Obrigada;

... à Sónia e ao Mário, meus grandes amigos e uma presença constante na minha vida. Por todos os momentos de descontração e despreocupação, pelas muitas gargalhadas e algumas lágrimas partilhadas, pela amizade sincera e pela confiança que sei sempre terem depositado em mim. Agradeço-vos por tudo;

... à Joana, à Patrícia e à Pipa, pela grande amizade e grande confiança no meu trabalho e dedicação. Não há muitas palavras para descrever o lugar que ocupam na minha vida. Muito Obrigada;

...à Ana Rita e à Rita, pelos momentos de trabalho em grupo e de partilha de opiniões, por contribuírem para que este processo se tornasse menos árduo, pelos muitos “cafés”, pela atenção, preocupação e amizade. Muito Obrigada;

... à Isabel, pela preocupação em perguntar “Como está a tese?”. Obrigada;

... ao João, pela ajuda prestada neste trabalho, pelas palavras de incentivo, pela partilha de conhecimentos e especialmente, pela amizade e carinho;

... a todos aqueles que, de alguma forma, se mostraram presentes, oferecendo a sua atenção e a confiança de que este trabalho seria bem sucedido. Muito Obrigada.

RESUMO

Escolha Amorosa em Estudantes Universitários: Características Favorecidas, Autoavaliação e Autoestima

O presente trabalho teve como objetivos identificar as características favorecidas na escolha de potenciais parceiros amorosos, entre alunos universitários, em relações de curto e longo prazo, e verificar o efeito da autoavaliação enquanto parceiro amoroso e da autoestima no nível de importância nessa escolha.

Os participantes foram 224 estudantes pertencentes à Universidade de Évora. Foi-lhes administrado um protocolo constituído pelos instrumentos: *Rosenberg Self-Esteem Scale*, *Questionário de Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso* e três instrumentos referentes à escolha amorosa.

Com base nos resultados, conclui-se que as *características de caráter e saúde* são as mais valorizadas num potencial parceiro amoroso. Verificaram-se diferenças entre homens e mulheres estatisticamente significativas na preferência por *características sexuais/socias e atratividade*. Encontrou-se que a autoestima se correlaciona negativa e significativamente com a autoavaliação enquanto parceiro amoroso, tal como com a escolha amorosa a longo-prazo. Observaram-se correlações estatisticamente significativas entre a autoavaliação enquanto parceiro amoroso e a escolha amorosa.

Palavras-chave: Escolha Amorosa; Características Favorecidas; Adulter Emergente; Alunos Universitários; Autoestima; Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso.

ABSTRACT

Loving Choice in College Students: Favored Characteristics, Self-assessment and Self-esteem.

The present work aimed to identify the characteristics favored in the selection of potential romantic partners, among college students, in short and long term relationships, and realize the effect of the self-assessment as a loving partner and the self-esteem on the level of importance in that choice.

The sample was constituted by 224 students of the University of Évora. It was administered a protocol consisting of the instruments: *Rosenberg Self-Esteem Scale*, *Self-Assessment while Loving Partner Questionnaire* and three instruments regarding the loving choice.

Based on the results, we conclude that the *character and health characteristics* are the most valued in a potential mate. There were statistically significant differences between men and women in the preference for *sexual/social features* and attractiveness. It was observed that self-esteem is negative and significantly correlated with self-assessment as a loving partner, as with long-term loving choice. There were statistically significant correlations between self-assessment as a loving partner and loving choice.

Key-words: Loving Choice; Favored Characteristics; Emerging Adulthood; College Students; Self-esteem; Self-evaluation as a Loving Partner.

ÍNDICE

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|
| Agradecimentos..... | i |
| Resumo..... | iii |
| Abstract..... | iv |
| Índice..... | v |
| Índice de Quadros..... | viii |
| Introdução..... | 1 |
| Parte I – Enquadramento Teórico..... | 5 |
| Capítulo I – Desenvolvimento e Autoestima no Adulto Emergente..... | 7 |
| 1. O Desenvolvimento Psicológico..... | 7 |
| 1.1. Perspetivas Desenvolvimentistas..... | 8 |
| 1.2. O Estudante Universitário: Um Adulto Emergente..... | 16 |
| 2. A Autoestima no Adulto Emergente..... | 20 |
| Capítulo II – A Psicologia da Atração, a Escolha Amorosa, o Papel da Autoavaliação e da Autoestima..... | 25 |
| 1. A Psicologia da Atração..... | 25 |
| 1.1. Fatores de Atração Amorosa..... | 26 |
| 1.2. Teorias da Atração Amorosa..... | 28 |
| 2. Escolha Amorosa..... | 30 |
| 2.1. Características Favorecidas num Potencial Parceiro Amoroso..... | 32 |
| 2.1.1. Diferenças Sexuais..... | 34 |
| 2.1.1.1. Preferências do Sexo Feminino..... | 34 |
| 2.1.1.2. Preferências do Sexo Masculino..... | 35 |
| 2.1.2. Similaridades Sexuais..... | 38 |
| 2.1.3. Diferenças Individuais..... | 39 |
| 2.1.4. Relacionamentos Amorosos a Curto-prazo e a Longo-prazo..... | 40 |
| 3. “Como é que eu me vejo, como sou e o que quero para mim”..... | 44 |
| 3.1. Autoestima e Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso..... | 45 |

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 3.2. Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso e Escolha Amorosa..... | 46 |
| 3.3. Autoestima e Escolha Amorosa..... | 48 |
| Parte II – Estudo Empírico..... | 51 |
| Capítulo III – Estudo Empírico..... | 53 |
| 1. Enquadramento do Estudo, Objetivos e Hipóteses..... | 53 |
| 2. Metodologia..... | 57 |
| 2.1. Participantes..... | 57 |
| 2.2. Instrumentos..... | 58 |
| 2.3. Procedimentos de Recolha de Dados..... | 62 |
| 2.4. Procedimentos de Análise de Dados..... | 63 |
| Capítulo IV – Apresentação e Análise dos Resultados..... | 65 |
| 1. Estudo das Características Psicométricas dos Instrumentos..... | 65 |
| 1.1. Sensibilidade da Escala..... | 65 |
| 1.2. Consistência Interna..... | 66 |
| 1.3. Análise Fatorial..... | 68 |
| 2. Estudo das Hipóteses..... | 75 |
| Capítulo V – Discussão dos Resultados..... | 85 |
| Capítulo VI – Conclusão..... | 99 |
| Referências Bibliográficas..... | 107 |
| Anexos..... | 129 |
| Anexo I – Caracterização da Amostra..... | 131 |
| Anexo II – Protocolo de Investigação..... | 133 |
| Anexo III – Sensibilidade dos Instrumentos..... | 143 |
| Anexo IV – Consistência Interna dos Instrumentos..... | 149 |
| Anexo V – Análise Fatorial dos Instrumentos..... | 155 |
| Anexo VI – Estatística Descritiva dos Fatores..... | 163 |
| Anexo VII – Valores de <i>alpha de Cronbach</i> dos Fatores e Escala Total..... | 165 |

| | |
|-----------------------------------------------------------------|-----|
| Anexo VIII – Análise Descritiva dos Itens por Questionário..... | 167 |
| Anexo IX – Pressupostos à realização do Teste t-Student..... | 169 |

ÍNDICE DE QUADROS

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1..... | 67 |
| Valores do Coeficiente de <i>alpha de Cronbach</i> dos Instrumentos | |
| Quadro 2..... | 69 |
| Fatores da Autoavaliação PA e Fatores das Características PA | |
| Quadro 3..... | 69 |
| Fatores das Características PA Curto e das Características PA Longo | |
| Quadro 4..... | 75 |
| Estatística Descritiva dos Fatores das Características PA | |
| Quadro 5..... | 77 |
| Estatística Descritiva dos Fatores das Características PA Curto | |
| Quadro 6..... | 78 |
| Estatística Descritiva dos Fatores das Características PA Longo | |
| Quadro 7..... | 80 |
| Matriz de Correlações da Autoestima e da Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso (escala total e fatores) | |
| Quadro 8..... | 81 |
| Matriz de Correlações da Autoestima e das Características PA Curto (escala total e fatores) | |
| Quadro 9..... | 81 |
| Matriz de Correlações da Autoestima e das Características PA Longo (escala total e fatores) | |
| Quadro 10..... | 82 |
| Matriz de Correlações da Autoavaliação PA (escala total e fatores) e das Características PA Curto (escala total e fatores) | |
| Quadro 11..... | 83 |
| Matriz de Correlações da Autoavaliação PA (escala total e fatores) e das Características PA Longo (escala total e fatores) | |

INTRODUÇÃO

Enveredar pelo estudo do desenvolvimento humano implica percorrer um caminho repleto de complexidade, levando sempre em consideração que apesar do mesmo se caracterizar, normalmente, de geral, é de forma individual que cada indivíduo se desenvolve.

O desenvolvimento nem sempre foi encarado da mesma forma, vindo o seu estudo a evoluir através das épocas. Foi apenas a partir de meados do século XX, que se alterou a forma de conceber o desenvolvimento, ultrapassando-se um modelo maturacional focado na idade cronológica como explicação para as mudanças desenvolvimentais, passando a olhar-se para o desenvolvimento como um processo que decorre ao longo de todo o ciclo vital. Foi através desta viragem de paradigma e com a contribuição de autores como Erikson (1968) e Levinson e colaboradores (1978), que se concedeu relevância à transição para a idade adulta, à idade adulta em si e à velhice, revestidas anteriormente como períodos pautados por estabilidade e declínio. A partir das contribuições destes autores e de Keniston (1965, cit. por Monteiro, Tavares & Pereira, 2009), que concederam importância ao período desenvolvimental entre a adolescência e a idade adulta e, das mudanças socioculturais decorrentes da Segunda Guerra Mundial, passou a olhar-se para a “transição” da adolescência para a idade adulta com especial atenção. O caminho de chegada à vida adulta tornou-se mais longínquo, passando a caracterizar não apenas uma transição, mas uma etapa do curso de vida. Neste sentido, Arnett (2000) conceptualizou este período desenvolvimental, distinto da adolescência e da idade adulta, de *Adulter Emergente*, pautando-se de características específicas.

Embora a teoria da *adulter emergente* não se restrinja apenas aos estudantes universitários, estes surgem como principais representantes da mesma, vendo-se frente a diversas tarefas que se estendem além da dimensão académica, nomeadamente aos níveis pessoal, social, profissional e emocional/afetivo.

Apesar do seu carácter mais geral, o ambiente académico influenciará cada indivíduo de forma singular, sendo que num cenário repleto de oportunidades e menos estruturado a nível institucional, cada um fará as suas próprias escolhas.

Indubitavelmente, considera-se o contexto universitário como um lugar privilegiado para o estudo do desenvolvimento humano, mais concretamente, para o estudo dos processos subjacentes à “transição” para a vida adulta.

Na medida em que a *adulter emergente* envolve a preparação para a entrada na vida adulta, encerra também um período de desenvolvimento fundamental a nível da autoestima (Dwyer, McCloud & Hodson, 2011). Deste modo, para além da

construção da identidade e do alcançar de autonomia, também a autoestima ocupa o seu lugar na vida do adulto emergente, possibilitando-lhe a construção dos próprios valores (Andrade, 2006).

Um dos traços característicos da adultez emergente prende-se com a exploração da vida íntima e afetiva, que para além de poder ser influenciada pelo próprio contexto universitário, pode ser influenciada pela autoestima do indivíduo. Neste sentido, a autoestima pode assumir um papel preponderante na compreensão da dimensão relacional e, no caso específico deste trabalho, da escolha amorosa, ao longo da trajetória desenvolvimental. Portanto, é também tendo por base a autoestima de um indivíduo que recai o interesse em ingressar no estudo da escolha amorosa do adulto emergente, com especial enfoque nas características favorecidas num potencial parceiro amoroso. A acrescentar à autoestima de uma pessoa, também a sua autoavaliação enquanto parceira amorosa parece assumir um papel relevante na seleção de parceiro (Hattori, 2009). Isto leva a considerar que indivíduos com diferentes níveis de autoestima e de autoavaliação enquanto parceiros amorosos, poderão apresentar padrões de importância distintos para com as características de um potencial parceiro amoroso.

O conceito de atração amorosa tem carecido de alguma explicação (Berscheid & Reis, 1998), sendo um tema algo recente no estudo da Psicologia. Por sua vez, a escolha amorosa tem vindo a ser estudada desde uma época mais antiga, no entanto um conjunto de mudanças ocorridas na sociedade, tornam-se suscetíveis de influenciar o que se deseja hoje, num potencial parceiro amoroso.

Deste modo, partindo da psicologia da atração, pretende abordar-se no presente estudo, um dos fatores globais de atração amorosa, as características favorecidas num potencial parceiro amoroso. Concretizando, o presente trabalho pretende contribuir para um aprofundamento do conhecimento das características favorecidas aquando da escolha de um potencial parceiro amoroso, perspetivando-se dar a conhecer as eventuais diferenças nesta escolha de acordo com o nível de envolvimento relacional em consideração, um relacionamento a curto-prazo sem compromisso ou um relacionamento a longo-prazo com compromisso.

Deste modo, definiu-se como objetivo geral do estudo identificar quais as características favorecidas na escolha de potenciais parceiros amorosos, entre alunos universitários, em relações de curto e longo prazo e, perceber se a autoavaliação enquanto parceiro amoroso e a autoestima influenciam o nível de importância nessa escolha.

O presente trabalho está organizado em duas partes: uma primeira parte, constituída por dois capítulos referentes à revisão bibliográfica efetuada, pretendendo-

se apresentar uma fundamentação teórica inerente à investigação realizada. O primeiro capítulo recai sobre o estudo do desenvolvimento psicológico humano, mais especificamente sobre o desenvolvimento do adulto emergente. Partindo-se de contribuições teóricas fundamentais sobre esta temática, pretendeu-se conceder uma explicação acerca do desenvolvimento psicossocial na fase de vida em estudo, a fase da Adulter Emergente, integrando-se nesta perspetiva, o desenvolvimento do estudante universitário. Por fim, na medida em que a presente investigação possui como tema central, a escolha amorosa, abrangendo uma dimensão relacional muito característica da aduiter emergente, a formação de relações amorosas, considerou-se pertinente incidir sobre a vivência da autoestima pelo adulto emergente, com vista a compreender a sua eventual influência sobre a seleção de parceiro amoroso.

No segundo capítulo, de encontro aos objetivos do estudo, procedeu-se à elaboração de uma contextualização teórica, ao longo da qual se ambicionou abranger as principais contribuições empíricas intrínsecas às temáticas abordadas: Psicologia da Atração, Escolha Amorosa, Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso e Autoestima.

A segunda parte deste trabalho diz respeito ao estudo empírico realizado. O terceiro capítulo compreende as questões metodológicas, portanto o delinear dos objetivos e subseqüentes hipóteses, a apresentação da amostra – Estudantes Universitários da Universidade de Évora -, dos instrumentos – protocolo de investigação constituído pela versão portuguesa da *Rosenberg Self-Esteem Scale* (Santos & Maia, 1999, 2003), *Questionário de Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso*, *Questionário de Avaliação do Grau de Importância de Características num Potencial Parceiro Amoroso*, *Questionário de Avaliação do Grau de Importância de Características na Escolha de Potenciais Parceiros Amorosos, para relacionamentos de curto-prazo sem compromisso* e *Questionário de Avaliação do Grau de Importância de Características na Escolha de Potenciais Parceiros Amorosos, para relacionamentos de longo-prazo com compromisso* (baseados nos instrumentos de Hattori, 2009) – e por fim, dos procedimentos de recolha e análise de dados.

O quarto capítulo engloba a apresentação e análise dos resultados, expondo-se os testes de hipóteses efetuados e as análises que pretendem dar resposta aos objetivos e hipóteses delineados.

Por sua vez, no quinto e no sexto capítulos, apresentam-se, respetivamente, a discussão dos resultados e as conclusões da investigação realizada.

PARTE I
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I

DESENVOLVIMENTO E AUTOESTIMA NO ADULTO EMERGENTE

“See the world. It’s much easier to do when you’re 22...than you’re 35 with two babies in your backpack” (Brodrick, 2003).

1. O Desenvolvimento Psicológico

De forma a pensar sobre o desenvolvimento no adulto emergente, torna-se importante numa primeira instância, refletir sobre o próprio processo de desenvolvimento psicológico e toda a sua complexa envolvente. Ingressar no estudo do desenvolvimento humano prende-se com uma tarefa complexa e multidimensional, sendo que apesar do mesmo constituir um processo que se pode caracterizar de geral, será de forma individual que cada pessoa se desenvolve.

De um modo geral, considera-se que o desenvolvimento envolve sempre um processo de mudança (Fonseca, 2005), no entanto as conceções subjacentes ao mesmo tendem a despoletar alguma controvérsia entre autores e perspetivas, levando a que o estudo sobre este multifacetado processo tenha vindo a evoluir através das épocas.

Nos primeiros momentos do estudo do desenvolvimento, sobressaía um modelo oriundo da biologia e focado numa conceção maturacional ou organicista do desenvolvimento, através da qual a idade cronológica seria a explicação para as mudanças a nível desenvolvimental, que se limitava a uma sequência de crescimento, estabilidade e declínio (por exemplo, Hall, Wechsler), focando-se na infância e na adolescência como períodos revestidos de desenvolvimento (de acordo com Freud e Piaget), encarando-se a idade adulta e especialmente a velhice, como fases revestidas de declínio (Fonseca, 2005).

No entanto, a partir de meados do século XX, modificou-se a forma de olhar sobre o desenvolvimento, ultrapassando-se esta conceptualização e emergindo uma série de perspetivas que colocaram uma maior ênfase no desenvolvimento como um processo que decorre ao longo de todo o ciclo de vida, atribuindo-se uma crescente atenção ao desenvolvimento que ocorre além das fases da infância e da adolescência. Neste sentido, passou a tomar-se em maior consideração um paradigma contextualista que propunha uma visão do desenvolvimento humano impregnada na interação recíproca entre um indivíduo em constante evolução e a panóplia de contextos onde essa evolução se desenrola, constituindo-se o desenvolvimento o resultado da interação de fatores biológicos, históricos e culturais (Fonseca, 2005). Nesta linha, enquanto as pessoas vão avançando na vida, vão experienciando, de

forma contínua, processos pautados de mudança, de transição e de adaptação, que por sua vez, terão origem na adoção de novos comportamentos, novas relações e novas percepções de si mesmas e da realidade envolvente, evidenciando uma plasticidade inerente ao funcionamento e desenvolvimento humanos (Fonseca, 2005). Esta noção de desenvolvimento ao longo da vida encontra-se intimamente relacionada com as exigências e as oportunidades com que os indivíduos se vão deparando no curso da mesma (Baltes, 1987), enquanto desempenham um papel ativo no seu próprio desenvolvimento, influenciando-o de forma direta ou através da modulação do seu ambiente, o qual por sua vez também age sobre o desenvolvimento individual, fazendo dos indivíduos produtores e produto do seu processo desenvolvimental (Fonseca, 2005; Baltes, 1987).

As mudanças experienciadas após o término da adolescência podem envolver um processo de adaptação inerente à modificação das condições de vida do indivíduo. Neste sentido, será sobre o desenvolvimento do adulto emergente e a sua ligação com o contexto universitário que se pretende refletir de forma mais aprofundada, incidindo-se sobre a componente íntima e a componente de autoestima. Previamente, torna-se importante enveredar por uma breve referência sobre as perspetivas desenvolvimentistas inerentes a este processo de desenvolvimento.

1.1. Perspetivas Desenvolvimentistas

A “passagem” da adolescência para a idade adulta corresponde a uma fase do ciclo de vida ao longo da qual ocorrem transições desenvolvimentais, consolida-se a identidade pessoal e social, culminando-se na aquisição de um estatuto de adulto (Andrade, 2010).

No entanto, muito se tem discutido e refletido sobre o “momento” entre o final da adolescência e a entrada na vida adulta, originando-se múltiplas conceptualizações sobre o mesmo com o intuito de caracterizar, para alguns autores, esta fase de transição, para outros, este período com características específicas. A “transição” para a adultez tem assim constituído um assunto de interesse entre vários estudiosos, ao longo de vários anos (e.g., Modell, 1989; Sewell & Hauser, 1975).

Parece comum designar esta fase de “transição para a idade adulta”, no entanto poderá ser um conceito carente de uma explicação sobre o que se entende pela transição em si (Arnett, 2000). Também o termo “pós-adolescência” foi utilizado, mas também a este faltava um claro significado que distinguisse a adolescência da jovem adultez (Arnett, 2006b). A designação de “juventude” também parece ser comum, mas também esta parece vaga, abrangendo uma multiplicidade de indivíduos com características bastante diversificadas (Arnett, 2000, 2001). A denominação de

“jovem adulto” também parece insatisfatória, na medida em que contém implícita a noção de se ter atingido a idade adulta, sendo que como veremos, a maioria dos jovens neste período etário refere ainda não sentir ter atingido a adultez. Esta designação parece assim mais apropriada para o período etário que ronda os trinta anos, sendo que apesar de jovens, os indivíduos tendem a sentir-se adultos de uma forma distinta do período anterior (Arnett, 2000).

Erikson (1971) foi um dos primeiros autores a estudar o desenvolvimento ao longo do ciclo de vida. Na sua conceção, o desenvolvimento prende-se com o resultado da interação entre instintos inatos e exigências sociais, sendo que à medida que o indivíduo se desenvolve, a sociedade vai-lhe colocando novas exigências que vão progredindo em complexidade e às quais se deve adaptar. Cada exigência colocada desencadeia uma crise na vida do indivíduo que este terá de resolver, constituindo-se como ideia central a progressiva emergência de um sentido de identidade, que se atingirá na totalidade após a resolução de oito crises que vão surgindo no curso do ciclo de vida (Marchand, 2001).

Erikson (1971) encarava a adolescência como tendo o seu início na puberdade, sendo seguida pela jovem adultez, que culminaria nos quarenta anos, começando nesse momento, a idade adulta média. O trabalho de Erikson (1968, 1971) constituiu umas das contribuições pioneiras para a conceção desta etapa desenvolvimental, sendo que no curso da sua teoria inerente ao desenvolvimento humano ao longo do ciclo de vida, estudou os conceitos de adolescência prolongada “prolonged adolescence” e de “moratória social”, referindo-se ao período durante o qual o jovem adulto devia encontrar um “nicho” de forma a se encaixar em alguma secção da sociedade, através da livre experimentação de papéis. Subjacente a esta explicação, depreende-se que o autor reconheceu este período como caracterizado pela intensificação da experimentação de papéis iniciada na fase da adolescência e pelo adiamento de responsabilidades típicas do mundo adulto.

Também Levinson estudou o desenvolvimento ao longo do ciclo de vida, sendo que de acordo com este autor, este desenvolve-se ao longo de quatro eras ou estações: a que precede a vida adulta “preadulthood”, o início da vida adulta “early adulthood”, a vida adulta intermédia ou meia-idade “middle adulthood” e a vida adulta tardia “late adulthood” (Levinson, Darrow, Klein, Levinson & McKee, 1978). A teoria de Levinson assenta na estrutura de vida, que se desenvolve a partir das interações entre o *self* e o mundo, variando de pessoa para pessoa (Marchand, 2001). De forma sucinta, no que concerne à primeira transição do jovem adulto, esta situa-se entre os dezassete e os vinte e dois anos e estabelece uma ponte entre a infância, a adolescência e a idade adulta. O jovem adulto modifica as suas relações com a família

e começa a assumir um lugar enquanto adulto, constituindo-se a separação relacionada com a crescente independência financeira e o assumir de papéis com alguma responsabilidade, como conceitos-chave (Levinson et al., 1978), enquanto se estabelecem as primeiras ligações com o mundo adulto, explorando possibilidades, consolidando a identidade e enveredando por algumas escolhas a nível familiar e profissional (Marchand, 2001). Concluída esta fase, o jovem entra na era de início da vida adulta, que se compreende entre os vinte e dois e os quarenta e cinco anos, ao longo da qual se perseguem aspirações, se estabelece um “nicho” na sociedade e se tende a desenvolver uma família, culminando na aquisição de uma posição mais segura no mundo adulto (Levinson et al., 1978). No entanto, à semelhança do período de moratória psicossocial proposto por Erikson, também Levinson e colaboradores (1978) desenvolveram uma teoria que incidiu sobre o período etário entre os dezassete e os trinta e três anos, designando-o de um estágio principiante de desenvolvimento “novice phase of development” e caracterizando-o como um momento que envolve a entrada na vida adulta e a construção de uma vida estável. De acordo com o autor, o jovem vê-se envolvido numa panóplia de mudanças suscetíveis de serem acompanhadas de alguma instabilidade e também de possíveis oportunidades a nível profissional e a nível afetivo.

Kenneth Keniston (1965, cit. por Monteiro et al., 2009), por sua vez, também ocupou um lugar de destaque, caracterizando a juventude como um período situado entre a adolescência e a adultez, dedicado à experimentação de papéis e designado como uma fase de “tension between self and society” (Keniston, 1971, p. 8, cit. por Monteiro et al., 2009) e de “refusal of socialization” (Keniston, 1971, p. 9, cit. por Monteiro et al., 2009).

No entanto, segundo Arnett (2000), os períodos descritos pelos autores mencionados têm vindo a sofrer algumas alterações que vão de encontro às mudanças observadas a nível demográfico, no que concerne ao timing destinado ao casamento e à parentalidade. Os estudos sociológicos, por exemplo, colocavam ênfase na importância do casamento na transição para a adultez, juntamente com outras “transições”, como a finalização da educação, o início de um emprego a tempo inteiro e o enveredar pela parentalidade (Modell, 1989). Também em meados do século XX, a maioria das pessoas nas sociedades industrializadas, casava e mantinha um emprego estável por volta dos vinte anos de idade (Arnett, 2007a).

Entretanto, no final do século, este paradigma não se encaixava no padrão destas sociedades (Arnett, 2007a), na medida em que algumas mudanças sociais concederam novos contornos à “transição” para a idade adulta e ao assumir de papéis inerentes à vida adulta por parte dos jovens. Estas mudanças referem-se ao eventual

prolongamento dos estudos e a uma instabilidade profissional que dificulta a entrada dos jovens no mercado de trabalho, à saída mais tardia de casa da família de origem e ao adiamento do papel parental (Andrade, 2010). Neste sentido, a média da idade associada ao casamento e à parentalidade sofreu uma subida, associada a oportunidades de trabalho ou ao ingresso numa educação académica (Arnett, 2007a), inclusivamente em Portugal (Monteiro et al., 2009). Para além desta mudança nos padrões da sociedade, também os costumes sexuais mudaram de forma drástica, tornando-se o sexo pré-conjugal e a coabitação ou união de facto amplamente aceites (Arnett, 2007a).

Previsivelmente, a grande maioria dos jovens vive atualmente o período entre a sua adolescência e os seus vinte e poucos anos, não se contentando com papéis de adulto a longo-prazo, mas sim vivenciando experiências diferentes enquanto percorre, gradualmente, o seu caminho em direção a escolhas de trabalho e escolhas da esfera amorosa (Arnett, 2007a). Compreendeu-se, neste sentido, que a maioria dos jovens não considera o casamento, o terminar da vida escolar, ter um emprego ou tornar-se pai, como importantes sinais para se tornarem adultos (Arnett, 1998; Nelson & Barry, 2005). De acordo com estudos psicológicos, os critérios atualmente importantes para os jovens em relação ao ingresso na vida adulta, prendem-se com qualidades de carácter interiores e individualistas (Arnett, 1997, 1998). A progressiva entrada no mundo adulto parece, desta forma, passar pelo desenvolvimento de competências pessoais de autonomia psicológica e maturidade, tornando-se menos dependente de acontecimentos sociais, como a prática de uma profissão ou o estabelecimento de uma família (Andrade, 2010).

Neste sentido, as mudanças sociais mencionadas colocam novos desafios à forma como os jovens vivenciam a sua passagem para a idade adulta (Andrade, 2010). A partir das contribuições provenientes dos estudos de Erikson, Levinson e Keniston e do seu próprio trabalho, Arnett (2000) propôs uma nova teoria inerente ao desenvolvimento humano, a Teoria da Adulter Emergente, mencionando uma nova fase de desenvolvimento, como o próprio nome indica, a *adulter emergente* “*emerging adulthood*”. Segundo o autor, esta etapa de desenvolvimento circunscreve-se ao período entre os dezoito e os vinte e cinco anos de idade e caracteriza uma fase distinta dos períodos de desenvolvimento da adolescência e da *adulter*, pautando-se por características específicas (Arnett, 2000, 2004, 2006a). É um tempo no qual os indivíduos se consideram demasiado “velhos” para serem adolescentes, mas não plenamente desenvolvidos como adultos (Petrogiannis, 2011). Deixaram para trás a dependência característica da infância e adolescência, mas não enveredando ainda

pelas responsabilidades duradouras da idade adulta (Arnett, 2000), encontrando-se numa situação à qual se pode chamar de “semiadultos”.

Na conceção da Teoria da Adulter Emergente e de vários autores, a estrada para a idade adulta é cada vez mais longa, tornando-se suficiente para constituir não apenas uma simples transição, mas um período separado no curso de vida, menos previsível e mais complexo (Arnett, 2001, 2007a; Arnett & Tanner, 2006; Pais, Cairns & Pappamikail, 2005). Parece perspetivar-se uma progressiva entrada no mundo adulto, livre da pressão de um compromisso com as tradicionais tarefas ligada ao trabalho e à família.

As características típicas desta fase desenvolvimental, explicadas em seguida, envolvem a exploração da identidade, a instabilidade, a autocentração, a vivência do sentimento “in-between” e a perceção de inúmeras possibilidades (Arnett, 2004, 2006a). Tomando em consideração o significado específico desta fase desenvolvimental, importa explorar de forma sucinta as suas características e a envolvimento de cada uma.

A exploração da identidade encontra-se ligada à exploração de várias possibilidades a diversos níveis, nomeadamente a nível da vida profissional e da vida afetiva, sendo ao longo deste processo que o adulto emergente vai clarificando as suas identidades (Monteiro et al., 2009). A esfera do trabalho torna-se mais séria, na medida em que surgem questões sobre o tipo de trabalho que se gostaria de desempenhar a longo-prazo, o que envolve o conhecimento do *self*, das suas capacidades e interesses. Similarmente, também no campo das relações afetivas, vive-se geralmente uma etapa de exploração no que compreende os papéis relacionais, podendo surgir compromissos mais ou menos duradouros (Arnett, 2000). Apesar de as explorações iniciais no campo das relações amorosas geralmente terem lugar na adolescência, será principalmente, ao longo da aduiter emergente que as explorações relacionadas com a identidade no amor tomam lugar. Nesta fase, surgem questões interiores mais sérias relacionadas com o tipo de pessoa que se deseja para formar um relacionamento amoroso a longo-prazo, o que requer o conhecimento de si próprio e das qualidades que são mais importantes para si, num parceiro para um relacionamento com compromisso (Arnett, 2005). Com a entrada na aduiter emergente, as relações amorosas tendem a tornar-se mais íntimas, sérias e assentes numa maior exploração a nível da intimidade física e emocional (Arnett, 2000), deixando para trás o carácter experimental da adolescência (Tanner, Arnett & Leis, 2009).

A instabilidade impõe-se como um traço típico da aduiter emergente, na medida em que as explorações características desta fase fazem com que a mesma se

torne não apenas estimulante, mas também instável. Esta instabilidade pode-se relacionar com o alargamento da escolaridade obrigatória, com a aparente dificuldade de entrada no mercado de trabalho, com o ingresso em profissões mais exigentes, com a possibilidade de acesso a habitação própria ou com a própria construção de um projeto de vida adulta (Arnett, 2000; Monteiro et al., 2009). Neste sentido, Arnett (2000) designa este período de “anos voláteis”, na medida em que são vivenciados com alguma instabilidade.

O sentimento de autocentração ou de autofócus encontra-se estreitamente ligado com a autonomia na gestão das suas vidas, por parte dos adultos emergentes. Esta autonomia é lhes permitida nesta etapa desenvolvimental associada às poucas obrigações sociais que tendem a possuir (Monteiro et al., 2009). As opções tomadas tornam-se mais dependentes da decisão individual, revertendo as consequências para o próprio e contribuindo para que se torne mais centrado em si mesmo (Arnett, 2000).

No que concerne ao sentimento “in-between” ou “estar entre”, este prende-se com a sensação ambivalente de estar a entrar na idade adulta, não se sentido ainda como fazendo completamente parte da mesma. Quando se perguntou a jovens com idades entre os 18 e os 25 anos, se sentiam ter atingido a adultez, a sua maioria respondeu “em alguns aspetos sim, noutros aspetos não” (Arnett, 1997, 1998, 2000, 2001, 2003, 2004). Pode-se referir que o sentimento subjacente ao atingir da idade adulta demora o seu tempo a alcançar (Monteiro et al., 2009), existindo este período ao longo do qual os indivíduos parecem estar entre “um medo e um desejo de crescer”. Pode-se depreender que a autonomia normalmente ansiada na fase da adolescência se pode inserir nesta lógica ambivalente. A liberdade de escolha e exploração podem, desta forma, levar a um paradoxo, envolvendo desejos e sonhos inerentes à idade adulta, concomitantemente à vivência de ansiedades e incertezas para com a mesma (Arnett, 2001). A adultez emergente reflete, deste modo, o sentimento de que não se é mais adolescente, mas apenas parcialmente adulto (e.g., Arnett, 2003). A vida adulta e as suas obrigações oferecem estabilidade e segurança, mas representam também o final da liberdade da adultez emergente (Arnett, 2005).

Por fim, a perceção de inúmeras possibilidades está intimamente relacionada com o otimismo e a esperança no futuro e com a oportunidade de estabelecimento de uma identidade independente e de tomada de decisões sobre o tipo de pessoa que se quer ser e o género de vida que se quer ter. Esta perceção surge também associada à possibilidade que o adulto emergente tem de se distanciar da sua família, tentando enveredar pela construção dos seus próprios caminhos, ao longo desta etapa (Monteiro et al., 2009). Nesta linha, a sensação de independência na adultez emergente surge associada, em parte, às mudanças na relação com os pais, sendo

que um problema enfrentado pela maioria dos adultos emergentes, especialmente os estudantes universitários, prende-se com o desejo de independência e autonomia dos pais, associada a uma ainda dependência financeira dos mesmos (Arnett & Tanner, 2006). A adultez emergente caracteriza também um período de possibilidade em relação a vários comportamentos de risco, possivelmente aliados ao menor controlo parental, tais como sexo desprotegido, consumo de álcool ou outras substâncias, condução perigosa ou induzida pelo álcool (Arnett, 1998).

A adultez emergente pode também revelar-se um período ao longo do qual o “estar sozinho” pode aumentar, na medida em que a maioria dos adultos emergentes tende a abandonar a casa dos pais por volta dos dezoito, dezanove anos devido ao ingresso na universidade ou apenas para viver independentemente. Esta mudança pode ter várias vantagens, concedendo ao adulto emergente uma maior independência e obrigando-o a assumir maior responsabilidade pela sua vida, no entanto tal significa a não envolvimento na segurança do ambiente familiar. Neste sentido, pode surgir um estado de felicidade relacionado com o sentimento de estar por conta própria concomitantemente a um sentimento de solidão (DiTommaso & Spinner, 1997).

Posteriormente à referência dos traços característicos da adultez emergente, importa mencionar que esta nova fase do desenvolvimento se constitui como um período heterogéneo, constituindo-se como pouco estruturado, sendo que as suas características não foram propostas como universais, mas como aquelas que são mais comuns durante a adultez emergente face a qualquer outro período desenvolvimental (Arnett, 2007a). Inclusive, a adultez emergente constitui um período excepcionalmente não estruturado pelas instituições, por exemplo a nível escolar (Arnett, 2005, 2006b), sendo que a eventual continuação na educação é de carácter voluntário e não obrigatório. Neste sentido, as circunstâncias de vida tornam-se diversas, enquanto os seus percursos nas esferas do trabalho e do amor mudam com frequência (Arnett, 2006b).

Sendo este período desenvolvimental não apenas biológico, estendendo-se a uma dimensão social e cultural, importa considerar a possibilidade de variação entre diferentes culturas na perceção de critérios relevantes inerentes à entrada na vida adulta (Arnett, 2003). Neste sentido, as características da adultez emergente podem também variar entre culturas, existindo provavelmente diferenças psicossociais entre adultos emergentes (e.g., Buhl, 2007; Facio & Micocci, 2003).

A adultez emergente envolve um fenómeno internacional, no entanto refere-se na maioria dos casos, a uma classe de jovens nas sociedades industrializadas, de classe média e a frequentar ou que já frequentaram o ensino superior (Arnett, 2000;

Monteiro et al., 2009; Petrogiannis, 2011), onde caracteriza um período de muitas mudanças a nível de trabalho, a nível amoroso e a nível da exploração de visões do mundo (Arnett, 2000, 2006b; Petrogiannis, 2011). A adultez emergente é assim culturalmente construída, verificando-se em culturas nas quais, de modo geral, se tende a adiar a entrada em responsabilidades e papéis adultos até bastante além da fase adolescente, onde se valorizam elevados níveis de educação associados à aquisição de empregos mais prestigiosos, enquanto se tende a adiar o casamento e a parentalidade (Petrogiannis, 2011).

Mensagens populares como “goza a juventude enquanto puderes” traduzem a ideia de que a vida adulta não será tão satisfatória, valorizando desta forma, o período da adultez emergente (Andrade, 2010). A vantagem desta etapa desenvolvimental prende-se com o facto de constituir um período de exploração de opções a múltiplos domínios e vivenciado relativamente distante do controlo das normas sociais da vida adulta (Andrade, 2010). Mas será que a adultez emergente constitui algo benéfico, ou pode ter o seu lado prejudicial?

De acordo com Arnett (2007a), a resposta a esta questão pode ser ambígua. Por um lado, parece agradável pensar que existe um tempo ao longo do qual se pode procurar pelo emprego certo e pelo parceiro amoroso certo, o que pode representar uma melhor oportunidade em termos de felicidade nas esferas do trabalho e do amor. De outro prisma, as expectativas dos adultos emergentes em relação a oportunidades de emprego e de amor tendem a ser extremamente altas, por vezes não se procurando um emprego estável, mas um tipo de trabalho que expresse a identidade, ou não apenas um companheiro confiável, mas uma alma gémea. Se pensarmos que a felicidade pode ser medida pela distância entre o que se espera e o que se consegue adquirir, as eventuais altas expectativas dos adultos emergentes podem dificultar a sua correspondência na vida real (Arnett, 2007a).

No que respeita ao período de vida adulta, os olhares sobre o mesmo são certamente variados. Na conceção de Arnett (1998), tornar-se adulto significa aprender a estar sozinho como uma pessoa autossuficiente, enquanto se desenvolve uma maior consideração pelos outros, evitando comportamentos que os possam prejudicar.

Através de alguns estudos realizados, compreendeu-se que em vários países e culturas, os critérios considerados como os marcadores mais importantes de um estatuto de adulto expressam qualidades de carácter individualista, como o aceitar responsabilidade por si próprio, o tomar de decisões independentes e o tornar-se financeiramente independente, que serão atingidos gradualmente no decurso da adultez emergente (Arnett, 1997, 1998, 2001, 2003; Facio & Micocci, 2003). Outros

critérios que também parecem constituir relevância na percepção de ser adulto, dizem respeito ao cumprimento de regras sociais (Arnett, 2001) e ao estabelecimento de uma relação com os pais como um adulto igual (Arnett, 1997). Os pais desempenham, na adulez emergente, um papel de rede de apoio dos filhos, mantendo geralmente o seu apoio e permitindo-lhes o investimento na aquisição de competências educacionais, profissionais e relacionais, que lhes possibilitem a preparação para a vida adulta (Pappámikail, 2004). Segundo Arnett (2000, 2001), será apenas pelo final dos vinte e início dos trinta anos que a maioria das pessoas sente ter atingido a idade adulta.

De um modo geral e como tem vindo a ser mencionado, a representação sobre o significado de ser adulto que impregna entre os adultos emergentes, parece revestir-se de alguma ambiguidade, sendo incluídos aspetos típicos da fase da adulez emergente e da idade adulta. No entanto, parece depreender-se que o ser adulto implica ingressar numa etapa distinta da que estão a vivenciar (Andrade, 2010). Segundo alguns autores, este período é encarado pelos adultos emergentes como transitório e seguido por uma certa estabilização nos padrões de vida mais convencionais (Brannen & Smitson, 1998).

De acordo com Tanner (2006), podem identificar-se estádios desenvolvimentais dentro da adulez emergente. Nomeadamente uma fase de investimento na formação académica, assente em explorações a nível afetivo e profissional, dando-se os primeiros passos em direção a compromissos mais duradouros e estabelecendo-se fronteiras mais definidas com os pais; e uma fase mais próxima ao alcance do estatuto de adulto, normalmente através do estabelecimento de compromissos a nível profissional.

Será sobre o estudante universitário como um adulto emergente que nos focaremos, refletindo sobre as influências deste contexto tão especial e pautado por uma envolvente de fatores potenciadores do desenvolvimento humano.

1.2. O Estudante Universitário: Um Adulto Emergente

A transição para o Ensino Superior é acompanhada de uma série de mudanças e desafios na vida do adulto emergente que se estendem além do domínio da aprendizagem académica. Implica, na maioria dos casos, a saída de casa pela primeira vez e a conseqüente separação da família e dos amigos, o confronto com um ambiente novo e desconhecido (Soares, Almeida, Diniz & Guisande, 2006; Almeida, Soares & Ferreira, 2001; Chickering & Reisser, 1993; Pascarella & Terenzini, 1991). Esta transição, assim como a frequência da universidade têm constituído uma das esferas mais importantes dentro do estudo do desenvolvimento do adulto emergente (Pascarella & Terenzini, 1991; Terenzini, Pascarella & Bliming, 1996).

Num ponto de vista estritamente acadêmico, o ensino superior caracteriza-se por um ambiente de aprendizagem menos estruturado e mais exigente, no qual se espera uma maior iniciativa e uma crescente autonomia por parte do estudante (VanZile-Tamsen & Livingston, 1999). No entanto, a entrada na universidade não promove apenas a adaptação acadêmica, estendendo-se aos níveis social e afetivo, constituindo-se como facilitadora do desenvolvimento pessoal (Ferreira, Almeida & Soares, 2001). A adaptação ao contexto universitário tem sido, neste sentido, conceptualizada como um processo complexo e multidimensional, cujo impacto depende das características desenvolvimentais do jovem e das exigências deste novo contexto (Almeida et al., 2001; Diniz, 2001; Santos & Almeida, 2001). Esta adaptação tende, desta forma, a orientar-se pela vertente acadêmica e pela vertente social, através das experiências interpessoais (Brower, 1992).

O primeiro ano do ensino superior pode-se revestir de um período mais solitário, mesmo conhecendo novas pessoas, na medida em que apesar de rodeado de muita gente, pode persistir um sentimento de solidão se tais contactos sociais não forem emocionalmente gratificantes (Arnett, 2007b).

A aquisição da identidade e de autonomia impõem-se como tarefas de desenvolvimento cruciais nesta etapa (Diniz, 2001). Erikson (1968) referiu-se ao conceito de identidade como uma propriedade do ego que organiza as experiências e que se constitui na ligação de si mesmo com o ambiente. O contexto universitário coloca-se, deste modo, como propiciador do desenvolvimento do adulto emergente, influenciando a forma como este encara as questões inerentes à construção da sua identidade (Costa, 1991). Esta construção de si mesmo, inserida na fase de desenvolvimento na qual o estudante universitário se encontra, envolve geralmente a escolha de uma futura carreira profissional, um investimento na esfera das relações interpessoais e um estabelecimento de vínculos amorosos ou de papéis sexuais (Costa, 1991; Erikson, 1968; Erikson & Erikson, 1998; Marcia, 1966, 1980; Taveira, 2000).

A transformação maior no processo de construção da identidade tem início na adolescência, constituindo-se a resolução da crise “Identidade vs. Confusão da Identidade” como a principal tarefa deste período, sendo que, como já mencionado e de forma a poder integrar os elementos da identidade enquanto se confronta com diversas possibilidades (Costa, 1991), o adolescente necessita de um período de tolerância por parte da sociedade. Um período de “moratória”, ao longo do qual existe uma permissividade por parte da sociedade (Erikson, 1968), de modo a possibilitar ao jovem a preparação para investimentos adultos, a confiança em si próprio e nos outros e o assimilar da importância inerente ao respeito por esses outros (Sprinthall & Collins,

1999). Após ter desenvolvido este sentimento de identidade ao longo da adolescência, o adulto emergente estará preparado para ligar o seu eu com o de outra pessoa (Marchand, 2001). É na fase seguinte e naquela que se torna mais relevante para este trabalho, “Intimidade vs. Isolamento” que se constitui a questão relacionada com o verdadeiro envolvimento com o outro, quer nas relações de amizade, quer nas relações amorosas, ou pelo contrário, a sua ausência (Erikson, 1968). No que respeita a esta última, envolve uma tendência para o isolamento, distanciando-se daqueles que parecem ameaçar a sua identidade (Marchand, 2001). Por seu lado, a intimidade encontra-se na capacidade do jovem se comprometer nas suas relações, enquanto desenvolve a força para persistir nesses compromissos (Erikson, 1971), pressupondo o abandono do sentimento de que a ligação ao outro ameaça a identidade. No entanto, de acordo com Erikson, não será numa relação a dois que se encontrará a identidade, pelo contrário, apenas adquirindo um sentido de identidade razoável, se consegue estabelecer uma autêntica intimidade com o outro (Marchand, 2001). Este abraçar da intimidade desenvolve-se simultaneamente a um período de transições na vida do adulto emergente, seja para uma vida ativa ou para o ingresso na universidade (Modell, 1989).

Por sua vez, a autonomia parece ser apreendida pelos adultos emergentes como um valor essencial nas suas vidas (Fleming, 1993). Esta autonomia é, na grande maioria das vezes, impulsionada pelo afastamento de casa dos pais, quando se frequenta uma universidade fora do local de residência habitual, o que constitui por seu lado, um importante papel no processo de individuação. O adulto emergente pode agora pensar além da aprovação dos pais, sobre si mesmo e sobre a sua realidade evolvente, redefinindo as suas próprias ideias inerentes à mesma (Diniz, 2001).

Segundo Erikson (1968), as tarefas desenvolvimentais próprias do período no qual os estudantes universitários se encontram, são de cariz intrapessoal, o desenvolvimento da autonomia, e de cariz interpessoal, o desenvolvimento da intimidade, sendo que o relacionamento interpessoal parece constituir uma das áreas mais relevantes para os estudantes universitários (Erikson, 1968; Chickering & Reisser, 1993).

Os anos vividos na universidade revestem-se, deste modo, de uma importância na esfera do desenvolvimento de competências e capacidades para lidar com a complexidade do mundo em redor (Diniz & Almeida, 2006). As tarefas desenvolvimentais que o contexto universitário coloca parecem estar estreitamente relacionadas com aquelas que se impõem no período da adultez emergente. Podemos então olhar para o estudante universitário como um adulto emergente?

Segundo Arnett (2000), os estudantes universitários encontram-se numa etapa distinta da fase de adolescência, caracterizada por uma maturidade física mais avançada e pela construção da identidade através da exploração (Arnett, 2000; Arnett & Tanner, 2006). De um modo geral, são responsáveis pelas suas escolhas não apenas a nível educativo, mas também a nível profissional e afetivo, não vivem em casa dos pais ou quando o fazem, tendem a manter um estilo de vida independente (Andrade, 2010).

Embora a teoria da adultez emergente não se restrinja apenas ao estudante universitário, propondo princípios de desenvolvimento universais, o período estudado no seu contexto corresponde à faixa etária estudada normalmente no contexto universitário, tornando-se especialmente importante considerar o impacto que a frequência do ensino superior pode ter no desenvolvimento do adulto emergente (Monteiro et al., 2009). Na perspetiva de Chickering (Chickering & Reisser, 1993), o contexto universitário impõe-se como uma base para o desenvolvimento psicossocial do estudante, permitindo-lhe desenvolver um sentido de competência, as relações interpessoais, a identidade, um sentido de vida e uma integridade. O ingresso no Ensino Superior parece, deste modo, ter o seu efeito desenvolvimental no adulto emergente, quer a nível indireto pelo adiamento de alguns compromissos, quer a nível mais direto, como o impacto no seu desenvolvimento moral e cognitivo (Rest & Narvaez, 1991; Lourenço, 1994; Pascarella, Bohr, Nora & Terenzini, 1995).

Como tem vindo a ser mencionado, um dos traços característicos da adultez emergente envolve a exploração da vida íntima e afetiva, a qual pode ser por vezes, influenciada pelo próprio contexto universitário. Este tende a ser caracterizado por alguma permissividade a nível sexual e pela possibilidade de interações com múltiplos parceiros. Da perspetiva de alguns autores, o namoro ou o relacionamento com compromisso, sofreu algum declínio no espaço universitário, enquanto as interações sexuais casuais parecem tornar-se a primeira forma de contacto íntimo (Paul, McManus & Hayes, 2000). Por sua vez, também os relacionamentos amorosos parecem exercer a sua influência na satisfação da vida do estudante universitário e no próprio desempenho académico (Vera & Betz, 1992).

Em suma, o percurso universitário constitui-se como desafiante e possibilitador de um crescimento além da aprendizagem académica, abraçando várias esferas cruciais no desenvolvimento do adulto emergente.

De seguida abordar-se-á a autoestima no adulto emergente, como uma tarefa importante deste período desenvolvimental, que poderá ter o seu peso em várias áreas da sua vida, entre elas a vida amorosa.

2. A Autoestima no Adulto Emergente

Existe um vasto leque de conceptualizações inerente ao estudo da autoestima que tem vindo a contribuir para a sua maior compreensão. Rosenberg (1965) e Coopersmith (1989 cit. por Sbicigo, Bandeira & Dell'Aglio, 2010) através de uma metodologia empírica, desenvolveram teorias sobre a autoestima como um importante constructo da personalidade.

Rosenberg (1965) definiu a autoestima como uma atitude positiva ou negativa em relação ao *self*, constituindo uma avaliação que a pessoa faz e geralmente mantém, em relação a si mesma, que implica um sentimento de valor e envolve uma componente predominantemente afetiva, que se traduz numa atitude de aprovação ou desaprovação para consigo. Na sua perspetiva, cada elemento do *self* é avaliado de acordo com o seu valor, desenvolvido durante a infância e a adolescência. Neste sentido, o autor reconheceu uma natureza dual na autoestima, subjacente a uma combinação de estimativas das numerosas e variadas características do indivíduo, na medida em que mesmo inconscientemente, as pessoas atribuem valores positivos ou negativos a cada característica do *self*, resultando numa avaliação global do mesmo (Guindon, 2010). No entanto, apesar de reconhecer esta natureza dual da autoestima, o autor refere um conceito unidimensional da mesma, uma autoestima global ou o sentimento de se ser bom o suficiente (Guindon, 2010).

Por sua vez, segundo Coopersmith (1989 cit. por Sbicigo et al., 2010), o foco essencial da autoestima prende-se com o aspeto valorativo, influenciando a forma como a pessoa escolhe as suas metas, se aceita a si própria, valoriza os outros e projeta as suas expetativas no futuro.

Apesar de alguma variação na definição de autoestima, de um modo geral, esta relaciona-se com a autoimagem, o autoconceito e a autoperceção, referindo-se à forma como as pessoas se veem e se avaliam a si mesmas (Arnett, 2007b). Neste sentido, tem-se mencionado que a autoestima constitui a componente de avaliação do autoconceito (Blascovich & Tomaka, 1991; Rosenberg, 1965), que por sua vez é constituído pelas diversas perceções e descrições que os indivíduos desenvolvem acerca das suas características pessoais, da autoimagem que constroem sobre si próprios, tornando-se progressivamente mais complexo, diferenciado e estável ao longo do processo de desenvolvimento (Santos & Maia, 1999; Cole et al., 2001). Neste sentido, a autoestima envolve a avaliação mais positiva ou negativa que as pessoas fazem sobre os seus atributos (Santos & Maia, 1999).

A autoestima expressa-se através de um continuum, podendo ser baixa, média, alta ou defensiva. Esta última expressão prende-se com um real sentimento de baixa

autoestima mascarado por um mecanismo de defesa expresso pela manifestação de sinais de uma alta autoestima (Guindon, 2010).

Uma autoestima elevada pressupõe que os indivíduos se consideram pessoas de valor, respeitadores de si mesmos pelo que são e não se sentindo necessariamente superiores aos outros, sentindo-se confiantes e competentes (Santos & Maia, 2003; Rosenberg, 1965), expressando, deste modo, um sentimento positivo sobre si mesmos enquanto indivíduos e em comparação com os outros (Powell, 2004). Uma autoestima média expressa-se pela oscilação da pessoa entre o sentimento de aprovação e de rejeição de si mesma (Rosenberg, 1965). Por sua vez, uma autoestima baixa expressa uma desvalorização, uma insatisfação e uma falta de respeito das pessoas em relação a si mesmas, a expressão de um sentimento de incompetência, inadequação e incapacidade para enfrentar desafios (Santos & Maia, 2003, Rosenberg, 1965), podendo-se repercutir numa maior dependência e proteção de si mesmo. As pessoas com uma baixa autoestima tendem a possuir uma baixa autoeficácia e autoconfiança nas suas opiniões e julgamentos pessoais, sentindo-se geralmente mais desconfortáveis na interação com os outros. Esta lacuna na confiança interpessoal pode afetar o sucesso inerente ao relacionamento interpessoal, o que por sua vez se pode repercutir numa danificação da autoestima global (Guindon, 2010). Neste sentido, pode-se experimentar um maior sofrimento emocional, revestindo-se de uma maior dificuldade no alcance da plena felicidade (Guindon, 2010). Uma baixa autoestima correlaciona-se com a depressão (Guindon, 2010; Silverstone & Salsali, 2003).

A autoestima reveste-se deste modo, de uma importância crucial na vida do ser humano, relacionando-se significativamente com a saúde psicológica ou a saúde mental (Silverstone & Salsali, 2003), afetando a motivação, o comportamento e a satisfação (Guindon, 2010), estendendo-se a várias esferas da vida de uma pessoa, entre elas a esfera dos relacionamentos interpessoais, sendo que possuindo um sentimento do próprio valor, a pessoa torna-se mais suscetível de valorizar os outros (Powell, 2004).

Parece existir alguma discussão em torno da estabilidade da autoestima, sendo que alguns autores a têm encarado como um traço, expressando uma estabilidade durante um período de tempo, e como um estado, refletindo uma resposta a determinadas situações ou acontecimentos de vida (Harter & Whitesell, 2003), ao passo que outros referem que o seu desenvolvimento possui descontinuidades, contrariamente a um curso estável ao longo do ciclo de vida (Cole et al., 2001).

Nesta linha, a autoestima parece apresentar uma continuidade inerente ao conjunto de experiências vivenciadas pelo indivíduo, mostrando por seu lado, algumas

mudanças inerentes aos contextos e experiências de vida relacionadas com a idade (Robins & Trzeniewski, 2005). Estes pontos de viragem no desenvolvimento são suscetíveis de modificar ou redirecionar as trajetórias de vida, podendo alterar o comportamento, o afeto, a cognição ou o contexto (Orth, Trzesniewski & Robins, 2010). Estas mudanças expressam o papel do *self* como um constructo psicológico organizado, que influencia a forma como os indivíduos orientam o seu comportamento no enfrentar de novos desafios desenvolvimentais e no seu ambiente (Robins & Trzeniewski, 2005).

Compreende-se, deste modo, que a autoestima se vai desenvolvendo à medida que se cresce, começando a formar-se desde a primeira infância, enquanto se percebe ser valorizado pelos pais e se começa a confiar nos mesmos. No decorrer do ciclo de vida e enquanto se caminha para a adultez, a autoestima é afetada por acontecimentos de vida e pelas pessoas que se conhece, permanecendo-se quase constantemente em julgamento sobre si próprio, muitas vezes em comparação com outros (Powell, 2004). O valor próprio torna-se, desta forma, dependente de valores sociais e, em parte, influenciado pelo feedback, real ou percebido, de outros significativos (Guindon, 2010), o que na visão de Rosenberg (1965), se constitui como um elemento crucial na autoestima. O ser humano tem a necessidade de uma valorização positiva, sendo que a autoestima é aprendida pela interiorização das experiências de valorização por parte de outros (Mosquera, Stobaus & Jesus, 2006) e da relação do indivíduo para consigo próprio.

A forma como nos sentimos sobre nós mesmos parece, desta forma, suscetível de mudar de acordo com as mudanças de vida, podendo ser ainda afetada pela cultura em que se vive (Powell, 2004). Neste sentido, a autoestima pode flutuar ao sabor da influência de expectativas, mudanças de papéis, respostas de outros, entre outras características situacionais (Demo, 1985).

Algumas evidências inerentes ao trajeto ou desenvolvimento da autoestima ao longo do ciclo de vida sugerem que esta aumenta durante a adultez emergente e a idade adulta média, atingindo o seu pico por volta dos sessenta anos e tendendo a declinar na velhice (Orth et al., 2010; Robins, Trzesniewski, Tracy, Gosling & Potter, 2002).

Na medida em que a autoestima parece sofrer algumas oscilações no decorrer do ciclo de vida, faz-se importante refletir sobre a vivência da mesma pelo adulto emergente e sobre a sua relevância neste período do ciclo de vida sobre o qual se tem vindo a pensar.

A entrada na vida adulta implica a resolução de algumas tarefas desenvolvimentais, de forma a se construir gradualmente um projeto pessoal revestido

de uma autonomia psicológica e social. Para além da já referida construção da identidade, também o autoconceito se constitui como importante, integrando vivências pessoais e atribuindo sentido ao curso de vida da pessoa. O adulto emergente poderá, deste modo, construir os próprios valores isentos do constante apoio emocional dos pais (Andrade, 2006). O autoconceito pode, deste modo, constituir uma dimensão fundamental inerente à construção de projetos entre os adultos emergentes.

Como já foi mencionado, o período da adultez emergente é pautado por uma diversidade de comportamentos determinantes e mudanças a vários níveis, acompanhadas pela preparação para a subsequente entrada na vida adulta (Mosquera et al., 2006). Neste sentido, a adultez emergente envolve um período de desenvolvimento crucial a nível da autoestima e do sentido de domínio, que se constituirão como um recurso psicossocial (ou como um défice) durante a subsequente idade adulta (Dwyer et al., 2011).

De acordo com alguns autores, a maioria dos adultos emergentes tende a experienciar um aumento da autoestima (Orth et al., 2010), sendo que alguns estudos apontam para uma maior autoestima nos adultos emergentes do sexo masculino (McMullin & Cairney, 2004; Robins et al., 2002), embora em alguns esta diferença de género seja pequena (Orth et al., 2010; Robins, Hendin, & Trzesniewski, 2001) ou não significativa (Donnellan, Trzesniewski, Conger & Conger, 2007).

Este aparente aumento da autoestima na adultez emergente pode-se relacionar com uma diversidade de fatores. Nesta etapa desenvolvimental, os adultos emergentes já passaram pelas difíceis mudanças da puberdade, tornando-se suscetíveis de se sentirem mais confortáveis com a sua aparência física (na medida em que também nesta etapa a mesma é relevante para a autoestima) (Arnett, 2007b; Mendelson, Mendelson & Andrews, 2000). Também o sentimento de aceitação e aprovação por parte dos pais contribui para a autoestima do adulto emergente, sendo que neste período as relações com os mesmos tendem a melhorar à medida que os conflitos costumam diminuir (Arnett, 2003). A entrada na adultez emergente é também normalmente associada a um maior controlo sobre os contextos sociais da vida diária, tornando possível a escolha de contextos preferidos e a evitação de contextos desagradáveis. Para além das possíveis razões mencionadas e apesar de poucos estudos terem avaliado a emotividade nesta fase de vida, pensa-se que para a maioria das pessoas, o *self* torna-se mais estável e mais feliz à medida que se caminha da adolescência para a adultez emergente (Arnett, 2004).

No entanto, importa mencionar a possibilidade de algumas exceções, sendo que a partir da adolescência, as conceções sobre si mesmo, à semelhança do desenvolvimento cognitivo, tornam-se mais abstratas e complexas (Arnett, 2007b),

podendo surgir a imagem de um *self* ideal correspondente à pessoa que se gostaria de ser. Também os adultos emergentes podem ser inspirados pela visão de um possível *self*, podendo-se estabelecer uma ponte com uma das características típicas deste período desenvolvimental, a idade das possibilidades (Arnett, 2000). Deste modo, coloca-se a hipótese do sentimento de alguma angústia relacionada com uma possível discrepância entre o *self* real e o *self* ideal, entre os adultos emergentes.

No que concerne ao que se pode constituir como influente para a autoestima do adulto emergente, são alguns os fatores suscetíveis de se revestirem de uma importância crucial. De acordo com um estudo longitudinal sobre o desenvolvimento da autoestima desde os catorze aos trinta anos de idade, a estabilidade emocional, a extroversão, a consciência e o sentido de domínio constituíram-se importantes preditores da trajetória da autoestima entre os adultos emergentes (Erol & Orth, 2011). O apoio social e os relacionamentos íntimos também podem deter um importante papel no desenvolvimento da autoestima (Teoh & Nur, 2010; Harter, 1999), sendo que uma relação íntima satisfatória é suscetível de promover a autoestima, à semelhança do que acontece nas relações de amizade e nas relações familiares (Orth et al., 2010).

Inclusivamente, uma relação adulta com os pais por parte do adulto emergente, aliada à percepção de que estes o tratam como um indivíduo adulto e autónomo, possibilita o estabelecimento de uma relação próxima e a compreensão de suporte das suas decisões, o que por sua vez pode contribuir para uma alta autoestima (Skytte, 2010), acrescentando-lhe a capacidade de se perguntar o que quer e dizer não ao que não quer (Galinsky, 2009). Por sua vez, o adulto emergente que é controlado pelos pais, pode depreender que os mesmos não o apoiam e não o permitem viver de forma autónoma, o que pode conduzir a uma baixa autoestima (Skytte, 2010), que neste período desenvolvimental se prende com um fator de risco para resultados negativos em importantes domínios da sua vida (Erol & Orth, 2011).

CAPÍTULO II

A PSICOLOGIA DA ATRAÇÃO, A ESCOLHA AMOROSA, O PAPEL DA AUTOAVALIAÇÃO E DA AUTOESTIMA

1. A Psicologia da Atração

Os primeiros investigadores que se dedicaram ao estudo do complexo mundo da atração, conceptualizaram a mesma como uma atitude ou uma predisposição para responder ao outro de uma forma positiva, caso os seus atributos fossem avaliados positivamente, enquanto se experimentam sentimentos e emoções agradáveis na associação com o mesmo ou são tomadas ações favoráveis para com ele (Berscheid, 1985). A atração interpessoal, que parece constituir um fenómeno humano universal ou quase universal, envolve, deste modo, uma disposição para pensar, sentir e agir positivamente em relação a uma outra pessoa (Jankowiak & Fisher, 1992; Berscheid & Reis, 1998) e que compreende uma mistura de sentimentos, crenças e comportamentos (Berscheid, 1985). De acordo com Byrne & Griffitt (1973), a atração entre indivíduos refere-se especialmente à avaliação afetiva de uma pessoa relativamente a outra, que envolve uma relação entre as características de um potencial alvo de atração e das próprias características da pessoa. Elevados estados emocionais, estados de euforia, energia, alterações de humor, pensamento obsessivo e desejo de união emocional com o alvo de atração podem caracterizar a atração amorosa (Sternberg, 1998; Aron, Fisher, Mashek, Strong, Li & Brown, 2005; Fisher, Aron, Mashek, Li & Brown, 2002), que por sua vez pode constituir um grande fator no início e na continuidade de um relacionamento (Berscheid & Reis, 1998). A atração é geralmente conceptualizada como unidimensional, variando de uma atração negativa para uma atração positiva (Orbuch & Sprecher, 2003). No entanto, segundo alguns autores, a atração englobará duas dimensões independentes, uma positiva e outra negativa, tornando-se possível sentir atração e repulsa por alguém, ao mesmo tempo (Berscheid, 1985; Berscheid & Reis, 1998).

Existem diferentes formas de atração que as pessoas podem experienciar por outras, entre elas a atração de amizade e a atração sexual ou amorosa (Sprecher & Duck, 1994), que estabelecem uma relação com o tipo de relacionamento em consideração, um relacionamento amigável ou um relacionamento amoroso, respetivamente (Orbuch & Sprecher, 2003). Será nesta última forma de atração que nos focaremos, a atração sexual ou amorosa. Torna-se igualmente possível diferenciar variedades de atração, nomeadamente formas leves de atração, o gostar, até formas mais intensas, o amar, constituindo o amor uma variedade particularmente

considerável da atração, ocupando também um lugar importante na escolha de parceiro (Berscheid & Reis, 1998).

A atração desenvolve-se num contexto social, ocorrendo geralmente quando existe um conhecimento mútuo e uma interação mínima entre duas pessoas, sendo que as condições para tal residem, por vezes, no contexto em que as pessoas se movimentam normalmente. Este contexto social da atração “impõe”, de certa forma, algumas normas relacionadas com as características consideradas atraentes noutra pessoa e com a forma como o processo de atração deve desenvolver (Kerckhoff, 1974). O mundo da atração amorosa é pautado por diversos sinais de sedução, entre esguios olhares, corar, sorrisos, vozes ofegantes, risos, toques no outro “por acaso”, entre muitos outros (Amado, 2010), mas o que tornará então uma pessoa atraente aos olhos de outra?

1.1. Fatores de Atração Amorosa

A atração amorosa expressa-se através de variados fatores que levam uma pessoa a experienciar atração por outra e que podem ser influentes na escolha de um parceiro amoroso (Orbuch & Sprecher, 2003; Amado, 2010). Entre este leque de fatores globais de atração amorosa podem-se encontrar a proximidade, a similaridade, a reciprocidade, a complementaridade, o contexto, o timing e as características favorecidas num potencial parceiro amoroso (Walster, Aronson, Abrahams & Rootman, 1966; Amado, 2010), constituindo estas últimas o foco deste trabalho. A proximidade constitui um fator de atração amorosa devido à aparente facilidade no desenvolvimento de relações íntimas com alguém próximo, expressa pelo conhecimento de que grande parte dos relacionamentos amorosos tem início entre pessoas que se movimentam nos mesmos espaços. Entretanto a atração pode não nascer apenas da proximidade dos indivíduos, mas também da sua similaridade, o que vai de encontro à ideia idílica de procura da “alma gémea”. A importância da similaridade na atração amorosa reside na aparente facilidade de construir uma relação com outro alguém que possua uma maneira semelhante de encarar e estar na vida, o que poderá autenticar a nossa forma de ser e minimizar eventuais conflitos (Amado, 2010). De acordo com alguns autores, a similaridade constitui um forte determinante de atração, possivelmente mais valorizado quando se considera um potencial relacionamento a longo-prazo, sendo que o género de semelhança partilhada pode interagir com as características pessoais do indivíduo, influenciando a atração (Berscheid, Dion, Walster & Walster, 1971; Lehr & Geher, 2006; Berscheid & Reis, 1998). De acordo com alguns autores, o efeito de similaridade entre os indivíduos na determinação da atração, parece justificar-se não somente a nível de

opiniões partilhadas, estendendo-se à autoestima, à atração física, etc. (Wilson & Nias, 1976). A reciprocidade parece ocupar um lugar importante no mundo da atração, podendo-se estender a nível de intenções e a nível de investimento, sendo que o primeiro nível refere-se ao interesse mútuo em perseguir um interesse ou uma atração instantânea ou em desenvolver um relacionamento amoroso, expressando o desejo de seduzir ou ser seduzido proveniente de cada pessoa, enquanto o segundo nível diz respeito ao esforço proveniente de cada parte no desenvolvimento da atração e no aprofundar da intimidade, procurando-se um equilíbrio entre o que se dá e o que se recebe (Amado, 2010; Lehr & Geher, 2006). No que concerne ao fator complementaridade, este pode englobar a partilha de papéis, ao longo da qual diversos saberes ou conhecimentos podem ser divididos entre os dois membros de um potencial relacionamento, proporcionando que ambos possam agir como uma unidade. Nesta linha, pode-se mencionar a conhecida teoria de atração dos opostos, tornando-se possível, de acordo com o ponto de vista mencionado anteriormente, que este oposto apenas se torne atraente quando acompanhado de alguma semelhança e quando a oposição se situa num campo complementar (Amado, 2010). O contexto no qual a atração ocorre torna-se importante, na medida em que de acordo com vários estudos, situações novas e emocionantes, produtoras de excitação fisiológica, podem gerar sentimentos de atração e potenciar um ambiente romântico entre as pessoas que as experimentam (Amado, 2010). No entanto, existe alguma controvérsia em torno desta interpretação, na medida em que parece existir uma atribuição errada da emoção ou da excitação, que por sua vez, pode afetar a atração amorosa (White, Fishbein & Rustein, 1981). O timing parece ser importante no mundo da atração, pois a vida é pautada por períodos suscetíveis ao amor e períodos imunes ao mesmo, sendo que muitas vezes, as fases de transição e de mudança favorecem a abertura de uma porta à atração amorosa ou à paixão (Amado, 2010). Por sua vez, no que diz respeito às características favorecidas num potencial parceiro amoroso, estas podem integrar características físicas, características de personalidade e comportamentais, entre outras características (Hattori, 2009). No entanto, quando conhecemos alguém, a sua beleza ou aparência física, em comparação com outras características, acaba por ser avaliada numa questão de instantes, por vezes ainda previamente à consciência de observar essa pessoa. Mesmo antes de a conhecer pessoalmente, é possível sentir-se alguma atração ou repulsa por ela (Amado, 2010; Wilson & Nias, 1976). A atratividade física (um dos fatores de atração global) constitui portanto um leque de características rapidamente evidenciado em primeiros encontros, podendo englobar o que pensamos acerca da outra pessoa, pelo menos numa interação inicial (Amado, 2010), estando tendencialmente associada à inferência de qualidades

peçoais positivas ou características socialmente desejáveis, o que se pode expressar na perfeição através da citação “what is beautiful is good” (Dion, Berscheid & Hatfield, 1972). No entanto, o conteúdo do estereótipo pode diferir através de culturas (Berscheid & Reis, 1998). Também Pinker (1998) refere que a beleza não constitui um sinal de valor. De qualquer forma, a atração física parece provocar um forte efeito na atração, existindo uma grande quantidade de evidências de que a atratividade física influencia a interação entre potenciais parceiros amorosos (Sprecher, 1989; Berscheid & Reis, 1998; Byrne & Griffitt, 1973). Portanto apesar de a beleza expressar a mera aparência, o grau em que a mesma se possui ou não, pode-se tornar importante numa variedade de aspetos na vida das pessoas, incluindo a influência na possibilidade de atrair um potencial parceiro amoroso ou na escolha do mesmo (Wilson & Nias, 1976). No entanto, quando se julga a beleza, os traços físicos não serão, provavelmente, os únicos a ser tomados em consideração, podendo-se fazer acompanhar de outros aspetos (Amado, 2010).

Os fatores referidos podem ser ponderados de acordo com os vários momentos de um relacionamento amoroso, ainda que seja possível a valorização de qualquer um deles em qualquer momento de uma relação (Amado, 2010). Importa acrescentar que os fatores podem interagir entre si e com as características das pessoas, de formas complexas (Sprecher, 1989). Inclusive, os fatores que conduzem ao interesse por uma determinada pessoa, podem envolver as relações amorosas que se observam no ambiente circundante, as relações interpessoais, o estilo de vinculação, a forma de expressão de afeto e de reação ao afeto, as histórias ouvidas, os filmes visionados e os livros lidos, o primeiro beijo e a primeira desilusão amorosa, experiências testemunhadas e experiências passadas, entre muitos outros elementos (Amado, 2010). Torna-se também possível que os determinantes da atração variem através do curso de vida, sendo que aqueles que fazem despoletar a atração na meia-idade e na terceira idade, poderão não ser os mesmos que a fazem surgir entre adultos emergentes (Orbuch & Sprecher, 2003).

1.2. Teorias da Atração Amorosa

O fenómeno da atração amorosa tem recebido algumas conceptualizações, a partir das quais se desenvolveram algumas teorias inerentes ao mesmo (Byrne & Griffitt, 1973). Podem-se referir, inicialmente, dois grupos de teorias da atração, as Teorias Cognitivas da Atração (e.g., Newcomb, 1968 cit. por Byrne & Griffitt, 1973) e as Teorias de Reforço da Atração (e.g., Byrne, 1971 cit. por Meoli, Feinberg & Westgate, 1991).

As Teorias Cognitivas enfatizam as características relacionais entre os elementos de um sistema fechado e composto de, pelo menos, dois indivíduos e um objeto de comunicação, sendo que a sua unidade básica prende-se com a cognição (Blumberg, 1969). De acordo com Newcomb (1968 cit. por Byrne & Griffitt, 1973), os relacionamentos mais agradáveis serão positivamente equilibrados, proporcionando-se quando uma pessoa avalia positivamente outra pessoa, e ambas concordam sobre a sua avaliação em relação a um terceiro objeto. Segundo este modelo de atração, a maior relevância na atração interpessoal é expressa pela relação entre duas pessoas, a qual por sua vez é encarada como principalmente determinada pela similaridade entre ambas relativamente a algo.

Em contraste com as Teorias Cognitivas, as Teorias de Reforço focam-se no estímulo e nas respostas como unidades básicas para a compreensão das interações interpessoais (Byrne & Griffitt, 1973). De acordo com Byrne (1971 cit. por Meoli et al., 1991), a atração constitui uma função da proporção de estímulos de reforço presentes num potencial parceiro amoroso. Ainda nesta linha, foi proposto um modelo de afeto-atração, segundo o qual de entre as várias características que podem tornar uma pessoa numa fonte de recompensa, a atratividade física impõe-se como a primeira (Byrne, London & Reeves, 1968).

Para além das teorias referidas anteriormente, importa ainda mencionar a Teoria da Troca Social (e.g., Thibaut & Kelley, 1959; Homans, 1961) e a Teoria da Autoexpansão (e.g., Aron, Steele, Kashdan & Perez, 2006).

A Teoria da Troca Social aplicada à atração amorosa pode resumir-se ao facto da formação de um potencial relacionamento amoroso se poder tornar facilitada através da capacidade dos seus membros concederem recompensas aos seus potenciais parceiros amorosos, com baixo custo para si mesmos (Thibaut & Kelley, 1959). Neste sentido, os indivíduos iniciam e mantêm-se num relacionamento amoroso, se o mesmo for suficientemente satisfatório em termos das suas recompensas e custos, sugerindo-se que as pessoas maioritariamente preferidas pelos outros possuirão características ou capacidades não possuídas por pessoas menos solicitadas (Thibaut & Kelley, 1959). A presente teoria envolve, deste modo, os conceitos de equidade e de reciprocidade (Chibucos, Leite & Weis, 2005), sendo suscetível que as pessoas se sintam mais confortáveis se percebem receber benefícios de um relacionamento, aproximadamente equitativos aos que as próprias investem no mesmo (Homans, 1961).

Por último e contrariamente às teorias que sublinham a importância da similaridade no mundo da atração amorosa, a Teoria da Autoexpansão sugere que esta similaridade pode ocupar um lugar menos relevante ou até mesmo prejudicar a

atração (Aron et al., 2006). A presente teoria enfatiza uma motivação fundamental por parte do indivíduo para expandir a sua autoeficácia, um desejo de se expandir a si próprio e tornar-se atraente para aqueles que possuem atributos ou recursos percebidos como oportunidades para aumentar esta autoexpansão. Neste sentido, uma forma de as pessoas procurarem a referida autoexpansão será através da formação e da manutenção de relações íntimas, na medida em que neste género de relacionamentos, os recursos, as perspectivas e as identidades do parceiro tornam-se, de certa forma, extensas ao próprio indivíduo (Aron et al., 2006). Neste prisma, as pessoas sentir-se-ão atraídas por aqueles que percebem oferecer o máximo de possibilidades a nível de expansão do *self*, o que por sua vez, levará à maior atração por outros que se revelem diferentes de si (Aron et al., 2006).

Intimamente relacionada com a pesquisa no campo da atração amorosa, encontra-se a pesquisa subjacente à escolha de parceiro amoroso, constituindo esta última um importante resultado da atração (Orbuch & Sprecher, 2003; Berscheid & Reis, 1998). De acordo com alguns autores, será a atração amorosa que envolve um tipo de experiência que motiva os indivíduos a escolher entre potenciais parceiros, caracterizando a fase inicial de um encontro amoroso (Fisher, 1998; Fisher et al., 2002). Na conceção de Fisher (1998), a função da atração será, provavelmente, levar duas pessoas a estarem juntas.

O comportamento de relacionamento entre os seres humanos constitui-se como um dos campos que mais discussão despoleta em todas as culturas (Buss, 1996). A atração entre parceiros amorosos tem constituído algum mistério, pautando discussões e teorias desde o início da história humana, originando um leque de mitos e lendas e despoletando diversas pesquisas em torno do comportamento humano (Hattori, 2009). Quais os mistérios inerentes ao relacionamento entre os seres humanos? Quais os mistérios que residem em torno da escolha amorosa?

Torna-se deste modo desafiante abordar o tema referente à escolha amorosa e especificamente às características favorecidas num potencial parceiro amoroso.

2. Escolha Amorosa

Ao longo da vida, a tomada de decisões nem sempre é um processo fácil. Pelo contrário, exige períodos de reflexão, consulta de pessoas conhecidas ou de profissionais que possam tornar a nossa decisão um pouco mais facilitada. De outro prisma, tomamos outras decisões de uma forma bem mais repentina. Este género de decisões pode-se prender com a escolha de um parceiro amoroso, o que parece envolver uma das mais importantes decisões tomadas durante a vida, e o que

segundo alguns psicólogos, muitas vezes uns segundos são suficientes para uma pessoa saber se a outra poderá alguma vez ser o seu par numa relação amorosa (Amado, 2010; Maliki, 2009). Mesmo antes de nascer, parece estar incorporado nos genes de uma pessoa, uma panóplia de preferências que poderá influenciar o género de pessoas pelas quais esta se interessará. Embora não pareça muito romântico, cada indivíduo transporta dentro de si, consciente ou inconscientemente, um leque de características implícitas que considera importantes num potencial parceiro amoroso (Amado, 2010; Wilson & Nias, 1976).

Na medida em que existe alguma controvérsia relacionada com as diferenças de género na atração amorosa e em relação às características favorecidas num potencial parceiro amoroso por ambos os sexos, torna-se relevante abordar várias perspetivas inerentes à complexidade do tema.

De acordo com a Perspetiva Evolutiva, torna-se crucial primeiramente fazer referência às raízes evolutivas que deram origem a algumas preferências amorosas. Charles Darwin defendeu uma explicação para os mistérios à volta das questões do relacionamento amoroso, que foi de encontro à sua curiosidade para com a forma como os animais desenvolviam características que aparentemente dificultavam a sua sobrevivência. Darwin compreendeu que tais traços tinham evoluído na medida em que se relacionavam com o sucesso reprodutivo individual, constituindo-se como uma vantagem na competição por um parceiro desejável e na continuidade da linha genética (Buss, 1988, 1996). Neste sentido, propôs a Teoria da Seleção Sexual, que se refere à vantagem que alguns indivíduos possuem sobre outros do mesmo sexo e da mesma espécie, no que concerne à questão reprodutiva. Segundo Darwin, a Seleção Sexual pode-se expressar através de duas formas, através de uma competição intrasexual ou de uma competição intersexual. Na primeira forma, os membros do mesmo sexo competem entre si, conferindo ao seu vencedor um maior acesso aos membros do sexo oposto. Por sua vez, na segunda forma, os membros de um sexo elegem um parceiro tomando em consideração as suas preferências por determinadas qualidades (Buss, 1988, 1996). Será nesta forma de Seleção Sexual que nos focaremos.

No entanto, importa referir que a Teoria da Seleção Sexual tem sido, desde a sua proposta, alvo de severas críticas, na medida em que a mesma parece envolver alguns erros de interpretação no que diz respeito à compreensão do processo evolutivo proposto pelo autor e que persistem em algumas linhas de pesquisa. Entre as críticas apontadas à teoria de Darwin, sobressaem a conceção de que a seleção sexual originará sempre diferenças sexuais e a proposta do autor da existência de dois componentes principais da seleção sexual, a competição, que o autor refere ser

exercida entre machos, e a escolha que refere ser realizada por parte das fêmeas, colocando estas últimas dotadas de um papel reprodutivo muito importante no curso da evolução, o que foi praticamente rejeitado por outros estudiosos (Hattori, 2009). Neste sentido, segundo Geary (1998), na espécie humana, ambos os sexos expressam padrões de escolha por parceiros amorosos.

No que diz respeito à aplicação da Seleção Sexual aos Seres Humanos, a mesma teve início nos finais dos anos setenta e oitenta, orientada pelos progressos teóricos de David Buss e colaboradores (Buss, 1996). Através desta nova disciplina, designada de Psicologia Evolutiva, sugeriu-se que a forma de pensar, sentir e comportar poderia ser entendida tomando em consideração os pensamentos, sentimentos e comportamentos que contribuíram para o aumento da sobrevivência e da reprodução das gerações antepassadas (Michalski & Shackelford, 2010). Deste modo, tornou-se possível a identificação de mecanismos psicológicos produto da evolução, que contribuíram para explicar a flexibilidade do comportamento humano e as estratégias inerentes ao relacionamento amoroso (Buss, 1996). Neste sentido, Buss (1989) desenvolveu um estudo que se constituiu como o mais amplo realizado sobre os desejos de acasalamento entre os seres humanos, extenso a trinta e sete culturas localizadas em seis continentes e cinco ilhas, incluindo idades entre os catorze e os setenta anos e atingindo um total de 10 047 pessoas do mundo inteiro.

2.1. Características Favorecidas num Potencial Parceiro Amoroso

A escolha amorosa impõe-se como um tema complexo e repleto de algumas estratégias, na medida em que não se escolhe um parceiro amoroso ao acaso. Pelo contrário, a forma como os indivíduos se relacionam é no fundo estratégica e desenha-se para se alcançar sucesso num possível relacionamento. Estas estratégias, que não requerem uma planificação consciente, constituem-se através de uma visão evolutiva, como o reflexo de soluções adaptativas para os problemas de relacionamento, sendo que por detrás das mesmas se encontram mecanismos psicológicos, entre eles, as preferências por um parceiro amoroso concreto (Buss, 1996). Portanto, de um modo geral, as pessoas não experimentam o mesmo desejo por todos os membros do sexo oposto, existindo uma preferência por certos parceiros amorosos ao invés de outros (Buss, 1996; Buss & Barnes, 1986). De acordo com alguns autores, existem três níveis de preferências na seleção de um potencial parceiro amoroso, as que variam de acordo com o sexo, as que são partilhadas pela maioria dos indivíduos e as que variam entre indivíduos. (Buss, 1985; Buss & Barnes, 1986; Simpson & Gangestad, 1992).

Qual será então a origem de tais preferências?

Segundo um ponto de vista evolucionista, o que se deseja hoje num potencial parceiro amoroso será o reflexo da nossa história evolutiva (Buss, 1996). Nesta linha, deste prisma, os homens e as mulheres são idênticos na maior parte dos campos, diferindo entre si nas áreas em que enfrentaram problemas adaptativos diferentes no curso da história evolutiva humana (Buss, 1996; Buss & Schmitt, 1993). Na medida em que o ser humano apresenta algumas limitações a nível biológico, as mesmas proporcionam o desenvolvimento de algumas estratégias reprodutivas que reproduzem um conjunto de comportamentos que reflete os mecanismos de escolha de parceiros (Sousa, Hattori & Mota, no prelo). Esta escolha de parceiros amorosos, por sua vez, envolverá a avaliação de um leque de características que expressem o valor reprodutivo ou o valor de mercado de um potencial parceiro amoroso (Noe & Hammerstein, 1994; Pawlowski, 2000).

Segundo a Teoria Evolutiva, no que respeita às diferenças inerentes à atração amorosa, as mesmas resultarão de diferenças entre o sexo feminino e o sexo masculino a nível do investimento parental (Trivers, 1972), o que se traduziria numa seleção de parceiros amorosos tendo em vista o aumento do sucesso reprodutivo do indivíduo, sendo que na medida em que cada sexo enfrenta distintas restrições a nível reprodutivo, tal pode conduzir também à valorização de diferentes características nos seus potenciais parceiros amorosos (Hattori, 2009; Pawlowski, 2000). Segundo Trivers (1972), o investimento parental de ambos os sexos nos seus filhos constituir-se-á como a variável-chave que controla a seleção sexual, sendo que este investimento parental envolve qualquer investimento da parte dos pais para com os seus filhos, que aumenta a sua oportunidade de sobrevivência e portanto, o seu sucesso reprodutivo. O investimento parental dos dois sexos afetará os critérios da escolha feminina e da escolha masculina, no entanto o autor enfatiza que a seleção sexual favorece estratégias reprodutivas diferentes para cada sexo. De acordo com uma visão evolutiva, a mulher empreenderá um maior investimento a nível reprodutivo, devido à sua capacidade de fecundação interna e de lactação, que a coloca numa posição de investimento parental obrigatório (Buss, 1996; Hattori, 2009).

No entanto, de acordo com Kenrick, Sadalla, Groth e Trost (1990), o Modelo de Investimento Parental deve ser qualificado para os seres humanos, na medida em que os homens também podem investir bastante nos seus filhos, podendo também tornar-se seletivos em relação às características de potenciais companheiras. Neste sentido, os autores sugeriram o Modelo de Investimento Qualificado, segundo o qual o homem se deve considerar igualmente seletivo relativamente à mulher, no que diz respeito à escolha de companheiras para relacionamentos amorosos a longo-prazo, apesar de

menos seletivo do que a mulher no contexto de relacionamentos amorosos a curto-prazo.

Quais são então as características favorecidas pelo sexo feminino e pelo sexo masculino na escolha de um potencial parceiro amoroso?

2.1.1. Diferenças Sexuais

2.1.1.1. Preferências do Sexo Feminino

Segundo Buss (1996), o que as mulheres realmente procuram num potencial parceiro amoroso tem sido ao longo de vários séculos, um motivo de admiração entre os cientistas e outros indivíduos do sexo masculino, encarando-se as preferências femininas como enigmáticas e complexas.

Na concepção de Buss (1996), uma razão pela qual as mulheres procuram determinadas características num parceiro amoroso, prende-se com o maior investimento da parte destas a nível reprodutivo mencionado anteriormente, na medida em que um simples ato sexual pode representar para a mulher um investimento maior, ou seja uma gravidez. Portanto, a mulher possui recursos reprodutivos excepcionais que não pretende atribuir de uma forma indiscriminada (Buss, 1996), tornando-se compreensível que a mesma expresse uma maior seletividade em termos reprodutivos, quando comparada com o homem (Hattori, 2009). Nesta linha, uma escolha feminina mais vantajosa recairia sobre um parceiro que possuísse capacidade para proporcionar recursos abundantes e para proteger a companheira e os filhos, enquanto se dedicava à família (Buss, 1996; Pinker, 1998). Deste modo, segundo a pesquisa evolucionista, no que concerne à seleção exercida por parte da mulher quando comparada com a seleção exercida pelo homem, a sua escolha tende a encontrar-se bastante influenciada pelos recursos económicos de um potencial parceiro amoroso (Darwin, 1974; Buss, 1989; Pinker, 1998), bem como pelas qualidades que podem conduzir à aquisição dos mesmos, entre elas o estatuto social, a ambição, a capacidade para trabalhar, a diligência, o empenho, a autoconfiança, a idade ligeiramente mais avançada, a qual também se pode associar a um maior nível de maturidade, estabilidade e segurança e a inteligência (Buss, 1989, 1996; Pinker, 1998), que segundo alguns autores, pode acrescentar a possibilidade de benefícios ao nível da concepção de crianças com parceiros inteligentes (Prokosch, Yeo, & Miller, 2005). Hattori (2009) desenvolveu um estudo com 1232 adolescentes brasileiros, com vista a investigar os padrões de escolha de parceiros amorosos. Sendo que os adolescentes parecem assemelhar-se, em alguns aspetos, aos adultos emergentes, no que concerne à escolha de parceiro amoroso, torna-se importante mencionar que

também neste estudo se observou uma preferência por uma idade mais avançada em potenciais parceiros amorosos, por parte das raparigas. Estas atribuíram também um maior valor a traços comportamentais e um menor interesse a traços físicos num potencial parceiro amoroso, comparativamente aos rapazes.

Para além das características associadas ao poder económico de um potencial parceiro amoroso, também as suas características físicas e o seu desejo de compromisso parecem revestir-se de importância na preferência amorosa feminina (Buss, 1996). As características físicas, tais como as qualidades atléticas, o tamanho e a força tendem a refletir indicadores de proteção física (Buss, 1996). A acrescentar aos traços físicos referidos, também a atratividade física constitui a sua importância, sendo que os atributos físicos que a mulher procura como atraentes no homem (face masculina, simetria), podem estender-se além da procura de um companheiro bonito, representando também indicadores de saúde do mesmo (Gangestad & Simpson, 2000; Scheib, Gangestad, & Thornhill, 1999). Por último, o compromisso parece constituir-se como importante devido à possibilidade da mulher enfrentar alguns custos provenientes da relação sexual, que a leve a exigir compromisso por parte de um homem, o qual se pode expressar através de alguns alegados indicadores de fidelidade, de canalização de recursos, tempo, energia e esforços, de apoio emocional e de atos de reprodução (Buss, 1996).

2.1.1.2. Preferências do Sexo Masculino

Segundo uma perspetiva evolutiva, quando comparado com o sexo feminino, o sexo masculino evidencia algumas preferências particulares relacionadas com a escolha de uma potencial parceira amorosa. Seguindo este ponto de vista, numa época antiga, os homens tinham de se casar com mulheres valiosas do ponto de vista reprodutivo, na medida em que para estes, mais do que para a mulher, a reprodução fica um pouco limitada pelo acesso a parceiras férteis (Trivers, 1972).

No entanto, o valor reprodutivo de uma mulher não será expresso de uma forma direta, o que levou o homem a desenvolver mecanismos de perceção dos sinais desse mesmo valor, nomeadamente a manifestação de traços femininos observáveis, entre eles a juventude, a saúde e a atratividade física (Buss, 1996; Buss & Schmitt, 1993; Kenrick et al., 1990; Pinker, 1998). Neste sentido, segundo uma visão evolutiva, a juventude constitui-se como uma importante característica na escolha masculina de uma potencial parceira amorosa, na medida em que a mesma representa um indicador essencial do valor reprodutivo da mulher, em todas as culturas, sendo que a sua capacidade reprodutiva se encontra circunscrita a um período da sua vida, atingindo o seu pico com a maturidade sexual, diminuindo de forma contínua após os vinte anos

de idade, tornando-se baixa aos quarenta anos e desaparecendo a partir dos cinquenta anos, com o aparecimento da menopausa (Buss, 1996). No que concerne à beleza, de uma lógica evolutiva, podem-se observar normas universais de beleza que vão de encontro aos indicadores de uma capacidade reprodutiva, sendo que os nossos antepassados se centravam em traços da aparência física, tais como lábios carnudos, pele clara e sem imperfeições, olhos e cabelo brilhantes e bom tônus muscular; e em traços de comportamento, tais como vitalidade, andar jovem, expressão facial animada e elevado nível de energia (Buss, 1996). Para além da face, também a forma corporal expressa importantes indicadores da capacidade reprodutora feminina (Buss, 1996), sendo que apesar de as preferências masculinas em relação ao volume corporal poderem variar, parece existir uma determinada relação entre o tamanho da cintura e o tamanho dos quadris indicadora da capacidade reprodutiva, constituindo-se também como um sinal de atratividade feminina e um indicador de saúde a longo-prazo (Buss, 1996). No que diz respeito à aparência física, esta constitui-se como uma das diferenças sexuais psicológicas mais documentadas no que concerne às características favorecidas num potencial parceiro amoroso, sendo que o sexo masculino tende a expressar uma preferência maior por potenciais parceiras fisicamente atraentes, em comparação com o sexo feminino (Buss, 1989, 1996). Também no estudo realizado com adolescentes, os rapazes valorizaram maioritariamente características físicas numa potencial parceira amorosa, comparativamente às raparigas (Hattori, 2009). Segundo Buss (1996), o sexo masculino atribui importância à atratividade feminina não apenas pela expressão do valor reprodutivo da mulher, mas também devido às repercussões para a sua posição social, evidenciando uma preocupação com a influência que a sua potencial companheira possa representar no seu estatuto social. Inclusive, Pinker (1998) afirma, com ironia, que o melhor preditor da riqueza de um homem será a aparência da sua mulher e o melhor preditor da aparência da mulher será a riqueza do seu marido.

Segundo a perspectiva evolutiva, a castidade e a fidelidade também constituem duas características valorizadas maioritariamente pelo sexo masculino, quando comparado com o sexo feminino, em relação à escolha de uma potencial parceira amorosa (Buss, 1989; Buss, 1996; Pinker, 1998), o que parece encontrar a sua base no facto de os homens de todas as épocas terem enfrentado problemas relacionados com a certeza de paternidade (Buss, 1989, 1996; Pinker, 1998). Segundo Buss (1996), apesar do valor atribuído à virgindade de um potencial parceiro amoroso ter vindo a diminuir ao longo do tempo e tomando em consideração as diferenças culturais inerentes a esta característica, os homens comparativamente às mulheres, tendem a atribuir uma maior importância a este traço numa potencial parceira amorosa.

A perspectiva evolutiva, predominante na explicação das diferenças sexuais mencionadas anteriormente, parece no entanto oferecer algumas limitações, não predizendo distinções de género em relação a características não consideradas como tendo um efeito sobre os benefícios reprodutivos ou a sobrevivência do *self*, tendo pouco a dizer sobre os indivíduos que optam por não ter filhos ou pela adoção, não abrangendo a possível importância de valorizar a similaridade num parceiro amoroso a longo-prazo e parecendo não considerar o papel que os fatores socioculturais podem deter nas preferências por certas características num potencial parceiro amoroso (Demyan, 2005).

É possível que também alguns determinantes da atração não estabeleçam uma relação linear com a mesma, tornando-se possível, por exemplo, que a aparente tendência feminina para escolher homens um pouco mais velhos possa estar relacionada com o mais precoce amadurecimento da mulher, quando se considera uma faixa etária mais jovem (Wilson & Nias, 1976). Neste sentido, pode-se pensar se a riqueza de um homem aumentará a sua atratividade entre estudantes universitárias, na medida em que o possível interesse por alguém mais velho pode estar, de facto, associado à procura de alguma semelhança em nível de maturidade. É possível ainda argumentar que, como mencionado no capítulo anterior, o período da adultez emergente não envolve, normalmente, uma preocupação com o casamento e o desejo por filhos, sendo que a eventual riqueza de um homem poderá não constituir o seu melhor atributo aos olhos do sexo feminino. Este será, por seu lado, um período maioritariamente pautado pela procura da “alma gémea”. No que respeita à importância concedida à aparência da mulher, a mesma pode atribuir-se não apenas à sua origem biológica, estendendo-se ao condicionamento exercido por parte da sociedade (Wilson & Nias, 1976), que encara a atratividade da mulher como um atributo importante, exercendo alguma pressão sobre a mesma no que respeita à aparência física. Importa ainda acrescentar que os fatores de personalidade tendem a diminuir as diferenças sexuais, constituindo-se como importante considera-los paralelamente às mesmas (Wilson & Nias, 1976).

Deste modo, a seleção de parceiro amoroso focada nas diferenças de género é criticada por alguns investigadores e também encarada de forma distinta através de outras perspetivas.

Do ponto de vista da sociologia, as diferenças de género são encaradas através de diferentes oportunidades sociais experienciadas por homens e mulheres, sendo que a mulher tradicionalmente possuía uma lacuna a nível de meios sociais, educacionais e económicos, enquanto o homem tinha mais liberdade para realizar a

sua escolha amorosa baseada na aparência física e na juventude de uma mulher. Neste sentido, tornava-se plausível que a mulher se focasse na capacidade de fornecer recursos proveniente de um potencial companheiro (Orbuch & Sprecher, 2003; Eagly & Wood, 1999). Também Buss (1996), acabou por relacionar a preferência feminina por potenciais parceiros amorosos com recursos económicos com a falta de poder estrutural que caracterizou a mulher ao longo de grande parte da história evolutiva humana.

No entanto, um conjunto de mudanças sociais podem contribuir para uma mudança nas preferências de características num potencial parceiro amoroso, especialmente considerando um relacionamento a longo-prazo com compromisso, sendo que o aumento do número de mulheres a exercer “trabalhos de força”, antigamente dominados pelos homens, contribuiu para o aumento do acesso da mulher à independência financeira, o que por sua vez tende a originar mudanças na divisão do trabalho doméstico e no valor que o homem concede às habilidades domésticas de uma potencial parceira amorosa (Demyan, 2005). Também Buss, Shackelford, Kirkpatrick e Larsen (2001), através da realização de análises longitudinais, observaram uma maior quantidade de similaridades do que de diferenças entre os sexos, relativamente às preferências amorosas, ao longo das últimas décadas. Nesta linha, é possível que ambos os sexos tenham aumentado a importância concedida à atratividade física e às boas perspectivas financeiras de um potencial parceiro amoroso (Demyan, 2005).

Neste sentido, de acordo com alguns autores, as preferências amorosas foram adaptativas apenas no curso do passado evolutivo, não se esperando que sejam relevantes para o sucesso reprodutivo nas sociedades industriais (Tooby & Cosmides, 1990).

2.1.2. Similaridades Sexuais

Apesar de algumas evidências defenderem a robustez das diferenças sexuais inerentes ao processo de escolha amorosa, apontando para a presença das mesmas independentemente das idades consideradas (Buunk, Dijkstra, Fetchenhauer & Kenrick, 2002), muitas pessoas negam a existência de interessantes diferenças entre os sexos (Pinker, 1998). Nesta linha, as perspectivas referidas anteriormente foram contestadas e desafiadas pelos estudiosos construcionistas sociais, segundo os quais as similaridades entre homens e mulheres, no que concerne à atração amorosa, serão maiores do que as suas diferenças. Segundo este ponto de vista, ambos os sexos procuram características similares num potencial parceiro amoroso, as quais se centrarão em traços referentes à compreensão, ao carinho, à sensibilidade, ao humor,

ao caráter, à honestidade e à sinceridade (Goodwin, 1990; Smith, Waldorf & Trembath, 1990; Wilson & Nias, 1976), portanto características de personalidade consideradas agradáveis (Buss & Barnes, 1986). De acordo com esta perspectiva, as diferenças inerentes à atração amorosa serão maiores dentro de cada sexo comparativamente às diferenças entre os dois sexos (Pines, 1998). Também no estudo realizado com adolescentes se verificaram similaridades sexuais na preferência de características relacionadas com o bom humor, bom cheiro, fidelidade e sinceridade num potencial parceiro amoroso (Hattori, 2009).

Entretanto, entre os estudiosos evolutivos, também Buss (1985) refere existirem algumas similaridades sexuais em relação aos atributos preferidos num potencial parceiro amoroso, por exemplo relativamente a características como a bondade, a inteligência, a confiança, a maturidade, a educação, a sociabilidade e o interesse pela família. Também de acordo com Buss & Schmitt (1993), existem vários domínios nos quais se prevê que ambos os sexos sejam relativamente iguais nas suas estratégias sexuais, nomeadamente no que respeita à preferência por um companheiro cooperante, à procura de compromisso em relacionamentos a longo-prazo e na procura de companheiros com boas capacidades parentais. De acordo com alguns autores, todas as pessoas expressam uma preferência por companheiros com uma boa saúde, de boa aparência e fisicamente atraentes, sendo que até os bebés preferem olhar para faces bonitas (Pinker, 1998; Buss & Barnes, 1986). Segundo Rushton (1989), as pessoas procuram uma similaridade em potenciais parceiros amorosos.

2.1.3. Diferenças Individuais

No que respeita às preferências que variam entre indivíduos, também de acordo com Buss (1985), os indivíduos diferem entre si nas suas preferências de seleção, sendo a escolha de parceiros afetada por estas diferenças individuais. Apesar de algumas características tenderem a ser consensualmente valorizadas, os indivíduos exibem uma variabilidade substancial nos atributos que consideram como mais e menos importantes, na escolha de um parceiro amoroso (Simpson & Gangestad, 1992). De acordo com Fink & Penton-Voak (2002), os indivíduos diferem nos seus julgamentos de atratividade, sendo que nem todas as pessoas consideram exatamente as mesmas faces atraentes. Neste sentido, a beleza será apenas superficial ou residirá na adaptação de quem a vê? (Fink & Penton-Voak, 2002). Estas diferenças individuais podem apaziguar os efeitos das preferências consensuais, tendendo a aumentar a variedade (Buss & Barnes, 1986).

2.1.4. Relacionamentos Amorosos a Curto-prazo e a Longo-prazo

Para além das diferenças/similaridades sexuais e diferenças individuais que podem conduzir a determinadas preferências inerentes à escolha de potenciais parceiros amorosos, por parte do homem e da mulher, as preferências de parceiro amoroso podem também diferir de acordo com o tipo de relação desejada (Miner & Shackelford, 2010).

Gangestad e Simpson (2000) propuseram a Teoria do Pluralismo Estratégico, que foi de encontro à sua visão de que considerar apenas as diferenças sexuais na explicação dos padrões reprodutivos humanos não permitiria abranger o porquê da variação intrasexual. Nesta linha, a teoria proposta pelos autores defende que se podem observar diferentes estratégias com uma ampla variação intrasexual, sendo que a preferência por determinadas características no processo de escolha amorosa pode diferir de acordo com o contexto temporal, através do estabelecimento de relacionamentos amorosos de curto-prazo e de longo-prazo (Buss & Schmitt, 1993). No que concerne à sua definição, o primeiro tipo de relacionamento, que pode envolver *one-night stands*, breves casos ou ligações temporárias, caracteriza-se essencialmente por uma ausência de compromisso e pela possibilidade de sexo casual, sendo que a sua duração temporal pode ser de alguns minutos, algumas horas, alguns dias ou alguns meses, enquanto o segundo tipo de relacionamento é pautado pela existência de um compromisso e por uma expectativa de fidelidade, envolvendo geralmente uma longa duração temporal (Buss, 1996; Buss & Schmitt, 1993; Regan, Levin, Sprecher, Christopher & Cate, 2000), sendo que algumas características podem-se constituir como particularmente importantes nos diferentes contextos relacionais (Regan et al., 2000). Inclusive, algumas diferenças sexuais relacionadas com as características consideradas importantes num potencial parceiro amoroso podem ir de encontro ao tipo de estratégia que se pretende (Hattori, 2009).

Previamente à abordagem das características favorecidas considerando os tipos de relacionamento amoroso mencionados, considerou-se pertinente refletir sobre a eventual disposição inerente ao estabelecimento de cada um, por parte dos indivíduos.

Segundo Buss (1996), homens e mulheres podem reagir de distintas formas perante cada tipo de relacionamento. No que concerne aos relacionamentos amorosos a longo-prazo, a Teoria do Pluralismo Estratégico, referida anteriormente, sugere que a mulher se envolve geralmente neste género de estratégias de relacionamento amoroso (Provost, Troje & Quinsey, 2008), devendo estar atenta para as pistas do potencial parceiro amoroso que possam apontar para uma capacidade e disposição

para investir na família (Wilbur & Campbell, 2010). Também a Teoria do Investimento Parental proposta por Trivers (1972), pode explicar a preferência da mulher por relacionamentos amorosos de longo-prazo, ligada aos seus maiores custos reprodutivos. Também Buss e Schmitt (1993) propuseram uma outra teoria, a Teoria das Estratégias Sexuais, que elucida as preferências para parceiros amorosos casuais e para parceiros amorosos de longo-prazo, caracterizando também a mulher como mais motivada a enveredar por oportunidades de relacionamento a longo-prazo (Buss & Schmitt, 1993). Apesar da preferência por este tipo de relacionamento amoroso parecer prevalecer entre o sexo feminino, também a grande parte dos homens parece querer uma parceira amorosa a longo-prazo, sendo que alguns homens apenas querem este género de parceiras (Miller, Putcha-Bhagavatula & Pedersen, 2002).

No entanto, o compromisso que uma relação a longo-prazo pressupõe nem sempre é o desejado e um relacionamento ao longo da vida com uma única pessoa não constitui uma norma para a humanidade, sendo que ambos, homens e mulheres, por vezes desejam envolver-se em relações amorosas a curto-prazo (Buss, 1996; Buss & Schmitt, 1993). No que respeita aos relacionamentos amorosos a curto-prazo, segundo Buss e Schmitt (1993), o homem, comparativamente à mulher, tende a encontrar-se mais motivado para se envolver nestas oportunidades de relacionamento (Buss & Schmitt, 1993; Pinker, 1998), envolvendo-se neste género de relacionamentos como fins para eles mesmos (Buss & Schmitt, 1993), na medida em que os potenciais benefícios dos mesmos podem superar os seus potenciais custos, pois não corre o risco de engravidar e é menos provável que crie um filho como pai solteiro (Miner & Shackelford, 2010). A Teoria das Estratégias Sexuais evidencia também a tendência feminina para evitar relacionamentos amorosos a curto-prazo, pois os potenciais custos (por exemplo, uma gravidez) dos mesmos podem superar os seus potenciais benefícios (Buss & Schmitt, 1993; Li & Kenrick, 2006). No entanto, também a mulher se pode envolver neste tipo de relacionamento, se os seus benefícios superarem os seus custos, sendo que os benefícios para a mulher podem envolver a possibilidade de relações sexuais com um parceiro atraente com aquilo que uma perspetiva evolutiva poderia apelidar de “alta qualidade genética”, que de outra forma poderia não investir nela, a mudança para um novo parceiro, a aquisição de recursos imediatos ou a evolução para um parceiro a longo-prazo (Wilbur & Campbell, 2010; Buss, 1996; Pinker, 1998, Buss & Schmitt, 1993). Inclusive, se a mulher não enveredasse também por este género de relacionamento amoroso, este desejo não teria evoluído no homem, pois nunca haveria sido recompensado (Pinker, 1998).

Para além das diferenças sexuais no que respeita à disposição para o estabelecimento de relacionamentos amorosos a curto-prazo e a longo-prazo, torna-se

importante abranger o conceito de sociosexualidade, que se refere às diferenças individuais na disposição para enveredar por relações sexuais ausentes de proximidade, compromisso e outros indicadores de ligação emocional, podendo expressar a abertura para o relacionamento amoroso a curto-prazo (Simpson & Gangestad, 1992; Provost et al., 2008). Concretamente, os indivíduos com uma orientação sociosexual mais restrita ou limitada requerem normalmente mais tempo antes de se envolverem sexualmente com os seus parceiros, sendo menos provável que se envolvam em sexo casual ou descomprometido. Por sua vez, os indivíduos sem restrições a nível da orientação sociosexual, requerem normalmente menos tempo antes de se envolverem em relações sexuais com os seus parceiros e tendem a sentir-se mais confortáveis em relação à prática de sexo ausente de amor ou compromisso (Wilbur & Campbell, 2010).

Considerou-se ainda pertinente fazer referência a uma teoria em particular, a Teoria Triangular do Amor de Robert Sternberg. A presente teoria especula sobre a natureza do “amor”, detendo-se sobre o fenómeno de “amar” nos diferentes tipos de relacionamento, sugerindo que o amor pode ser explicado a partir de três componentes, que modificam no desenvolvimento das relações, proporcionando diferentes triângulos, em tamanho e na forma geométrica (Sternberg, 1986). O amor pode ser compreendido, deste modo, a partir de três componentes, intimidade, paixão e decisão/compromisso, que juntas podem ser encaradas como formando os vértices de um triângulo. Muito sucintamente, a intimidade envolve os sentimentos de estreita ligação, proximidade e conexão entre o casal; a paixão engloba o conjunto de impulsos que conduzem ao romance, à atração física, à consumação sexual e ao gostar, numa relação amorosa; e a decisão/compromisso envolve a existência de intenções a curto e a longo prazo de manter o sentimento de amor. Deste modo, a presente teoria pode constituir uma ligação estreita com o tipo de relacionamento estabelecido, na medida em que da mistura das três componentes mencionadas, torna-se possível obter vários tipos de amor, que por sua vez podem originar diferentes relações amorosas. Neste sentido, considera-se importante referir o amor romântico e o amor companheiro. O primeiro mistura intimidade e paixão, levando a que as pessoas que o experienciam sintam atração, gostem de estar juntas, partilhem gostos e perspetivas, não existindo no entanto compromisso, podendo-se estabelecer uma ligação com a predisposição para o estabelecimento de relacionamentos amorosos sem compromisso. O segundo, por sua vez, reúne intimidade e compromisso, caracterizando-se essencialmente por companheirismo e fidelidade, podendo relacionar-se com o estabelecimento de relacionamentos amorosos com compromisso (Sternberg, 1988, 1998). Sternberg (1986) refere ainda como os níveis

das três componentes básicas alteram ao longo das relações, sendo que no seu início, a paixão e a intimidade tendem a intensificar-se, enquanto o nível de compromisso se tende a desenvolver mais lentamente, adotando normalmente um caráter mais firme com o progredir da relação, atingindo o nível da intimidade, enquanto se vive possivelmente, um decréscimo da paixão (Pinto, 2009). Pode-se estabelecer, neste sentido, uma ligação com a possível transformação de relacionamentos sem compromisso em posteriores relacionamentos com compromisso.

Após a incidência sobre possíveis razões que potenciam o estabelecimento dos tipos de relacionamento amoroso mencionados, cabe agora incidir sobre a preferência de características num potencial parceiro amoroso, tendo em consideração as diferentes estratégias de relacionamento.

Segundo Pinker (1998), as pessoas apaixonam-se, sendo que o ingrediente chave envolve uma expressão de compromisso. Nesta linha, de acordo com alguns autores, mais de 90% das pessoas em todas as sociedades, casam em certo momento das suas vidas (Buss, 1985). Parece ser neste tipo de relacionamento, o relacionamento amoroso a longo-prazo com compromisso, que as similaridades entre os dois sexos se observam maioritariamente (Hattori, 2009), sendo que os atributos relacionados com a personalidade e os atributos internos como a honestidade, a confiabilidade, a inteligência, a amabilidade e a gentileza, se podem revestir de uma importância extrema quando se considera um potencial parceiro amoroso (Buss, 1988, 1989, 1996), sendo que tais características se podem refletir no potencial do indivíduo para conceder suporte a nível emocional ao companheiro e aos possíveis filhos (Regan et al., 2000). As características culturais e as crenças similares, como por exemplo a pertença a uma mesma religião, também se podem revestir de importância (Shackelford, Schmitt & Buss, 2005). Ambos os sexos parecem também preferir parceiros amorosos com quem consigam desenvolver um relacionamento compatível, cooperativo e comprometido (Buss, 1989, 1996; Hattori, 2009). Portanto, quando se consideram os requisitos para potenciais parceiros para relacionamentos amorosos a longo-prazo, ambos os sexos parecem ter padrões relativamente altos para várias características (Kenrick et al., 1990; Kenrick, Groth, Trost & Sadalla, 1993; Regan, 1998). No entanto, de um prisma evolutivo, também neste género de relacionamento amoroso parecem existir algumas diferenças sexuais inerentes à escolha de um potencial companheiro, sendo que o sexo feminino, quando comparado com o sexo masculino, parece considerar maioritariamente uma alta posição social, posse de recursos, maior capacidade financeira, ambição e empenho, enquanto o sexo masculino continua a evidenciar a sua preferência por mulheres jovens e atraentes (Buss, 1989).

No que diz respeito à escolha amorosa considerando um relacionamento amoroso a curto-prazo sem compromisso, também a mesma parece envolver algumas similaridades entre sexos, sendo que a atratividade física parece ser uma característica maioritariamente preferida por ambos os sexos (Regan, 1998; Li & Kenrick, 2006; Gangestad & Simpson, 2000; Hattori, 2009), apesar de os homens, comparativamente às mulheres, parecerem exibir uma preferência mais forte pela atratividade de parceiras amorosas a curto-prazo (Li & Kenrick, 2006). Por sua vez, parecem requerer em menor nível características relacionadas com a personalidade, minimizando o seu investimento numa parceira ocasional (Buss, 1996). Por seu lado, as preferências da mulher também parecem mudar de acordo com o que ela procura, se será um parceiro sexual ocasional ou um marido (Buss & Schmitt, 1993), parecendo não se preocupar muito com o desejo de ter filhos e com a capacidade financeira de um parceiro ocasional (Kenrick et al., 1990). No entanto, segundo Buss (1996), os desejos da mulher para com um companheiro a curto-prazo podem também identificar-se aos que deseja num potencial marido, o que poderia refletir a teoria de que esta pode olhar para um companheiro ocasional como um potencial cônjuge, impondo elevados requisitos a ambos. Também os maiores custos reprodutivos associados à mulher podem desencadear a sua maior exigência em ambos os tipos de relacionamento amoroso (Geary, 2000; Landolt, Lalumiere, & Quinsey, 1995).

Importa ainda refletir sobre o grau de seletividade entre homens e mulheres considerando ambos os tipos de relacionamento amoroso, sendo que os homens tendem a apresentar-se menos seletivos em relação às parceiras ocasionais, especialmente em *one-night stands*, mostrando-se quase tao seletivos quanto as mulheres quando consideram uma parceira para um relacionamento amoroso a longo-prazo, prevendo-se que a sua seletividade aumente ao ritmo do seu investimento parental (Buss & Schmitt, 1993; Kenrick, Groth, Trost & Sadalla, 1993; Pedersen, Miller, Putcha-Bhagavatula & Yang, 2002; Kenrick et al., 1990; Regan, 1998; Trivers, 1972).

3. “Como é que eu me vejo, como sou e o que quero para mim”

Após a abordagem das características favorecidas num potencial parceiro amoroso, urge ainda como importante incluir outros fatores que podem ter o seu peso nas preferências amorosas, nomeadamente a Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso e a Autoestima, tomando-se em consideração a sua possível inter-relação. Será que a escolha amorosa é influenciada pela Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso e pela Autoestima? Será que a Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso e a Autoestima estão relacionadas?

3.1. Autoestima e Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso

A autoavaliação ou a autopercepção enquanto parceiro amoroso parece revestir-se de alguma importância, sendo que o valor enquanto parceiro amoroso “*mate value*” tem recebido várias conceptualizações teóricas. De acordo com Kirsner, Figuerdo & Jacobs (2003), o valor enquanto parceiro amoroso prende-se com a “qualidade genética” de um indivíduo enquanto parceiro sexual, expressando-se através de características observáveis. No entanto, cabe acrescentar que o valor enquanto parceiro amoroso não tem de surgir exclusivamente associado ao sucesso reprodutivo do indivíduo. Neste sentido, propõe-se uma definição mais apropriada que se estende à soma das características possuídas por uma pessoa, num determinado momento e num contexto particular e que tem impacto sobre a sua capacidade de encontrar, atrair e manter um potencial parceiro amoroso (Fisher, Cox, Bennett & Gavric, 2008).

Como já mencionado anteriormente, a atratividade física pode-se revestir de importância quando se considera um potencial parceiro amoroso (Bale, 2010), tornando-se provável que a mesma se imponha também como relevante na maioria das autoavaliações das pessoas enquanto parceiras amorosas (Kenrick, Montello, Gutierrez & Trost, 1993).

De acordo com alguns autores, os seres humanos desenvolveram mecanismos de avaliação do seu estatuto e especialmente da sua atratividade, seja por comparação com indivíduos do mesmo sexo ou com indivíduos do sexo oposto (Gilbert, Price & Allan, 1995). Mas serão os indivíduos dotados de uma capacidade precisa para se avaliarem a si mesmos? Até que ponto nos vemos a nós mesmos como os outros nos veem? No que concerne à atratividade, parece pouco claro se os indivíduos se conseguem avaliar a si próprios com precisão (Bale, 2010). Segundo Kalick e Hamilton (1986), as pessoas têm acesso à sua própria classificação de atratividade e à classificação de atratividade de um potencial parceiro amoroso, no entanto apenas esta última possui suporte a nível experimental. Já na perspectiva de Rand e Hall (1983), as pessoas são muito imprecisas quando à classificação da sua própria atratividade.

A autoavaliação enquanto parceiro amoroso constituirá um fator independente ou poder-se-á relacionar com o nível de autoestima de uma pessoa?

Brace e Guy (2004) depreenderam que existe uma associação entre o valor de um indivíduo enquanto parceiro amoroso e a sua autoestima, sendo que a autopercepção da pessoa do seu valor enquanto parceira amorosa pode predizer o seu nível de autoestima (Bale, 2010). Neste sentido, os indivíduos que possuem um alto valor, ou aqueles que se percebem como possuindo um alto valor enquanto

parceiros amorosos, tendem a expressar altos níveis de autoestima (Brace & Guy, 2004).

No que concerne especificamente à atratividade, parece não existir uma numerosa quantidade de estudos publicados incidentes na forma como a autoestima se relaciona com a atratividade física (Bale, 2010), no entanto vários modelos de autoestima assumem a ligação entre ambas (Mruk, 2006). Algumas pesquisas incidentes na relação entre a atratividade física e a autoestima originaram resultados diversos (Shackelford, 2001), alcançando-se através de alguns estudos uma correlação positiva entre a autoavaliação da atratividade física e a autoestima (e.g., Franzoi & Shields, 1984; Franzoi & Herzog, 1986), não se encontrando a mesma relação através de outros (Gabriel, Critelli & Ee, 1994). Franzoi e Shields (1984) e Franzoi & Herzog (1986) demonstraram que a autoestima se relaciona parcialmente com o continuum ao longo do qual os indivíduos se consideram fisicamente atraentes. Também Bale (2010) conclui que a autoestima se relaciona, pelo menos parcialmente, com a atratividade física, sendo que também a atratividade sexual se pode relacionar fortemente com a autoestima, em ambos os sexos

Haverá uma influência mútua entre a autopercepção da atratividade e a autoestima de uma pessoa?

As autoavaliações da atratividade podem pousar sobre a autoestima, sendo que uma positiva autopercepção da atratividade pode causar, em parte, uma alta autoestima nos indivíduos, enquanto uma autopercepção da atratividade negativa pode conduzir a uma baixa autoestima (Bale, 2010). No entanto, de outro prisma, as percepções dos indivíduos da sua própria atratividade podem resultar do seu nível de autoestima. Neste sentido, as pessoas com uma autoestima alta tornam-se suscetíveis de se perceberem a si mesmas como mais atraentes, enquanto as pessoas com uma autoestima baixa se podem perceberem como sendo menos atraentes (Bale, 2010). Por sua vez, um perfeito julgamento da própria atratividade poderá ser alcançado com uma perfeita autoestima (Kaznatcheev, Brown & Shultz, 2010). Neste sentido, a autoestima parece mediar a autopercepção da atratividade.

3.2. Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso e Escolha Amorosa

Do you are an attractive person who is attracted to another attractive person?
(Zimmerman, 2010).

A avaliação de um potencial parceiro amoroso por parte de um indivíduo parece depender também de outras avaliações, nomeadamente da sua autoavaliação enquanto parceiro amoroso (Hattori, 2009).

O sentimento da própria atratividade percebida pelo indivíduo pode-se encontrar intimamente relacionado com o gênero de pessoas que o atraem (Zimmerman, 2010), sendo que na perspectiva de alguns autores, as pessoas atraentes tendem a expressar uma preferência ou a envolverem-se com pessoas igualmente atraentes (Lee, Loewenstein, Ariely, Hong & Young, 2008; Buston & Emlen, 2003; Little, Burt, Penton-Voak & Perret, 2001). Nesta direção, Walster et al. (1966) propuseram uma hipótese de correspondência, prevendo que ao fazer uma escolha realista, um indivíduo tende a escolher um parceiro amoroso de idêntica atratividade física. Apesar desta hipótese de correspondência não ser bem suportada a nível experimental, ganha sentido quando se estuda a correlação entre a atratividade do homem e a atratividade da mulher num casal real (Kalick & Hamilton, 1986), tendo-se alcançado correlações altas em vários estudos (e.g., Critelli & Waid, 1980), que vão aumentando em consonância com o aumento do nível de envolvimento do relacionamento (White, 1980).

A correspondência de atratividade pode ser explicada através de várias teorias, nomeadamente das teorias de mercado, que referem que as pessoas atraentes tendem a procurar-se entre si como potenciais parceiros amorosos, permanecendo as pessoas menos atraentes “livres” de escolherem entre si (Hitsch, Hortacsu & Ariely, 2006; Kalick & Hamilton, 1986).

Inerente a esta hipótese de correspondência da atratividade pode-se levantar uma questão relacionada com o efeito da atratividade de uma pessoa na sua perceção da atratividade de um potencial parceiro amoroso. Será que um potencial parceiro amoroso parece mais atraente aos olhos de um indivíduo percebido como suscetível de atrair apenas parceiros de atratividade média, do que aos olhos de uma pessoa percebida como suscetível de atrair parceiros mais atraentes (Lee et al., 2008)? De acordo com uma panóplia de estudos, depreendeu-se que as pessoas parecem possuir padrões de beleza praticamente universais e culturalmente independentes (Berscheid & Reis, 1998; Langlois & Roggman, 1990; McArthur & Berry, 1987), sendo que os mesmos vão de encontro à hipótese de que independentemente do nível de atratividade física de uma pessoa e do quanto este pode afetar o gênero de potenciais parceiros amorosos que procura, as pessoas podem ter uma visão realista do quão atraente fisicamente esses potenciais parceiros são. Neste sentido, as pessoas com diferentes níveis de atratividade não usam lentes diferentes ao julgar a atratividade dos outros, podendo diferir apenas na importância que colocam nos atributos desejáveis em potenciais parceiros amorosos (Lee et al., 2008). Integral à escolha de parceiros amorosos parece encontrar-se, deste modo, a relação dos atributos do indivíduo com os atributos de um potencial parceiro amoroso (Buunk et al., 2002).

Torna-se importante acrescentar que embora as pessoas com níveis similares de atratividade física pareçam possuir uma tendência para se relacionar entre si, são também suscetíveis de preferir relacionar-se com outros moderadamente mais atraentes (Lee et al., 2008). Foram realizados alguns estudos que alcançaram resultados neste sentido, nomeadamente Curran e Lippold (1975) encontraram um grande impacto da aparência na atração. Neste sentido, pensa-se que as pessoas podem de facto preferir um companheiro atraente, no entanto podem estar preparadas para aceitar menos, se for necessário (Wilson & Nias, 1976).

Nesta linha, o valor enquanto parceiro amoroso, mencionado anteriormente, torna-se suscetível de influenciar as preferências por potenciais parceiros amorosos, através de mecanismos que calibram estas preferências de acordo com as características que um indivíduo pode esperar obter num companheiro, sendo que no ponto de vista de alguns autores, estes mecanismos podem prevenir o investimento em indivíduos que provavelmente não seriam suscetíveis de retribuir o interesse (Buss & Shackelford, 2008). Segundo Buss (2006), os indivíduos de ambos sexos tendem a estabelecer relacionamentos com outros de semelhante “*mate value*”. Neste sentido, as pessoas estarão, de certa forma, conscientes do seu próprio valor enquanto parceiro amoroso, no momento de fazerem as suas escolhas amorosas (Pawłowski & Dunbar, 1999).

3.3. Autoestima e Escolha Amorosa

Para além da autoavaliação enquanto parceiro amoroso, também a autoestima pode desempenhar o seu papel na escolha amorosa, sendo suscetível de influenciar o género de pessoas por quem um indivíduo se sente atraído (Zimmernan, 2010).

A autoestima pode-se constituir como relevante nas relações amorosas, na medida em que o grau em que as pessoas se sentem bem consigo mesmas, pode exercer uma influência sobre os padrões mínimos que estabelecem para com os seus potenciais parceiros amorosos (Zeigler-Hill, Campe & Myers, 2009).

De acordo com Walster (1965), as pessoas que possuem uma autoestima alta, podem sentir que têm muito para oferecer ao outro, tornando-se suscetíveis de sentir que merecem alguém mais apresentável ou mais atraente, do que o fazem geralmente as pessoas com um baixo amor-próprio. Podem, neste sentido, tornar-se mais suscetíveis de atrair potenciais parceiros amorosos mais próximos do seu ideal, do que as pessoas que não se têm em grande conta. Por sua vez, as pessoas que possuem uma baixa autoestima, tendem a ser menos exigentes para com potenciais parceiros amorosos (Wilson & Nias, 1976). Também de acordo com Zeigler-Hill et al. (2009), as pessoas que se avaliam a si mesmas positivamente, são mais suscetíveis

de estabelecer padrões relativamente altos para potenciais parceiros amorosos, em comparação com os padrões estabelecidos por pessoas que possuem autoavaliações menos positivas.

No entanto, a possível influência da autoestima na escolha amorosa pode diferenciar tendo em consideração o nível de envolvimento relacional (Zeigler-Hill et al., 2009). Deste modo, considerando um relacionamento de maior investimento ou um relacionamento a longo-prazo com compromisso, constatou-se através de algumas pesquisas, uma relação entre as autoavaliações de domínios específicos e os padrões mínimos exigidos num potencial parceiro amoroso, sendo que as pessoas com autoavaliações mais positivas em domínios particulares tendem a ser mais exigentes para com potenciais parceiros amorosos, relativamente às pessoas com autoavaliações menos positivas (Buunk et al., 2002; Kenrick, Montello, Gutierrez & Trost, 1993). Por sua vez, no que diz respeito aos relacionamentos de menor investimento ou relacionamentos a curto-prazo sem compromisso, apontam-se algumas diferenças sexuais, sendo que a mulher que possui uma imagem de si mesma positiva em dimensões específicas, tende a ser mais exigente para com potenciais parceiros amorosos, nessas mesmas dimensões, independentemente do nível de envolvimento relacional, enquanto o homem que possui uma imagem de si mesmo positiva, não se torna mais discriminativo ou exigente para com potenciais parceiras amorosas, considerando um relacionamento de menor investimento (Zeigler-Hill et al., 2009). Inclusive, uma alta autoestima por parte do sexo masculino está geralmente associada a requisitos mínimos baixos considerando uma potencial parceira amorosa para um relacionamento de menor investimento, enquanto uma baixa autoestima se pode associar a uma maior preocupação com as implicações que uma parceira menos desejável pode ter na sua reputação, podendo refletir negativamente sobre si (Zeigler-Hill et al., 2009) ou implicar o seu valor enquanto parceiro amoroso aos seus olhos e aos olhos de outros. Sucintamente, os homens que possuem uma autoestima alta podem tornar-se mais suscetíveis de se envolver em relacionamentos a curto-prazo sem compromisso, devido à sua maior expectativa de sucesso e à capacidade para aceitar os possíveis riscos associados à aceitação de requisitos mínimos menores (Zeigler-Hill et al., 2009), tendendo a ser confiantes no valor das suas características (Campbell, Trapnell, Heine, Katz, Lavalley & Lehman, 1996) e preocupando-se menos com as possíveis implicações de encontros ocasionais com uma parceira menos desejável na sua reputação, enquanto os homens com uma baixa autoestima podem manter os seus padrões para com potenciais parceiras, considerando relacionamentos de menor investimento (Zeigler-Hill et al., 2009). Por sua vez, na conceção de Berscheid e Walster (1974), os homens

com uma baixa autoestima tendem a ser relutantes em se aproximarem de mulheres fisicamente atraentes.

PARTE II
ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO III

ESTUDO EMPÍRICO

1. Enquadramento do Estudo, Objetivos e Hipóteses

Um crescente corpo de pesquisa tem demonstrado que as relações interpessoais ocupam um lugar central e bastante significativo na vida das pessoas (e.g., Berscheid, 1999; Myers & Diener, 1995). Na perspectiva de Buss (1996), os relacionamentos amorosos proporcionam uma das mais profundas satisfações da vida. Neste sentido, torna-se possível estabelecer uma relação positiva entre a satisfação com os relacionamentos íntimos e a saúde mental e física dos indivíduos (Traupmann & Hatfield, 1981; Orbuch & Sprecher, 2003). Inerente à atração e ao estabelecimento de relacionamentos amorosos, reside a escolha amorosa. Neste sentido, justifica-se a relevância do presente estudo dentro da área de Psicologia Clínica e da Saúde.

O conceito de atração amorosa tem recebido pouca explicação (Berscheid & Reis, 1998), constituindo um tema relativamente recente no estudo da Psicologia. No que respeita concretamente à escolha amorosa, apesar de a mesma ter vindo a ser estudada desde uma época mais remota, várias têm sido as mudanças ocorridas na sociedade, suscetíveis de influenciar as possíveis características tendencialmente preferidas num potencial parceiro amoroso, considerando-se importante enveredar pelo seu estudo. Como mencionado na introdução teórica, pensa-se que poderá existir alguma diferença inerente ao peso colocado em determinadas características num potencial parceiro amoroso, de acordo com o nível de envolvimento relacional, tornando-se pertinente poder verificar a veracidade desta premissa.

De acordo com a literatura, torna-se relevante adicionar à questão inerente à preferência de características na escolha de potenciais parceiros amorosos, as variáveis Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso e Autoestima, na medida em que como mencionado na introdução teórica, ambas parecem estar, de alguma forma, relacionadas com a escolha amorosa, e por sua vez, com o bem-estar da pessoa. Segundo alguns autores, a autoavaliação enquanto parceiro amoroso no momento de escolher um potencial companheiro, pode suscitar uma maior satisfação e sucesso nos relacionamentos amorosos (Pines, 2005), enquanto a autoestima, por seu lado, é encarada como um preditor de bons resultados, na esfera dos relacionamentos interpessoais (Trzesniewski, Donnellan & Robins, 2003). Nesta linha, considerou-se pertinente averiguar a possível influência destas variáveis sobre o nível de importância atribuído às características de um potencial parceiro amoroso, em relações de curto e longo prazo.

Noutro prisma, o momento em que não se é mais adolescente, mas ainda não totalmente adulto, foi bastante discutido por vários estudiosos (e.g., Modell, 1989; Sewell & Hauser, 1975), dificultando a reunião de um consenso absoluto, sendo apenas com a chegada da segunda década do século XX e com o conjunto de mudanças a nível socioeconómico, o alargar da escolarização e a evolução inerente à compreensão do próprio processo de desenvolvimento humano, que emergiu como importante o olhar atento sobre esta etapa do ciclo vital. Concomitantemente a estas mudanças, o estudo de Arnett (2000) constituiu-se como imperativo, concedendo um esclarecimento teórico claro a esta fase desenvolvimental, dotado de uma designação específica: Adulter Emergente, de um limite temporal (com início por volta dos dezoito anos e término por volta dos vinte e cinco) e de características apropriadas, diminuindo a dúvida e a escassez de conhecimento teórico em torno desta etapa.

Especialmente nas sociedades ocidentais, os estudantes universitários têm representado este período, na medida em que a sua maioria abandona a casa dos pais devido à frequência de uma universidade fora do seu local de residência, partindo à procura de uma autonomia ansiada na adolescência, mas ainda revestida de um receio de entrada na vida adulta. A entrada na universidade e os anos seguintes impõem-se como um período de exploração para o futuro, sendo que como adulto emergente, uma das tarefas que concerne ao estudante passa pelo aprofundar da intimidade ou pela formação de relações amorosas, que nesta etapa se tornam normalmente mais íntimas e sérias (Arnett, 2000).

Na medida em que a subsequente entrada no mundo adulto implica a resolução de algumas tarefas desenvolvimentais, para além da construção da identidade e do alcançar de autonomia, também a autoestima se constitui como importante para o adulto emergente, possibilitando-o construir os próprios valores ausente do apoio emocional dos pais (Andrade, 2006). Inclusive, na medida em que a aduiter emergente envolve a preparação para a entrada na vida adulta, envolve concomitantemente um período de desenvolvimento fundamental a nível da autoestima, que se constituirá como um recurso psicossocial durante essa etapa seguinte (Dwyer, McCloud & Hodson, 2011), tornando ainda mais relevante a incidência sobre esta variável no presente estudo.

Mediante a pesquisa bibliográfica realizada e tendo em consideração o impacto que uma relação amorosa pode ter num indivíduo, surgiu como objetivo geral do presente estudo identificar quais as características favorecidas na escolha de potenciais parceiros amorosos, entre alunos universitários, em relações de curto e

longo prazo e, perceber se a autoavaliação enquanto parceiro amoroso e a autoestima influenciam o nível de importância nessa escolha. Mais especificamente:

1) Na medida em que o relacionamento entre os seres humanos se impõe como um dos campos que mais discussão despoleta em todas as culturas (Buss, 1996), sendo que a atração entre parceiros amorosos se tem revestido de algum mistério desde o início da história humana (Hattori, 2009), pretende-se identificar que grupos de características os sujeitos preferem, na escolha de potenciais parceiros amorosos, bem como as possíveis diferenças e similaridades sexuais na preferência das mesmas.

Com vista a responder ao presente objetivo, surgiu a seguinte hipótese:

H1: Existem diferenças sexuais estatisticamente significativas na preferência por características na escolha de um potencial parceiro amoroso.

2) Sendo que as preferências de parceiro amoroso podem variar de acordo com o tipo de relacionamento desejado (Miner & Shackelford, 2010) e a valorização de determinadas características no processo de escolha amorosa pode diferir de acordo com o contexto temporal ou com o nível de envolvimento relacional, através do estabelecimento de relacionamentos amorosos de curto-prazo sem compromisso ou de longo-prazo com compromisso (Buss & Schmitt, 1993), aspira-se também identificar que grupos de características os sujeitos preferem, na escolha de potenciais parceiros amorosos, para relacionamentos de curto-prazo sem compromisso, tal como as possíveis similaridades e diferenças sexuais na sua preferência.

De forma a responder ao objetivo proposto, delineou-se a seguinte hipótese:

H2: Existem diferenças sexuais estatisticamente significativas na preferência por características num potencial parceiro amoroso, para um relacionamento de curto-prazo sem compromisso.

3) Do objetivo anterior decorreu o objetivo de identificar que grupos de características os sujeitos preferem, na escolha de potenciais parceiros amorosos, para relacionamentos de longo-prazo com compromisso, bem como as possíveis diferenças e similaridades sexuais na preferência dos mesmos.

Com vista a responder ao objetivo, colocou-se a seguinte hipótese:

H3: Existem diferenças sexuais estatisticamente significativas na preferência por características num potencial parceiro amoroso, para um relacionamento de longo-prazo com compromisso.

4) A partir dos dois objetivos anteriores, surgiu o objetivo de compreender se existem diferenças na preferência de características num potencial parceiro amoroso, para um relacionamento de curto-prazo sem compromisso e para um relacionamento

de longo-prazo com compromisso, entre os estudantes que se encontram numa relação amorosa e os estudantes que não se encontram numa relação amorosa.

Com o intuito de dar resposta ao objetivo apresentado, hipotetizou-se que:

H4a: Existem diferenças estatisticamente significativas nas características favorecidas num potencial parceiro amoroso para um relacionamento de curto-prazo sem compromisso, entre os estudantes que estão numa relação amorosa e os estudantes que não estão numa relação amorosa.

H4b: Existem diferenças estatisticamente significativas nas características favorecidas num potencial parceiro amoroso para um relacionamento de longo-prazo com compromisso, entre os estudantes que estão numa relação amorosa e os estudantes que não estão numa relação amorosa.

5) De acordo com alguns autores, existe uma relação entre a autoavaliação enquanto parceiro amoroso e a autoestima de uma pessoa (Brace & Guy, 2004). Neste sentido, espera-se compreender se o nível de autoestima influencia a autoavaliação enquanto parceiro amoroso.

De forma a dar resposta ao presente objetivo, surgiu a seguinte hipótese:

H5: Existe uma correlação estatisticamente significativa entre a Autoestima e a Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso.

6) Por fim, a autoavaliação de um indivíduo enquanto parceiro amoroso e o seu nível de autoestima parecem desempenhar o seu papel na escolha amorosa, podendo-se tornar suscetíveis de influenciar o género de pessoas por quem este se sente atraído (Hattori, 2009; Zimmerman, 2010). Deste modo, procura-se avaliar as influências da autoavaliação enquanto parceiro amoroso e da autoestima, sobre o grau de importância nas características favorecidas num potencial parceiro amoroso, para relacionamentos de curto e longo prazo.

Sob forma de alcançar o objetivo referido, hipotetizou-se que:

H6a: Existem correlações estatisticamente significativas entre a Autoestima e as Características Favorecidas num Potencial Parceiro Amoroso para um Relacionamento de Curto-prazo sem Compromisso.

H6b: Existem correlações estatisticamente significativas entre a Autoestima e as Características Favorecidas num Potencial Parceiro Amoroso para um Relacionamento de Longo-prazo com Compromisso.

H6c: Existem correlações estatisticamente significativas entre a Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso e as Características Favorecidas num Potencial Parceiro Amoroso para um Relacionamento de Curto-prazo sem Compromisso.

H6d: Existem correlações estatisticamente significativas entre a Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso e as Características Favorecidas num Potencial Parceiro Amoroso para um Relacionamento de Longo-prazo com Compromisso.

2. Metodologia

2.1. Participantes

No presente estudo, participaram 250 Estudantes Universitários, pertencentes à Universidade de Évora, a frequentar o primeiro e o segundo ciclo de estudos, nomeadamente Licenciatura e Mestrado. A escolha da instituição prendeu-se com a conveniência do autor, utilizando-se neste sentido o método de amostragem não probabilística por conveniência (amostra de elementos convenientes). De acordo com a aceitação demonstrada pelos docentes, selecionaram-se turmas dos diferentes anos do primeiro ciclo – Licenciatura e do segundo ciclo – Mestrado. A incidência sobre os dois ciclos de estudos prendeu-se com a possibilidade de uma amostra mais vasta e diversificada.

No que concerne aos critérios de inclusão na amostra, os participantes deveriam ter idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, na medida em que de acordo com Arnett (2000), este constituirá sensivelmente o período etário abrangido pela Adulterez Emergente. Neste sentido, mediante o critério mencionado, foram excluídos 26 sujeitos, obtendo-se uma amostra final constituída por 224 participantes. Relativamente ao sexo dos sujeitos, 154 (68.8%) são do sexo feminino e 70 (31.3%) são do sexo masculino. 100 (44.6%) participantes encontravam-se numa relação amorosa e 124 (55.4%) participantes não se encontravam numa relação amorosa.

As idades dos participantes compreendem-se entre os 18 e os 25 anos, sendo a sua média de 20.73 e o desvio padrão de 1.96. A idade mais frequente na amostra foi de 19 anos.

Encontrou-se um total de 21 (9.4%) estudantes com 18 anos, 55 (24.6%) estudantes com 19 anos, 41 (18.3%) estudantes com 20 anos, 36 (16.1%) estudantes com 21 anos, 30 (13.4%) estudantes com 22 anos, 13 (5.8%) estudantes com 23 anos, 15 (6.7%) estudantes com 24 anos e 13 (5.8%) estudantes com 25 anos.

No Quadro 1 (Anexo 1) é possível observar, com mais pormenor, a distribuição dos estudantes de ambos os sexos pelas idades.

No que respeita à distribuição dos alunos por ciclo de estudos, 190 (84.8%) pertencem à Licenciatura e 34 (15.2%) pertencem ao Mestrado. Relativamente à distribuição dos estudantes por ano de curso, 99 (44.2%) frequentavam o primeiro ano de licenciatura, 28 (12.5%) frequentavam o segundo ano de licenciatura, 63 (28.1%)

eram finalistas de licenciatura, 22 (9.8%) frequentavam o primeiro ano de mestrado e 12 (5.4%) frequentavam o segundo ano de mestrado.

No Quadro 2 (Anexo 1) pode-se observar mais detalhadamente a distribuição dos estudantes por sexo e ano de curso.

No Quadro 3 (Anexo 1) pode-se constatar a distribuição detalhada dos estudantes por ano de curso e idade.

2.2. Instrumentos

No presente estudo, foi solicitado aos participantes a resposta a um Protocolo de Investigação (ver Anexo 2) constituído por: a) um Questionário Sociodemográfico e b) cinco instrumentos: uma versão portuguesa da *Rosenberg Self-Esteem Scale* (Santos & Maia, 1999, 2003); um *Questionário de Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso*; um *Questionário de Avaliação do Grau de Importância de Características num Potencial Parceiro Amoroso*; um *Questionário de avaliação do Grau de Importância de Características na Escolha de Potenciais Parceiros Amorosos, para relacionamentos de curto-prazo sem compromisso*; e um *Questionário de Avaliação do Grau de Importância de Características na Escolha de Potenciais Parceiros Amorosos, para relacionamentos de longo-prazo com compromisso* (baseados nos instrumentos de Hatorri, 2009).

O protocolo de investigação foi acompanhado de uma folha introdutória, na qual se encontravam as informações referentes à identificação do autor e do orientador do estudo, o contexto em que o mesmo se insere, a duração média do preenchimento do protocolo (aproximadamente entre quinze a vinte minutos), o anonimato das respostas dadas (unicamente submetidas a tratamento estatístico inerente à investigação) e um alerta para a importância da sinceridade, da espontaneidade e da resposta a todos os itens apresentados, sublinhando-se a necessidade de uma leitura atenta das indicações de preenchimento e da não partilha de opiniões com ninguém.

a) Questionário Sociodemográfico

No âmbito do Questionário Sociodemográfico, os participantes foram solicitados a indicar o sexo, a idade, o ano de curso e o ciclo de estudos (Licenciatura ou Mestrado) que se encontravam a frequentar, se estavam numa relação amorosa (se sim, há quanto tempo), a idade do parceiro atual (caso estivessem numa relação amorosa), a idade do parceiro anterior, a idade mínima de um parceiro ideal, a melhor idade de um parceiro ideal e a idade máxima de um parceiro ideal. Apesar de não se encontrar juntamente com as questões do questionário sociodemográfico, a orientação

sexual (heterossexual, homossexual ou outra) dos participantes fará parte do mesmo. Apenas se encontra no final do protocolo de investigação, com o intuito de prevenir a possível intimidação dos participantes face à questão.

b) Instrumentos

Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES) – versão portuguesa aferida por Santos e Maia (1999, 2003) da original *Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES)*; Rosenberg, 1965).

A escala original – *Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES)*; Rosenberg, 1965) – foi construída por Morris Rosenberg para avaliar a autoestima global, partindo de uma definição de autoestima como “(...) uma atitude positiva ou negativa relativamente a um objeto particular, a saber, o *self*” (Rosenberg, 1965, p. 30).

A *RSES* constitui uma das escalas de avaliação da autoestima global mais antigas. É constituída por 10 itens, 5 de orientação positiva e 5 de orientação negativa (Santos & Maia, 1999, 2003). O processo de validação original da *RSES* foi realizado através de um estudo com 5024 adolescentes, do qual emergiram excelentes índices de unidimensionalidade (Rosenberg, 1965). A ampla utilização da escala permitiu uma análise mais detalhadas das características psicométricas, constatando-se bons níveis de consistência interna, avaliados através do coeficiente de *alfa de Cronbach*, e valores aceitáveis de estabilidade temporal dos resultados (Santos & Maia, 1999). Relativamente à validade, a investigação levada a cabo através da *RSES* tem alcançado correlações significativas com outros instrumentos de avaliação da autoestima (e.g., Demo, 1985) e com um conjunto de variáveis psicológicas (Santos e Maia, 1999, 2003). A estrutura fatorial constituiu o aspeto mais controverso da *RSES*, no entanto, a maioria dos autores parece inclinar-se para suportar a sua unidimensionalidade (Santos & Maia, 1999, 2003).

No que diz respeito à investigação realizada em Portugal através da *RSES*, existiam várias versões traduzidas para a língua portuguesa, no entanto, Santos e Maia (1999) identificaram algumas fragilidades inerentes ao seu processo de adaptação, enveredando pela adaptação de uma versão portuguesa da *RSES* (Santos & Maia, 1999, 2003). Também estes autores, em dois estudos iniciais ($n=195$; $n=345$, respetivamente), ao realizarem uma análise fatorial confirmatória, depreenderam que o modelo unidimensional será o que melhor resume a estrutura fatorial da escala. No que respeita à análise da consistência interna da escala, o valor do coeficiente de *alpha de Cronbach* alcançado em dois estudos foi de 0.84 e 0.86, respetivamente, para o modelo unidimensional. Num segundo estudo ($n=195$), os autores procederam

a uma validação preliminar da versão portuguesa da *RSES*, a partir da qual se verificaram níveis aceitáveis de validade no contexto cultural português. Por fim, os autores levaram a cabo um terceiro estudo (n=44), com o intuito de analisar a estabilidade temporal dos resultados da *RSES*, concluindo que os mesmos tendem a ser, pelo menos, em curtos períodos de tempo, bastante estáveis (Santos & Maia, 1999, 2003). Santos (2008) alargou ainda a investigação a uma amostra de estudantes do ensino superior (n=212), alcançando resultados globalmente satisfatórios, o que justifica a sua utilização com este tipo de população.

A versão portuguesa da *RSES* utilizada no presente estudo é aplicada através de uma escala *Likert* com quatro alternativas de resposta (4=concordo fortemente, 3=concordo, 2=discordo e 1=discordo fortemente), podendo os *scores* totais variar entre 10 e 40, com resultados mais elevados a representarem níveis mais altos de autoestima (Santos & Maia, 1999, 2003). Importa apenas acrescentar que a cotação dos itens de orientação negativa será invertida, para que resultados mais elevados indiquem níveis mais altos de autoestima.

Os restantes instrumentos inseridos no Protocolo de Investigação foram baseados e adaptados dos três estudos experimentais presentes na Dissertação de Doutoramento de Wallisen Hattori (Hattori, 2009), intitulada de “Escolha de Parceiros na Adolescência”.

A escolha destes instrumentos, adaptados de uma investigação desenvolvida no Brasil, recaiu sobre a maior semelhança entre a cultura portuguesa e a cultura brasileira, relativamente à semelhança com a cultura americana ou anglo-saxónica. A opção pelos mesmos incidiu ainda na posterior possibilidade de realização de estudos entre diferentes culturas. Inerente ao processo de adaptação dos questionários, procedeu-se à análise dos seus itens tendo em consideração a sua adequação à linguagem e cultura portuguesa, enveredando-se pela reformulação de alguns.

Questionário de Avaliação do Grau de Importância de Características num Potencial Parceiro Amoroso (Características PA) – baseado nos itens propostos por Hattori (2009).

O Questionário de Avaliação do Grau de Importância de Características num Potencial Parceiro Amoroso foi baseado nos itens propostos por Hattori (2009) presentes no instrumento 2 do segundo estudo da sua Dissertação de Doutoramento “Escolha de Parceiros na Adolescência”.

O instrumento original foi construído a partir da quantificação e categorização de um instrumento anterior presente no mesmo estudo – um questionário aberto - através do qual se pretendeu efetuar o levantamento das características consideradas importantes em potenciais parceiros amorosos, pelos adolescentes. Para tal, os participantes foram convidados a preencher quinze espaços em branco com características consideradas atraentes numa pessoa, considerando um relacionamento amoroso a curto-prazo sem compromisso ou um namoro, divididas em três categorias: características físicas, características comportamentais e outras características (Hattori, 2009).

Tendo por base a análise do instrumento mencionado, construiu-se o instrumento 2, uma escala constituída por 60 itens divididos equitativamente pelas três categorias mencionadas, que por conseguinte, pretendeu avaliar o grau de importância das características citadas pelos participantes. Após a exclusão de alguns itens, verificou-se uma adequação amostral para a escala, um grau de confiabilidade elevado e a formação de 17 fatores que explicaram 66.34% da variância total. Na sua aplicação, utilizou-se uma escala *Likert* de cinco pontos, variando os valores atribuídos na escala entre -1 (não gosto, este traço não é importante) e 3 (gosto muito, este traço é muito importante) (Hattori, 2009).

Por sua vez, a construção do *Questionário Características PA* partiu da seleção de cinco características de cada categoria da escala original, a saber: altura, peso, aspeto viril/aspeto feminino, olhar e sorriso (categoria “características físicas”); hábitos saudáveis, bom carácter, bom humor, exigência na escolha de parceiros e fidelidade (categoria “características comportamentais”); gostos comuns, ser virgem, desempenho sexual, sensualidade e hábitos sociais (categoria “outras características”). À semelhança do instrumento original, foi aplicado com o recurso a uma escala *Likert*, mas que de forma diferente, variou entre 1 (nada importante) e 5 (extremamente importante). A seleção das características mencionadas teve por base a revisão bibliográfica efetuada e os resultados obtidos por Hattori (2009).

Os restantes questionários inseridos no protocolo de investigação - ***Questionário de Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso (Autoavaliação PA)***; ***Questionário de Avaliação do Grau de Importância de Características na Escolha de Potenciais Parceiros Amorosos, para relacionamentos de curto-prazo sem compromisso (Características PA Curto)*** e ***Questionário de Avaliação do Grau de Importância de Características na Escolha de Potenciais Parceiros Amorosos, para relacionamentos de longo-prazo com compromisso (Características PA***

Longo) – foram construídos através de uma mesma escala - **Escala de Escolha de Parceiros para Adolescentes** (Hattori, 2009).

O instrumento original – *Escala de Escolha de Parceiros para Adolescentes* – é constituído por 21 itens, apresentados de forma aleatória, retirados por Hattori (2009) dos estudos experimentais anteriores presentes na sua dissertação, em conjunto com a seleção de um leque de características avaliadas na literatura (Buss, 1989; Kenrick et al., 1990; Sprecher & Regan, 2002; Woodward & Richards, 2005). O instrumento original foi aplicado por meio de uma escala *Likert* de cinco pontos, que varia entre 1 (não importante) e 5 (extremamente importante) (Hattori, 2009).

Os questionários inerentes ao presente estudo, mencionados anteriormente, são constituídos pelos 21 itens da *Escala de Escolha de Parceiros para Adolescentes*, sendo que alguns itens foram desdobrados em dois, obtendo-se 24 itens, numa primeira fase. Num segundo momento, acrescentaram-se três itens (saúde física, sincero(a) e sociável), sugeridos por Wallisen Hattori, com o intuito de futuras comparações com um estudo internacional desenvolvido dentro de um tema idêntico ao da presente investigação e aplicado ao mesmo tipo de população. Numa versão final, os questionários do presente estudo constituíram-se por 27 itens, aplicados numa escala *Likert* de cinco pontos, que varia entre 1 (nada interessante/sem importância) e 5 (extremamente interessante/importante).

A escala de características, de igual conteúdo, utilizada nos três instrumentos, foi apresentada com ordens distintas dos itens, com vista a evitar a contaminação dos resultados.

2.3. Procedimentos de Recolha de Dados

No que concerne aos procedimentos de recolha de dados, previamente procedeu-se à elaboração do Protocolo de Investigação já descrito.

Num primeiro momento, realizou-se um pré-teste a uma amostra de 8 sujeitos, com o intuito de recolher informação relacionada com a compreensão das instruções de preenchimento e dos itens. Após esta primeira aplicação, introduziram-se algumas alterações no Protocolo de Investigação, de acordo com sugestões dos sujeitos, consideradas pertinentes, acrescentando-se ainda algumas alterações sugeridas por Wallisen Hattori, com o intuito de futuras comparações com o seu estudo.

Numa segunda fase, levou-se a cabo a recolha de dados através da aplicação dos Protocolos de Investigação aos participantes, que cronologicamente decorreu durante os meses de abril e maio de 2012.

Com vista a iniciar a recolha de dados referida, consultaram-se horários dos vários anos de curso e dos vários ciclos de estudos e estabeleceu-se o contacto com alunos do conhecimento do autor. A escolha das turmas para aplicação dos protocolos foi feita tendo por base a conveniência horária e o número de alunos da turma. Após esta seleção, contactou-se, via correio eletrónico, alguns docentes, sendo que alguns contactos foram encaminhados por alunos do conhecimento do autor, sempre visando o esclarecimento sobre a natureza e o contexto do estudo e a obtenção da autorização para a aplicação do protocolo de investigação, no final do período da aula.

A aplicação do Protocolo de Investigação realizou-se presencialmente e em contexto de sala de aula, acompanhada de uma breve explicação aos participantes sobre o contexto do estudo e a natureza dos conteúdos, evidenciando-se a disponibilidade para o esclarecimento de eventuais dúvidas. Para além do pedido mínimo de dados pessoais, os protocolos preenchidos foram transportados numa caixa fechada, de forma a salvaguardar o anonimato e a confidencialidade dos participantes.

2.4. Procedimentos de Análise de Dados

No que respeita à análise de dados, o programa utilizado como aplicação estatística para o tratamento dos dados, foi o Software IBM SPSS Statistics 21 (v. 21; IBM Corp, Armonk, NY), permitindo a posterior análise e discussão dos mesmos.

Num momento inicial procedeu-se à realização da análise psicométrica dos instrumentos, que consistiu no estudo da sensibilidade das escalas, através da realização de análises descritivas de forma a apreciar a mediana, os mínimos e os máximos para todos os itens de cada uma; no estudo da consistência interna com o intuito de medir a fidelidade dos instrumentos, obtida pelo cálculo do coeficiente de *alfa de Cronbach*, das correlações interitem, das correlações item-escala total e *alfa de Cronbach* se o item for excluído; e no estudo da validade de conteúdo/construto através da realização de análises fatoriais exploratórias.

Num segundo momento, realizou-se o estudo das hipóteses, com vista à obtenção de respostas aos objetivos específicos do presente estudo, efetuando-se, comparações de médias e análises de correlações.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

1. Estudo das Características Psicométricas dos Instrumentos

1.1. Sensibilidade da Escala

Na medida em que as variáveis do estudo são categoriais (contém categorias de resposta), a sensibilidade das escalas foi estudada através da realização de uma análise descritiva dos seus itens, no que concerne aos mínimos, máximos e à mediana.

A análise descritiva dos itens dos instrumentos é apresentada no Anexo 3.

No que respeita à **Rosenberg Self-esteem Scale (RSES)**, metade dos itens da escala têm os valores mínimos e máximos a variar entre 1 e 4, com uma mediana de 2, o que significa que 50% dos participantes responderam igual ou acima de 2 e 50% dos participantes responderam igual ou abaixo de 2. Sobressaem os itens 3, 4, 7, 9 e 10 com valores máximos de 3, sendo que nenhum participante respondeu “Concordo Fortemente” (4), evidenciando-se o item 9 com uma mediana de 1, considerando-se que o mesmo se comporta como constante e não como variável (ver Quadro 4, Anexo 3).

Seguidamente calculou-se uma estatística descritiva para os *scores* totais da escala (Quadro 5, Anexo 3), que podem variar entre 10 e 40, com resultados mais elevados a evidenciarem níveis mais altos de autoestima. Os valores mínimos e máximos variam entre 10 e 28, sendo o seu valor médio de aproximadamente 17.76, com um desvio-padrão de 4.2 (dispersão observada em torno da média), podendo-se depreender que, de um modo geral, os sujeitos não apresentam resultados de autoestima muito elevados. Este valor afasta-se do alcançado por Santos (2008) no estudo de validação da escala numa amostra de 212 estudantes do Ensino Superior (M=31.24; DP=4.02).

No que concerne ao **Questionário de Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso (Autoavaliação PA)**, de um modo geral, os valores mínimos e máximos variam entre 1 e 5, sendo que os participantes variaram as suas respostas aos itens ao longo do continuum da escala. Os itens com um melhor valor mediano são aqueles que possuem 3, na medida em que este constitui um valor central na distribuição. São de ressaltar os itens 11 (varia entre 2 e 5, com mediana=5), 17 e 26 (variavam entre 3 e 5, com mediana=5), que se comportam como constante e não como variável. No entanto, optou-se por mantê-los, nesta fase inicial (ver Quadro 6, Anexo 3).

Relativamente ao **Questionário de Avaliação do Grau de Importância de Características num Potencial Parceiro Amoroso (Características PA)**, de um modo global, os valores mínimos e máximos dos itens variam entre 1 e 5, expressando uma variabilidade nas respostas dos sujeitos ao longo do continuum da escala, compreendendo-se os seus valores medianos, maioritariamente, entre 3 e 4. São de destacar os itens 7, 8 e 10 (variavam entre 3 e 5, com mediana=5) e o item 12 com um valor mediano de 1, que se comportam como constante e não como variável, no entanto mantiveram-se nesta fase (ver Quadros 7, 8 e 9, Anexo 3).

Em relação ao **Questionário de Avaliação do Grau de Importância de Características na Escolha de Potenciais Parceiros Amorosos, para relacionamentos de curto-prazo sem compromisso (Características PA Curto)**, a grande maioria dos valores mínimos e máximos dos itens varia entre 1 e 5, o que expressa a variabilidade de respostas dadas pelos sujeitos aos mesmos. São apenas de destacar os itens 7 (mediana=1), 17 (varia entre 2 e 5, com mediana=5) e 26 (mediana=4.50), que se comportam como constante e não como variável. No entanto, optou-se pela não exclusão de itens para já (ver Quadro 10, Anexo 3).

Por fim, no **Questionário de Avaliação do Grau de Importância de Características na Escolha de Potenciais Parceiros Amorosos, para relacionamentos de longo-prazo com compromisso (Características PA Longo)**, observou-se que os valores mínimos e máximos dos itens variam maioritariamente entre 1 e 5, salvo algumas exceções. Destacam-se os itens 14 (mediana=1), 15 (varia entre 2 e 5, com mediana=5), 22 e 26 (variavam entre 3 e 5, com mediana=5), comportando-se como uma constante e não como uma variável (ver Quadro 11, Anexo 3), no entanto mantiveram-se para já.

1.2. Consistência Interna

A análise da consistência interna prende-se com a proporção de variabilidade nas respostas, resultante da existência de diferenças entre os inquiridos (Pestana & Gageiro, 2008), incidindo, inicialmente, sobre o cálculo do coeficiente de *alfa de Cronbach*. Por sua vez, este pode-se definir como a correlação que se espera alcançar entre a escala utilizada e outras escalas hipotéticas do mesmo universo, com número igual de itens e que meçam a mesma característica, variando entre 0 e 1 (Pestana & Gageiro, 2008).

Os valores obtidos para o coeficiente de *alpha de Cronbach* dos instrumentos são apresentadas no quadro abaixo.

Quadro 1. Valores do Coeficiente de *alpha de Cronbach* dos Instrumentos

| | <i>RSES</i> | <i>Autoavaliação PA</i> | <i>Características PA</i> | <i>Características PA Curto</i> | <i>Características PA Longo</i> |
|--------------------------|-------------|-------------------------|---------------------------|---------------------------------|---------------------------------|
| <i>Alpha de Cronbach</i> | 0.85 | 0.84 | 0.82 | 0.90 | 0.89 |

No que diz respeito à *RSES*, o valor do coeficiente de *alfa de Cronbach* obtido (0.85) encontra-se dentro do valor esperado, aproximando-se bastante dos valores obtidos por Santos e Maia (1999, 2003), na análise da consistência interna da escala original (0.84 e 0.86, respetivamente).

Relativamente aos instrumentos adaptados de Hattori (2009), também os mesmos foram reveladores de uma boa consistência interna, situando-se os seus valores de *alpha de Cronbach* acima do valor padrão recomendado (0.80).

As correlações item-escala total e *alpha de Cronbach* se o item for retirado, são apresentadas no Anexo 4. Na medida em que a versão da *RSES* utilizada no presente estudo se encontra aferida e validada para a população portuguesa (Santos & Maia, 1999, 2003) e, inclusive para a população universitária (Santos, 2008), não se apresentam as suas correlações item-escala total e *alpha de Cronbach* se o item for retirado.

No *Questionário Autoavaliação PA*, todos os itens se correlacionam positivamente com a escala total, sobressaindo o item 12 com uma baixa correlação com a escala total (0.09), seguindo-se pelo item 7, apresentando uma correlação com a escala total de 0.21. Relativamente ao *alpha de Cronbach* se o item for retirado, verifica-se uma ligeira subida do mesmo após a retirada dos dois itens referidos, no entanto optou-se pela permanência dos mesmos nesta fase (ver Quadro 12, Anexo 4).

No *Questionário Características PA*, todos os itens detêm com a escala total uma correlação positiva e relativamente elevada, sendo que o *alpha de Cronbach* apenas aumenta, muito ligeiramente, após a retirada dos itens 6 e 12. Apesar destas pequenas oscilações do coeficiente de *alpha de Cronbach* associadas à retirada dos itens mencionados, optou-se pela permanência dos mesmos neste momento da análise (ver Quadro 13, Anexo 4).

No *Questionário Características PA Curto*, todos os itens se correlacionam positivamente com a escala total, sendo que de um modo geral as correlações são significativas. O item 12 é aquele que detém uma correlação mais baixa com a escala total (0.29). No que concerne ao valor do coeficiente de *alpha de Cronbach* sem o item, este apenas aumenta muito ligeiramente após a retirada do item 16. Neste sentido, manteve-se a totalidade dos itens (ver Quadro 14, Anexo 4).

Por fim, no *Questionário Características PA Longo*, todos os itens estabelecem uma correlação positiva e relativamente alta com a escala total, apesar de se evidenciarem correlações mais baixas, no item 2 (0.19) e no item 14 (0.25). O valor do coeficiente de *alpha de Cronbach* apenas aumenta, muito ligeiramente, após a retirada dos itens mencionados. Apesar destas pequenas oscilações no valor do *Alpha de Cronbach* sem os itens apontados, optou-se pela não exclusão dos mesmos neste momento (ver Quadro 15, Anexo 4).

1.3. Análise Fatorial

A análise fatorial constitui uma técnica de análise exploratória de dados, que pretende alcançar a estrutura de um conjunto de variáveis interrelacionadas, com o intuito de construir uma escala de medida para fatores intrínsecos que, de algum modo, controlam as variáveis originais (Marôco, 2010). Inicialmente, realizaram-se os testes preliminares à análise fatorial, o KMO (Kaiser-Meyer-Olkin) – compara as correlações simples com as correlações observadas entre as variáveis, devendo aproximar-se de 1 (Pestana & Gageiro, 2008) – e o teste de esfericidade de Bartlett – verifica se a matriz das correlações é a matriz identidade com determinante igual a 1, devendo ser significativo a um nível de confiança de 0.05 (Pestana & Gageiro, 2008).

Os resultados dos testes preliminares à análise fatorial dos instrumentos, são apresentados no Quadro 16 (Anexo 5), verificando-se a adequabilidade da técnica aos mesmos.

Na medida em que a versão da *RSES* utilizada no estudo se encontra aferida e validada para a população portuguesa (Santos & Maia, 1999, 2003) e para a população universitária (Santos, 2008), não se realizou a sua análise fatorial.

A análise fatorial dos instrumentos foi forçada a um número fixo de três fatores, na medida em que não se encontrou uma coerência na sua organização inicial e, os questionários utilizados no estudo foram construídos a partir de instrumentos subdivididos em três categorias.

O método de extração de fatores utilizado foi o Método da Factorização do Eixo Principal, excluindo-se os itens com *loadings* inferiores a 0.45 (Marôco, 2010) e realizando-se novas análises fatoriais sem os mesmos.

As soluções fatoriais ortogonais dos instrumentos são apresentadas no Anexo 5. Através da sua observação, é possível constatar um aumento da variância total explicada, após o processo de exclusão de itens e da realização de novas análises fatoriais.

Atendendo à distribuição dos itens por fator, nas soluções fatoriais ortogonais finais (ver Anexo 5), procedeu-se à denominação dos mesmos, apresentada nos quadros abaixo.

Quadro 2. Fatores da Autoavaliação PA e das Características PA

| Autoavaliação PA | | | Características PA | | |
|-------------------------|----------------------------------|-------------------------|--------------------------|-----------------|-------------------------|
| Caract. Caráter e Saúde | Caract. Sociabilidade | Caract. Futuras | Caract. Sexuais/Sociais | Caract. Faciais | Caract. Caráter e Saúde |
| 19. Trabalhador | 15. Estatuto social | 3. Desejo por filhos | 14. Sensualidade | 4. Olhar | 7. Bom caráter |
| 20. Educação | 14. Reputação | 2. Desejo por casamento | 13. Desempenho sexual | 5. Sorriso | 8. Bom humor |
| 18. Ambição | 9. Popularidade | | 2. Peso | | 6. Hábitos saudáveis |
| 21. Inteligência | 16. Gosto por festas | | 3. Aspeto viril/feminino | | |
| 26. Sincero | 23. Boas perspetivas financeiras | | 1. Altura | | |
| 13. Gentileza | | | 15. Hábitos sociais | | |
| 10. Bom humor | | | | | |
| 27. Sociável | | | | | |
| 11. Fidelidade | | | | | |
| 25. Saúde física | | | | | |
| 17. Hábitos de higiene | | | | | |

Quadro 3. Fatores das Características PA Curto e das Características PA Longo

| Características PA Curto | | | Características PA Longo | | |
|--------------------------|-----------------------------|----------------------------------|----------------------------|---------------------------------|---------------------------|
| Caract. Caráter e Saúde | Caract. Futuras/Compromisso | Caract. Sociabilidade | Caract. Caráter e Saúde | Caract. Sociabilidade | Atratividade |
| 26. Sincero | 3. Desejo por filhos | 15. Estatuto social | 13. Trabalhador | 18. Popularidade | 8. Atrat. física do rosto |
| 10. Bom humor | 2. Desejo por casamento | 14. Reputação | 9. Educação | 19. Estatuto social | 7. Atrat. física do corpo |
| 20. Educação | 24. Comprometido na relação | 9. Popularidade | 11. Estabilidade emocional | 6. Condições financeiras atuais | |
| 13. Gentileza | 11. Fidelidade | 4. Condições financeiras atuais | 23. Gentileza | 5. Boas perspetivas financeiras | |
| 21. Inteligência | 12. Ciúme | 23. Boas perspetivas financeiras | 10. Inteligência | 21. Reputação | |
| 25. Saúde física | 18. Ambição | 16. Gosto por festas | 15. Hábitos de higiene | 3. Desejo por casamento | |
| 27. Sociável | | | 22. Fidelidade | 4. Desejo por filhos | |
| 19. Trabalhador | | | 12. Ambição | 17. Gosto por festas | |
| 8. Hábitos saudáveis | | | 26. Sincero | | |
| 17. Hábitos de higiene | | | 25. Saúde física | | |
| | | | 16. Hábitos saudáveis | | |
| | | | 20. Bom humor | | |
| | | | 2. Comprometido na relação | | |

Posteriormente, calculou-se uma estatística descritiva para os fatores de cada instrumento (ver Anexo 6).

No que concerne ao instrumento *Autoavaliação PA*, o fator constituído pelas *Características de Caráter e Saúde* será aquele que os sujeitos mais valorizam, atendendo ao seu valor médio (4.24) e aos valores mínimo e máximo que variam entre 2.91 e 5, o que significa que, de um modo geral, os sujeitos não classificam este grupo de características como “Nada Interessante” ou “Pouco Interessante”. Por sua vez, os participantes não parecem atribuir tanta relevância aos fatores *Características de Sociabilidade* e *Características Futuras*, que apresentam respetivamente, uma média de 2.75 e 2.92, variando os seus valores mínimo e máximo ao longo do continuum da escala, entre 1 e 5 (ver Quadro 27, Anexo 6).

Relativamente ao instrumento *Características PA*, os sujeitos atribuem maior valor às *Características de Caráter e Saúde* (média=4.19), o que também se evidencia pelo seu valor mínimo (2.33), sendo que, maioritariamente, os sujeitos não classificam este grupo de características como “Nada Importante”, sendo o seu valor mediano de 4.33, o que significa que num continuum entre 2.33 e 5, mais de 50% dos participantes responderam (4) “valor situado entre Moderadamente Importante e Extremamente Importante” ou superior a (4). O fator *Características Faciais* é o segundo mais valorizado com uma média ligeiramente menor (4.15), sendo que apesar dos seus valores variarem entre 1 e 5, o seu valor mediano também é de 4. Por sua vez, o fator *Características Sexuais/Sociais* é aquele que apresenta um valor médio menor, em comparação com os restantes (3.44), não se revelando tão determinante para os sujeitos (ver Quadro 28, Anexo 6).

No instrumento *Características PA Curto*, os valores médios dos fatores não são muito altos, sendo que os fatores *Características de Sociabilidade* e *Características Futuras/Compromisso* apresentam as médias mais baixas, 2.54 e 2.64, respetivamente, o que significa que os sujeitos consideraram estes grupos de características, maioritariamente, entre “Pouco Importante” e “Importante”. Por sua vez, o fator *Características de Caráter e Saúde* possui uma média mais elevada (3.89), revelando uma maior preferência dos participantes por este grupo de características, o que também é expresso pelo seu valor mínimo (2.10) e a sua mediana (4), sendo que 50% dos sujeitos centrou as suas respostas nos valores (4) “Muito Importante” e (5) “Extremamente Importante” (Ver Quadro 29, Anexo 6).

Por fim, no instrumento *Características PA Longo*, o fator *Características de Caráter e Saúde* apresenta a média mais elevada (4.23), constituído aquele que é maioritariamente valorizado pelos sujeitos, que em média, responderam “Muito Importante”. A importância concedida a este fator é igualmente traduzida pelos seus

valores mínimo e máximo, que variam entre 3 e 5, sendo que os participantes apenas deram respostas a partir de 3 “Importante”, e pela sua mediana (4.23), pelo que 50% das respostas dadas situam-se no valor (4) ou acima do mesmo. O fator *Atratividade*, apresenta um valor médio mais baixo (3.56), no entanto as respostas dos sujeitos para com o mesmo situam-se, em média, maioritariamente no (3) “Importante”. Por outro lado, o fator *Características de Sociabilidade* parece possuir uma menor relevância, em comparação com os restantes, apresentando uma média de 2.75, pelo que as respostas dos sujeitos se centraram, em média, entre “Pouco Importante” e “Importante” (ver Quadro 30, Anexo 6).

Seguidamente, calcularam-se os valores do coeficiente de *alpha de Cronbach* por fator e para a escala total (ver Anexo 7).

No que respeita ao instrumento *Autoavaliação PA*, os fatores *Características de Caráter e Saúde* e *Características de Sociabilidade* apresentam um *alpha de Cronbach* superior ao recomendado (0.80). O fator *Características Futuras* possui um valor de *alpha de Cronbach* menos elevado (0.77), no entanto constitui um valor relativamente aproximado de 0.80 (ver Quadro 31, Anexo 7).

No instrumento *Características PA*, o fator *Características Faciais* é aquele que apresenta um valor de *alpha de Cronbach* mais próximo do aconselhável (0.81), seguindo-se pelo fator *Características Sexuais/Sociais* com um valor de *alpha de Cronbach* de 0.78. Por sua vez, o fator *Características de Caráter e Saúde* apresenta um valor de *alpha de Cronbach* mais baixo (0.59) (ver Quadro 32, Anexo 7).

Relativamente ao instrumento *Características PA Curto*, todos os fatores possuem um valor de *alpha de Cronbach* superior a 0.80, com o fator *Características de Caráter e Saúde* a evidenciar o valor mais alto (0.89) (ver Quadro 33, Anexo 7).

Para finalizar, no instrumento *Características PA Longo*, os três fatores apresentam valores de *alpha de Cronbach* superiores ao valor recomendável (0.80), com destaque para o fator *Atratividade*, que apresenta o valor mais elevado do coeficiente de *alpha de Cronbach* (0.92) (ver Quadro 34, Anexo 7).

No que respeita aos valores de *alpha de Cronbach* para a escala total, todos os instrumentos apresentam um valor superior a 0.80 (ver Anexo 7).

Grande parte da base dos resultados assenta nas análises psicométricas efetuadas aos instrumentos. Neste sentido, considerou-se pertinente elaborar algumas considerações relacionadas com as análises realizadas, tendo em atenção o processo de exclusão de itens e certos fatores alcançados.

O processo de exclusão de itens inerente à análise fatorial contribui para o rigor da análise e da investigação em si, na medida em que através de inferência estatística, são abolidos os itens que não contribuem o suficiente para a explicação do fator. Inclusive, subjacente ao processo de exclusão de itens com *loadings* considerados baixos (<0.45) e subsequentes análises fatoriais, observou-se em todos os casos, uma subida da variância total explicada. Por vezes, os itens excluídos já haviam sobressaindo, de alguma forma, na análise da sensibilidade dos instrumentos ou na análise da consistência interna dos mesmos.

No que concerne aos instrumentos *Autoavaliação PA*, *Características PA* e *Características PA Longo*, torna-se importante justificar a existência de fatores (*Características Futuras*; *Características Faciais e Atratividade*, respetivamente) constituídos apenas por dois itens, na medida em que cada fator deve conter pelo menos três itens (Marôco, 2010). No entanto nos casos mencionados, os dois itens (desejo por casamento e desejo por filhos; olhar e sorriso; atratividade física do corpo e atratividade física do rosto) constituintes dos fatores contribuem claramente para a explicação dos mesmos, sendo que se existisse um maior número de itens a contribuir para cada um, muito provavelmente agrupar-se-iam no mesmo. Neste sentido, atendendo à pertinência do conteúdo dos itens, optou-se por manter os fatores referidos.

Considerando novamente o instrumento *Características PA Longo*, torna-se ainda pertinente discutir o conteúdo dos itens referentes ao fator *Características de Sociabilidade*. De um modo geral, este constitui-se de itens relativamente relacionados com uma perspetiva de relacionamento a longo-prazo (estatuto social, condições financeiras atuais, boas perspetivas financeiras, reputação, desejo por casamento e desejo por filhos). No entanto, a acrescentar aos itens mencionados, surgem os itens “popularidade” e “gosto por festas”, que à primeira vista, parecem não se enquadrar neste conjunto de traços. No entanto, a formação deste fator pode encontrar a sua justificação na própria amostra do estudo – estudantes universitários – e na fase desenvolvimental na qual estes se encontram, sendo que o considerar de um relacionamento de longo-prazo com compromisso não implica o desfavorecimento de características relacionadas com o gosto pela diversão e pela popularidade. Pode considerar-se uma vida futura com as suas mudanças normativas, mas ainda impregnada de alguma diversão tão característica desta fase universitária (Arnett, 2000).

Previamente ao estudo das hipóteses, considerou-se pertinente realizar uma breve reflexão sobre as características favorecidas na autoavaliação enquanto

parceiro amoroso e nos diferentes relacionamentos (de curto e longo prazo), a um nível mais individual, na medida em que a análise dos dados focar-se-á maioritariamente nos fatores alcançados na análise psicométrica dos instrumentos.

No Quadro 35 (Anexo 8) apresenta-se o valor médio dos itens constituintes dos instrumentos *Autoavaliação PA*, *Características PA Curto* e *Características PA Longo*. Através da observação do Quadro, é possível retirar várias informações relacionadas com a preferência evidenciada em relação aos diversos itens, considerando-se pertinente o destaque de alguns em particular.

O item “ser virgem” apresenta a média mais baixa nas três categorias, portanto quer na autoavaliação enquanto parceiro amoroso, quer nas preferências amorosas de curto e longo prazo, esta constituiu uma característica à qual os estudantes não atribuíram importância ou atribuíram pouca importância, o que vem sustentar a desvalorização em torno deste traço, atualmente. Inclusive, como se pôde constatar na análise fatorial, o mesmo foi excluído de todos os instrumentos. Neste sentido, contrariamente a uma época passada na qual, segundo a perspectiva evolutiva, a castidade constituía uma característica bastante valorizada especialmente no sexo feminino, por parte do sexo masculino, relacionada com a certeza da paternidade, este traço é desvalorizado atualmente, o que se pode relacionar inclusive com o desenvolvimento de variados métodos contraceptivos. No entanto, cabe acrescentar a questão cultural em torno desta característica, na medida em que a mesma é tendencialmente bastante valorizada no Médio Oriente, perdendo importância entre a cultura ocidental (Buss, 1989).

No que respeita a autoavaliação enquanto parceiro amoroso, as duas características igualmente mais valorizadas e portanto aquelas nas quais os estudantes se consideraram mais interessantes ($M=4.70$) foram a sinceridade e os hábitos de higiene. Especificamente em relação a este último traço, o mesmo foi bastante valorizado nas três categorias, constituindo a característica maioritariamente preferida pelos estudantes, quando consideraram um relacionamento a curto-prazo. Os estudantes, em média, consideraram-se também bastante interessantes noutros traços, podendo-se destacar a fidelidade ($M=4.65$), a educação ($M=4.36$) e o bom humor ($M=4.20$). O bom humor, por sua vez, revestiu-se de muita importância ao longo das três categorias, o que vai de encontro à revisão de literatura realizada.

Relativamente às preferências amorosas sem compromisso, seguidamente ao item “ser virgem”, as duas características que foram minoritariamente valorizadas foram o desejo por casamento ($M=1.79$) e o desejo por filhos ($M=2.00$), o que vai de encontro à própria caracterização de uma relação a curto-prazo sem compromisso. Por sua vez, nas preferências amorosas a longo-prazo, estes itens possuem um valor

médio mais elevado, apesar de não se compreenderem entre as características mais valorizadas, sendo que os próprios estudantes também não se autoavaliaram como muito interessantes nas mesmas. A constatação deste facto enquadra-se na fase de vida vivenciada pelos estudantes universitários, maioritariamente propícia ao enfoque sobre si mesmos, relacionado com o desenvolvimento de uma carreira profissional e com alguma exploração ao nível afetivo, prolongando-se temporalmente os desejos por casamento e filhos. No que concerne aos traços mais apreciados na escolha amorosa a longo-prazo, estes prendem-se com a fidelidade ($M=4.66$), os hábitos de higiene ($M=4.61$) e a sinceridade ($M=4.60$). A observação destes valores foi de encontro às expectativas criadas, sendo de esperar que a preferência pela fidelidade e pela sinceridade, aumentassem de acordo com o aumento do nível de envolvimento relacional a considerar.

Contraopondo os dois tipos de relacionamento, de curto e longo prazo, à exceção dos itens popularidade, atratividade física do rosto e atratividade física do corpo, os restantes ganham mais importância de uma relação a curto-prazo para uma relação a longo prazo. Relativamente à atratividade física do rosto e à atratividade física do corpo, a sua maior preferência a curto-prazo encontra suporte na Teoria Evolutiva, que se refere à atratividade física como a característica maioritariamente valorizada neste género de relacionamento (Regan, 1998; Li & Kenrick, 2006; Gangestad & Simpson, 2000; Hattori, 2009).

2. Estudo das Hipóteses

Com vista a responder às primeiras quatro hipóteses do estudo, procedeu-se à utilização de um teste de comparação de médias. O teste paramétrico existente para tal (Teste t-Student para duas amostras independentes) exige a verificação simultânea dos seguintes pressupostos: (1) a variável dependente segue uma distribuição normal e (2) as variâncias populacionais são homogêneas (Marôco, 2010). A normalidade tende a ser estudada através do teste de Kolmogorov-Smirnov (K-S), devendo rejeitar-se a hipótese nula, ou seja, a normalidade, caso o *p-value* seja inferior a α . No que respeita ao estudo da homogeneidade das variâncias populacionais, utilizou-se o teste de Levene. Da mesma forma, a hipótese nula (homogeneidade das variâncias) deverá ser rejeitada se o *p-value* for inferior a α (Pestana & Gageiro, 2008; Marôco, 2010).

Deste modo, procedeu-se à testagem destes pressupostos precedentemente ao estudo das hipóteses mencionadas (ver Anexo 9).

Na medida em que os pressupostos inerentes à realização de um teste paramétrico, teste t-Student para duas amostras independentes, não foram verificados (ver Anexo 9), recorreu-se à utilização do teste não paramétrico Wilcoxon-Mann-Whitney, que constitui uma alternativa ao teste t-Student para amostras independentes (Marôco, 2010), para estudar as hipóteses mencionadas.

Previamente ao estudo da hipótese 1, importa dar resposta à primeira parte do objetivo do qual a mesma decorre – identificar que grupos de características os sujeitos preferem, na escolha de potenciais parceiros amorosos. Para tal, recorreu-se à estatística descritiva dos três fatores do instrumento *Características PA*, observando-se as médias dos mesmos. Como se pode verificar no quadro abaixo, o Fator *Características de Caráter e Saúde* é aquele que detém a média superior ($M=4.19$), constituindo este grupo de características aquele que os sujeitos mais valorizaram. No entanto, importa referir que o Fator *Características Faciais* ($M=4.15$) apresenta uma média bastante próxima do fator referido anteriormente, constituindo aquele que os sujeitos preferiram, logo de seguida.

Quadro 4. Estatística Descritiva dos Fatores das *Características PA*

| Fator | Média | Desvio Padrão |
|------------------------------------|-------|---------------|
| Características Sexuais/Sociais | 3.44 | 0.69 |
| Características Faciais | 4.15 | 0.79 |
| Características de Caráter e Saúde | 4.19 | 0.66 |

Estudo de H1a: Existem diferenças sexuais estatisticamente significativas na preferência por *Características Sexuais/Sociais* na escolha de um potencial parceiro amoroso.

Para H1a, os estudantes do sexo masculino apresentam scores ($M=3.63$; $DP=0.67$) nas *Características Sexuais/Sociais*, diferentes e superiores dos scores ($M=3.35$; $DP=0.69$) dos estudantes do sexo feminino, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas ($p\text{-value}=0.002$). Deste modo, a hipótese foi confirmada.

Estudo de H1b: Existem diferenças sexuais estatisticamente significativas na preferência por *Características Faciais* na escolha de um potencial parceiro amoroso.

Para H1b, não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre os estudantes do sexo masculino e os estudantes do sexo feminino ($p\text{-value}=0.153$), não se confirmando a hipótese.

Estudo de H1c: Existem diferenças sexuais estatisticamente significativas na preferência por *Características de Caráter e Saúde* na escolha de um potencial parceiro amoroso.

Para H1c, não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos do sexo masculino e os sujeitos do sexo feminino ($p\text{-value}=0.613$), portanto a hipótese não é confirmada.

Antes de partir para o estudo da hipótese 2, cabe responder à primeira parte do objetivo do qual a mesma decorre – identificar que grupos de características os sujeitos preferem, na escolha de potenciais parceiros amorosos, para um relacionamento de curto-prazo sem compromisso. Para tal, recorreu-se à estatística descritiva dos três fatores do instrumento *Características PA Curto*, analisando-se as suas médias.

Como se pode observar no quadro apresentado abaixo, atendendo aos valores médios, o fator *Características de Caráter e Saúde* ($M=3.89$) constitui o grupo de características maioritariamente valorizado pelos sujeitos, na escolha de um potencial parceiro amoroso para um relacionamento de curto-prazo sem compromisso.

Quadro 5. Estatística Descritiva dos Fatores das *Características PA Curto*

| Fator | Média | Desvio Padrão |
|-------------------------------------|-------|---------------|
| Características de Caráter e Saúde | 3.89 | 0.67 |
| Características Futuras/Compromisso | 2.64 | 0.79 |
| Características de Sociabilidade | 2.54 | 0.80 |

Estudo de H2a: Existem diferenças sexuais estatisticamente significativas na preferência por *Características de Caráter e Saúde* num potencial parceiro amoroso, para um relacionamento de curto-prazo sem compromisso.

Para H2a, não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre os estudantes do sexo masculino e os estudantes do sexo feminino ($p\text{-value}=0.665$), não se confirmando a hipótese.

Estudo de H2b: Existem diferenças sexuais estatisticamente significativas na preferência por *Características Futuras/Compromisso* num potencial parceiro amoroso, para um relacionamento de curto-prazo sem compromisso.

Para H2b, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos do sexo masculino e os sujeitos do sexo feminino ($p\text{-value}=0.879$), não se confirmando, por isso, a hipótese.

Estudo de H2c: Existem diferenças sexuais estatisticamente significativas na preferência por *Características de Sociabilidade* num potencial parceiro amoroso, para um relacionamento de curto-prazo sem compromisso.

Para H2c, não se constataram diferenças estatisticamente significativas entre os participantes do sexo masculino e os participantes do sexo feminino ($p\text{-value}=0.626$), o que conduz à não confirmação da hipótese.

Previamente ao estudo da hipótese 3, importa dar resposta à primeira parte do objetivo do qual a mesma decorre - identificar que grupos de características os sujeitos preferem, na escolha de potenciais parceiros amorosos, para um relacionamento de longo-prazo com compromisso. Para tal, recorreu-se à estatística descritiva dos três fatores do instrumento *Características PA Longo*, observando-se os seus valores médios.

Pela observação do quadro abaixo, atendendo às médias dos fatores, depreende-se que o Fator *Características de Caráter e Saúde* ($M=4.23$) engloba o

grupo de características maioritariamente valorizado pelos sujeitos, na escolha de um potencial parceiro amoroso, para um relacionamento de longo-prazo com compromisso.

Quadro 6. Estatística Descritiva dos Fatores das *Características PA Longo*

| Fator | Média | Desvio Padrão |
|------------------------------------|-------|---------------|
| Características de Caráter e Saúde | 4.23 | 0.50 |
| Características de Sociabilidade | 2.75 | 0.73 |
| Atratividade | 3.56 | 0.85 |

Estudo de H3a: Existem diferenças sexuais estatisticamente significativas na preferência por *Características de Caráter e Saúde* num potencial parceiro amoroso, para um relacionamento de longo-prazo com compromisso.

Para H3a, não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre os estudantes do sexo masculino e os estudantes do sexo feminino, na medida em que o *p-value* é superior a 0.05 (*p-value*=0.895). Neste sentido, a hipótese não foi confirmada.

Estudo de H3b: Existem diferenças sexuais estatisticamente significativas na preferência por *Características de Sociabilidade* num potencial parceiro amoroso, para um relacionamento de longo-prazo com compromisso.

Para H3b, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos do sexo masculino e os sujeitos do sexo feminino (*p-value*=0.891), não se confirmando a hipótese.

Estudo da Hipótese H3c: Existem diferenças sexuais estatisticamente significativas na preferência pela *Atratividade* num potencial parceiro amoroso, para um relacionamento de longo-prazo com compromisso.

Para H3c, os estudantes do sexo masculino apresentam scores (M=3.96; DP=0.84) na *Atratividade*, diferentes e superiores dos scores (M=3.38; DP=0.79) dos estudantes do sexo feminino, sendo que as diferenças observadas são estatisticamente significativas (*p-value*=0.000). Deste modo, a hipótese foi confirmada.

Estudo de H4a: Existem diferenças estatisticamente significativas nas características favorecidas num potencial parceiro amoroso para um relacionamento de curto-prazo sem compromisso (Fatores *Características PA Curto*), entre os estudantes que estão numa relação amorosa e os estudantes que não estão numa relação amorosa.

Para H4a, os estudantes que estão numa relação amorosa apresentam scores ($M=3.94$; $DP=0.65$) nas *Características de Caráter e Saúde*, diferentes e superiores dos scores ($M=3.77$; $DP=0.69$) dos estudantes que não estão numa relação amorosa, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas ($p\text{-value}=0.048$). Deste modo, a hipótese colocada foi confirmada, para o fator *Características de Caráter e Saúde*.

Estudo de H4b: Existem diferenças estatisticamente significativas nas características favorecidas num potencial parceiro amoroso para um relacionamento de longo-prazo com compromisso (Fatores *Características PA Longo*), entre os estudantes que estão numa relação amorosa e os estudantes que não estão numa relação amorosa.

Para H4b, os estudantes que estão numa relação amorosa apresentam scores ($M=4.31$; $DP= 0.47$) nas *Características de Caráter e Saúde*, diferentes e superiores dos scores ($M=4.16$; $DP=0.51$) apresentados pelos estudantes que não estão numa relação amorosa, sendo as diferenças constatadas estatisticamente significativas ($p\text{-value}=0.039$). Desta forma, a hipótese delineada foi confirmada, para o fator *Características de Caráter e Saúde*.

Com o objetivo de estudar as duas últimas hipóteses, realizaram-se análises de correlações.

Estudo de H5: Existe uma correlação estatisticamente significativa entre a Autoestima e a Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso.

Quadro 7. Matriz de Correlações da Autoestima e da Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso (escala total e fatores)

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|-----------------------------|---------|--------|--------|--------|---|
| Autoestima (1) | - | | | | |
| Caract. Caráter e Saúde (2) | -,301** | - | | | |
| Caract. Sociabilidade (3) | -,233** | ,353** | - | | |
| Caract. Futuras (4) | -,044 | ,191** | ,182** | - | |
| Autoavaliação PA total (5) | -,226** | ,569** | ,699** | ,784** | - |

** Correlação significativa a um nível de significância de 0.01.

No que respeita ao instrumento *Autoavaliação PA*, observam-se correlações estatisticamente significativas e positivas entre os seus três fatores.

Relativamente às correlações entre os dois instrumentos, observam-se correlações estatisticamente significativas entre a Autoestima e dois fatores da *Autoavaliação PA*, o fator *Características de Caráter e Saúde* e o fator *Características de Sociabilidade* e, entre a Autoestima e Autoavaliação PA total. No entanto como se pode constatar no quadro, as correlações evidenciadas entre os instrumentos são de carácter negativo. Mais detalhadamente, a autoestima estabelece uma correlação de $r=-0.301$, $p<0.01$ com o fator *Características de Caráter e Saúde*, de $r=-0.233$, $p=0.01$ com o fator *Características de Sociabilidade* e de $r=-0.226$, $p=0.01$ com a Autoavaliação PA total.

Deste modo, a hipótese colocada foi confirmada para os fatores *Características de Caráter e Saúde*, *Características de Sociabilidade* e para a Autoavaliação PA Total.

Estudo de H6a: Existem correlações estatisticamente significativas entre a Autoestima e os Fatores das Características Favorecidas num Potencial Parceiro Amoroso para um Relacionamento de Curto-prazo sem Compromisso.

Quadro 8. Matriz de Correlações da Autoestima e das *Características PA Curto* (escala total e fatores)

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---------------------------------|-------|--------|--------|--------|---|
| Autoestima (1) | - | | | | |
| Caract. Caráter e Saúde (2) | -,115 | - | | | |
| Caract. Futuras/Compromisso (3) | ,027 | ,544** | - | | |
| Caract. Sociabilidade (4) | -,080 | ,338** | ,383** | - | |
| Caract. PA Curto total (5) | -,071 | ,775** | ,826** | ,749** | - |

** Correlação significativa a um nível de significância de 0.01.

Observaram-se correlações estatisticamente significativas e positivas entre todos os fatores que compõem o instrumento *Características PA Curto*.

No que concerne às correlações entre os dois instrumentos, não se observa nenhuma correlação estatisticamente significativa entre a Autoestima e as *Características PA Curto* (escala total e fatores). Deste modo, a hipótese delineada não foi confirmada.

H6b: Existem correlações estatisticamente significativas entre a Autoestima e os Fatores das Características Favorecidas num Potencial Parceiro Amoroso para um Relacionamento de Longo-prazo com Compromisso.

Quadro 9. Matriz de Correlações da Autoestima e das *Características PA Longo* (escala total e fatores)

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|-----------------------------|---------|--------|--------|--------|---|
| Autoestima (1) | - | | | | |
| Caract. Caráter e Saúde (2) | -,285** | - | | | |
| Caract. Sociabilidade (3) | -,156* | ,338** | - | | |
| Atratividade (4) | -,154* | ,381** | ,375** | - | |
| Caract. PA Longo total (5) | -,241** | ,672** | ,764** | ,825** | - |

* Correlação significativa a um nível de significância de 0.05.

** Correlação significativa a um nível de significância de 0.01.

Verificam-se correlações estatisticamente significativas e positivas entre todos os fatores do instrumento *Características PA Longo*.

No que diz respeito às correlações entre os dois instrumentos, verificam-se correlações estatisticamente significativas e negativas entre a Autoestima e as *Características PA Longo* (escala total e fatores). Mais detalhadamente, a Autoestima correlaciona-se negativa e significativamente com o fator *Características de Caráter e Saúde*, $r=-0.285$, $p<0.01$, com o fator *Características de Sociabilidade*, $r=-0.156$, $p<0.05$, com o fator *Atratividade*, $r=-0.154$, $p<0.05$ e com as *Características PA Longo* total, $r=-0.241$, $p<0.01$. Deste modo, a hipótese colocada foi confirmada.

H6C: Existem correlações estatisticamente significativas entre os Fatores da Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso e os Fatores das Características Favorecidas num Potencial Parceiro Amoroso para um Relacionamento de Curto-prazo sem Compromisso.

Quadro 10. Matriz de Correlações da Autoavaliação PA (escala total e fatores) e das Características PA Curto (escala total e fatores)

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
|------------------------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---|
| Caract. Caráter e Saúde Auto (1) | - | | | | | | | |
| Caract. Sociabilidade Auto (2) | ,353** | - | | | | | | |
| Caract. Futuras Auto (3) | ,191** | ,182** | - | | | | | |
| Caract. Caráter e Saúde PA Curto (4) | ,515** | ,227** | ,192** | - | | | | |
| Caract. Futuras/Compromisso PA Curto (5) | ,134* | ,188** | ,334** | ,544** | - | | | |
| Caract. Sociabilidade PA Curto (6) | ,202** | ,624** | ,133* | ,338** | ,383** | - | | |
| Autoavaliação PA total (7) | ,569** | ,699** | ,784** | ,369** | ,333** | ,432** | - | |
| Caract. PA Curto total (8) | ,347** | ,451** | ,285** | ,775** | ,826** | ,749** | ,487** | - |

*. Correlação significativa a um nível de significância de 0.05.

** Correlação significativa a um nível de significância de 0.01.

Observam-se correlações estatisticamente significativas e positivas, entre o instrumento *Autoavaliação PA* (escala total e fatores) e o instrumento *Características PA Curto* (escala total e fatores). Mais detalhadamente, são de destacar em primeiro lugar, as correlações observadas entre os fatores *Características de Sociabilidade (Autoavaliação PA)* e *Características de Sociabilidade (Características PA Curto)* ($r=0.624$, $p<0.01$) e entre os fatores *Características de Caráter e Saúde (Autoavaliação PA)* e *Características de Caráter e Saúde (Características PA Curto)* ($r=0.515$, $p<0.01$). É ainda importante sublinhar a correlação existente entre a *Autoavaliação PA* total e as *Características PA* total ($r=0.487$, $p<0.01$).

Neste sentido, a hipótese apresentada foi confirmada.

H6d: Existem correlações estatisticamente significativas entre os Fatores da Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso e os Fatores das Características Favorecidas num Potencial Parceiro Amoroso para um Relacionamento de Longo-prazo com Compromisso.

Quadro 11. Matriz de Correlações da Autoavaliação PA (escala total e fatores) e das Características PA Longo (escala total e fatores)

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
|--------------------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---|
| Caract. Caráter e Saúde Auto(1) | - | | | | | | | |
| Caract. Sociabilidade Auto (2) | ,353** | - | | | | | | |
| Caract. Futuras Auto (3) | ,191** | ,182** | - | | | | | |
| Caract. Caráter e Saúde PA longo (4) | ,762** | ,294** | ,115* | - | | | | |
| Caract. Sociabilidade PA Longo (5) | ,374** | ,692** | ,398** | ,338** | - | | | |
| Atratividade PA Longo (6) | ,246** | ,426** | ,112 | ,381** | ,375** | - | | |
| Autoavaliação PA total (7) | ,569** | ,699** | ,784** | ,442** | ,692** | ,334** | - | |
| Caract. PA Longo total (8) | ,542** | ,635** | ,289** | ,672** | ,764** | ,825** | ,637** | - |

*. Correlação significativa a um nível de significância de 0.05.

**. Correlação significativa a um nível de significância de 0.01.

À exceção dos fatores *Atratividade* (Características PA Longo) e *Características Futuras (Autoavaliação PA)*, entre os quais não se observa uma correlação estatisticamente significativa, verificam-se correlações estatisticamente significativas e positivas entre a *Autoavaliação PA* (escala total e fatores) e as *Características PA Longo* (escala total e fatores), das quais se destacam as correlações existentes entre os fatores *Características de Caráter e Saúde (Autoavaliação PA)* e *Características de Caráter e Saúde (Características PA Longo)* ($r=0.762$, $p<0.01$); *Características de Sociabilidade (Autoavaliação PA)* e *Características de Sociabilidade (Características PA Longo)* ($r=0.692$, $p<0.01$); e *Características de Sociabilidade (Autoavaliação PA)* e *Atratividade (Características PA Longo)* ($r=0.426$, $p<0.01$). Torna-se ainda importante salientar a correlação estabelecida entre a *Autoavaliação PA total* e as *Características PA total* ($r=0.637$, $p<0.01$).

Deste modo, a hipótese delineada foi confirmada.

CAPÍTULO V

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ingressar no estudo de um tema concreto implica uma diversidade de desafios e riscos, desde a construção do seu objetivo geral até à escolha dos instrumentos de medida considerados adequados para lhe dar resposta. A partir da revisão bibliográfica realizada, criou-se inicialmente um conjunto de expectativas relacionado com os resultados da investigação, no entanto estes são também suscetíveis de acarretar novas realidades.

A disparidade entre resultados esperados e resultados alcançados, pode encontrar justificação num conjunto de fatores, entre eles, a natureza quantitativa do estudo, que pode oferecer um conjunto de dados mais restrito, de um prisma qualitativo, a escolha dos instrumentos de medida, com enfoque nas medidas de autorrelato como fenómenos de deseabilidade social, que se pode exacerbar devido ao tema da investigação e influenciar a fidedignidade das respostas e, a amostra do estudo ou o próprio contexto.

Neste sentido, pretende-se discutir os resultados alcançados no âmbito do estudo da Escolha Amorosa, integrando as variáveis Autoestima e Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso e, tendo em consideração as Teorias do Desenvolvimento Humano e os estudos empíricos conduzidos no campo da Psicologia da Atração e da Escolha Amorosa, ambicionando, de acordo com a confirmação ou a rejeição das hipóteses delineadas, conceder resposta aos objetivos definidos para o presente trabalho.

Importa mencionar que a discussão dos resultados se encontra circunscrita ao presente estudo, que apesar de conduzido com uma amostra de estudantes universitários, não se considera representativo da população do ensino superior português. Concomitantemente, o presente estudo debruça-se sobre uma amostra de sujeitos que se encontram numa fase de desenvolvimento, a Adulter Emergente (Arnett, 2000), que teoricamente, tem sido alvo de conceptualizações bastante recentes e, abrange a área da Psicologia da Atração, a qual não se vê ainda muito desenvolvida empiricamente, junto da população portuguesa. Deste modo, espera-se que os eventuais contributos da presente investigação, ainda que modestos, possam contribuir para o alargamento do conhecimento inerente ao desenvolvimento do adulto emergente, com especial relevância na componente íntima e afetiva, subjacente ao estabelecimento de relacionamentos amorosos.

A discussão dos resultados encontra-se organizada de acordo com as variáveis estudadas e com as hipóteses colocadas, pretendendo-se numa primeira fase, discutir

sobre os grupos de características favorecidos na escolha amorosa e as eventuais similaridades e diferenças sexuais nessa preferência e, acerca da influência do estar ou não numa relação amorosa sobre as características favorecidas num potencial parceiro amoroso. Num segundo momento, debruçamo-nos sobre as relações existentes entre as variáveis estudadas, ou seja, a relação entre a Autoestima e a Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso, a relação entre a Autoestima e o nível de importância atribuído às características favorecidas na escolha de um potencial parceiro amoroso e a relação entre a Autoavaliação enquanto Parceiro Amoroso e o nível de importância atribuído às características favorecidas na escolha de um potencial parceiro amoroso.

No que concerne ao estudo do primeiro objetivo, subdividido em duas partes, constituindo a primeira, a identificação dos grupos de características preferidos pelos sujeitos, na escolha de potenciais parceiros amorosos, os resultados alcançados foram reveladores de uma maior preferência por *Características de Caráter e Saúde* (hábitos saudáveis, bom caráter e bom humor). No entanto, cabe acrescentar que o grupo de *Características Faciais* (olhar e sorriso) constitui aquele que foi valorizado de seguida, não se verificando uma diferença muito relevante entre os dois grupos referidos.

Os resultados obtidos vão de encontro à perspectiva evolutiva, que aponta para que, de um modo relativamente geral, os indivíduos tendencialmente prefiram características de personalidade agradáveis (Buss & Barnes, 1986), nas quais se enquadram o bom caráter e o bom humor de um potencial parceiro amoroso (Goodwin, 1990; Smith et al., 1990; Wilson & Nias, 1976). Também no estudo de Hattori (2009), sobre a escolha de parceiros na adolescência, se encontrou uma preferência geral por características relacionadas com o bom humor de um potencial parceiro amoroso. De acordo com alguns autores, também os hábitos saudáveis de um potencial parceiro amoroso, ocupam um lugar bastante importante, defendendo que todas as pessoas tendem a expressar uma preferência por companheiros saudáveis (Pinker, 1998; Buss & Barnes, 1986). No que respeita ao grupo das *Características Faciais*, também valorizado no presente estudo, o mesmo também encontra suporte a nível teórico, sendo que na conceção de vários autores, as pessoas, de forma muito geral, preferem potenciais parceiros amorosos dotados de uma boa aparência e que sejam fisicamente atraentes (Pinker, 1998; Buss & Barnes, 1986). Existe, inclusive, uma vasta quantidade de evidências relacionadas com o forte efeito que a atratividade física provoca na atração, tornando-se uma influência na interação entre potenciais parceiros amorosos (Sprecher, 1989; Berscheid & Reis, 1998; Byrne & Griffitt, 1973). A importância atribuída ao olhar e ao sorriso de um

potencial parceiro amoroso, reveste-se de um indicador da beleza do mesmo, na medida em que a beleza do rosto pode assumir uma grande importância na aparência de uma pessoa, sendo que desde bebês, parece existir uma preferência para observar faces bonitas (Pinker, 1998; Buss & Barnes, 1986).

A segunda parte do objetivo compreende o estudo da Hipótese 1, na qual se pretendeu averiguar se existem diferenças sexuais estatisticamente significativas nas características favorecidas na escolha de um potencial parceiro amoroso. Os resultados obtidos foram indicadores da existência de diferenças sexuais estatisticamente significativas apenas no grupo de *Características Sexuais/Sociais*, constatando-se maiores valores na preferência masculina pelas mesmas.

Como se discutiu anteriormente, os grupos de *Características de Caráter e Saúde* e de *Características Faciais*, constituíram, respetivamente, os maioritariamente valorizados pelos estudantes, constituindo neste momento aqueles nos quais não se observaram diferenças sexuais estatisticamente significativas, suportando deste modo, a sua importância para os estudantes de ambos os sexos, através da observação de similaridades sexuais na sua preferência. Por outro lado, o grupo de *Características Sexuais/Sociais*, que foi valorizado em menor grau pelos participantes, quando comparado com os restantes, é aquele que apresenta diferenças sexuais estatisticamente significativas, evidenciando uma preferência masculina pelo mesmo.

Através de um olhar atento sobre os itens constituintes do *fator Características Sexuais/Sociais* (altura, peso, aspeto feminino, desempenho sexual, sensualidade e hábitos sociais), constatou-se que os resultados alcançados para a presente hipótese, são sustentados a nível teórico, encontrando suporte em dois grupos de teorias mencionados na introdução teórica do presente estudo, a Perspetiva Evolutiva e a Perspetiva Sociológica. De acordo com a Perspetiva Evolutiva, o sexo masculino tendencialmente evidencia, uma preferência para com a manifestação de traços femininos observáveis, tais como a atratividade física e a beleza de uma potencial parceira amorosa (Buss, 1996; Buss & Schmitt, 1993; Kenrick et al., 1990; Pinker, 1998), relacionando a importância concedida aos traços mencionados com o valor reprodutivo da mulher, que os mesmos traduzem e, com as repercussões na posição social do homem. Também Buss (1989) quando estudou as preferências amorosas em 37 culturas, verificou que os homens mais do que as mulheres, valorizam a atratividade física de potenciais parceiras. Inclusive, a aparência física tem constituído uma das diferenças sexuais psicológicas mais documentadas relativamente às características favorecidas num potencial parceiro amoroso, evidenciando-se uma maior tendência masculina na expressão desta preferência, comparativamente ao sexo feminino (Buss, 1989, 1996). Também no estudo de Hattori (2009), os

adolescentes do sexo masculino, comparativamente aos adolescentes do sexo feminino, valorizaram maioritariamente características físicas numa potencial parceira. Por sua vez, a Perspetiva Sociológica, ainda que por motivos diferenciados, também enuncia a aparência física de uma mulher como um fator importante para o homem, relacionando esta preferência com questões tradicionais inerentes aos papéis de género (Orbuch & Sprecher, 2003; Eagly & Wood, 1999).

Tendo em consideração um vasto conjunto de mudanças sociais e apelando à própria amostra do presente estudo e ao contexto no qual a mesma se movimenta, torna-se plausível que as perspetivas enunciadas não expliquem totalmente as diferenças encontradas entre os estudantes do sexo masculino e os estudantes do sexo feminino. A própria pressão exercida por parte da sociedade em relação à atratividade entre o sexo feminino como um atributo importante, pode contribuir para a maior valorização da aparência física da mulher, quando comparada com a valorização atribuída à aparência física do homem.

No que respeita ao estudo do segundo objetivo, a primeira parte consistiu na identificação dos grupos de características preferidos pelos sujeitos, na escolha de potenciais parceiros amorosos, para um relacionamento de curto-prazo sem compromisso.

De acordo com a revisão bibliográfica realizada, no que concerne a escolha amorosa considerando um relacionamento de curto-prazo sem compromisso, a atratividade física de um potencial parceiro parece impor-se como a característica maioritariamente preferida por ambos os sexos (Regan, 1998; Li & Kenrick, 2006; Gangestad & Simpson, 2000; Hattori, 2009).

No entanto, os resultados obtidos na presente investigação vão numa direção diferente, na medida em que os estudantes valorizaram maioritariamente o grupo de *Características de Caráter e Saúde* (sincero, bom humor, educação, gentileza, inteligência, saúde física, sociável, trabalhador, hábitos saudáveis e hábitos de higiene). Apelando à própria definição deste tipo de relacionamento, que se caracteriza essencialmente pela ausência de compromisso e por uma imprecisa duração temporal (Buss, 1996; Buss & Schmitt, 1993; Regan et al., 2000), seria de esperar que o grupo de características menos valorizado compreendesse as *Características Futuras/Compromisso*, no entanto mais uma vez os resultados obtidos no estudo apontam numa direção um pouco diferente, sendo que o fator mencionado aparece como aquele que é preferido em segundo lugar pelos estudantes.

A direção tomada pelos resultados obtidos pode-se discutir à luz da própria fase desenvolvimental na qual os estudantes se encontram, a Adulterez Emergente. Esta etapa é caracterizada por uma fase exploratória ao nível da identidade,

abrangendo a identidade afetiva (Monteiro et al., 2009), vivendo-se geralmente uma etapa de exploração de papéis relacionais (Arnett, 2000). Será ao longo desta fase que as explorações ligadas à identidade na vida amorosa vão ganhando lugar e se vão aprofundando, podendo surgir questões mais sérias relacionadas com o tipo de parceiro que se deseja (Arnett, 2005). Neste sentido, pode-se pensar que apesar do contexto universitário ser, tendencialmente, caracterizado por alguma permissividade a nível sexual, pautando-se pela possibilidade de incorrência dos estudantes em interações sexuais casuais (Paul et al., 2000), o percurso universitário pode-se tornar, de outro prisma, a etapa ao longo da qual o jovem vai pensando mais seriamente sobre o tipo de parceiro que se poderia tornar o seu par numa relação amorosa, dizendo-se uma fase propícia à procura de uma pessoa compatível (alma gémea). Pode existir, deste modo, uma certa dificuldade relacionada com a separação das preferências de parceiro amoroso por tipo de relacionamento, podendo-se possuir um conjunto de características, muitas vezes inconscientemente, que se desejaria encontrar num potencial parceiro. Pode inclusive, ser difícil estabelecer à partida, o género de relacionamento que se poderá desenvolver. A própria denominação (apresentada no protocolo de investigação) – relação amorosa sem compromisso – pode não predizer claramente um relacionamento de curto-prazo, podendo-se perspetivar o seu desenvolvimento.

A segunda parte do objetivo envolve o estudo da Hipótese 2, que pretendeu compreender se existem diferenças sexuais estatisticamente significativas nas características favorecidas num potencial parceiro amoroso, para um relacionamento de curto-prazo sem compromisso.

De encontro à literatura referenciada, quando se considera uma relação amorosa a curto-prazo sem compromisso, comparativamente a uma relação amorosa a longo-prazo com compromisso, os indivíduos tendencialmente valorizam em menor grau algumas características. O sexo masculino parece atribuir menor valor a características pessoais, modificando os seus desejos enquanto minimiza o investimento numa parceira para um relacionamento pautado por um menor envolvimento relacional (Buss, 1996). O sexo feminino parece também conceder menor valor a características relacionadas com o futuro ou com um compromisso, comparativamente ao valor que tendencialmente lhes concede numa relação com compromisso (Kenrick et al., 1990). De acordo com um conjunto de autores, os homens, em comparação com as mulheres, são geralmente menos seletivos para com parceiras ocasionais, especialmente se considerarmos *one-night-stands* (Buss & Schmitt, 1993; Kenrick, Groth, Trost & Sadalla, 1993; Pedersen et al., 2002; Kenrick et al., 1990; Regan, 1998; Trivers, 1972).

No entanto, os resultados obtidos na presente investigação demonstraram a não existência de diferenças sexuais estatisticamente significativas nas características favorecidas (*características de caráter e saúde, características futuras/compromisso e características de sociabilidade*) num potencial parceiro, para este tipo de relacionamento, podendo-se depreender que existe uma similaridade em termos de seletividade para com parceiros ocasionais, entre os estudantes de ambos os sexos, para com os grupos de características mencionados.

Considerando o tipo de relacionamento em questão e também a amostra do estudo, os resultados apresentados encontram-se relativamente dentro do esperado, na medida em que não se esperava encontrar grandes diferenças sexuais para com os três grupos de características mencionados, na seleção de um potencial parceiro. Ou seja, apesar de a teoria apresentada mencionar que o sexo masculino geralmente valoriza menos características de índole pessoal e o sexo feminino, traços relacionados com o futuro e o compromisso, não significa que os valorizem em menor grau comparativamente ao sexo oposto, respetivamente, mas que os valorizem em menor grau comparativamente à sua valorização numa relação com compromisso.

A primeira parte do terceiro objetivo prendeu-se com a identificação de grupos de características preferidos pelos estudantes, na escolha de potenciais parceiros amorosos, para um relacionamento de longo-prazo com compromisso.

De encontro à perspetiva evolutiva, as características relacionadas com a personalidade e as qualidades ou atributos internos, revestir-se-ão de extrema importância quando se considera um potencial parceiro amoroso para um relacionamento de longo-prazo com compromisso (Buss, 1988, 1989, 1996). Entre este conjunto de características que parece ser maioritariamente valorizado pelos indivíduos, podem-se referir a honestidade, a confiabilidade, a inteligência, a amabilidade, a gentileza e o comprometimento na relação (Buss, 1988, 1989, 1996; Hattori, 2009), que são suscetíveis de se refletir na capacidade do indivíduo apoiar o companheiro e eventuais filhos (Regan et al., 2000). Neste sentido, quando se considera este tipo de relacionamento, espera-se a observação de padrões relativamente elevados, especialmente no que respeita às características mencionadas.

Neste sentido, os resultados alcançados para o presente objetivo, encontram-se de acordo com a teoria referenciada. Pela observação dos mesmos, depreendeu-se que o grupo de *Características de Caráter e Saúde* (trabalhador, educação, estabilidade emocional, gentileza, inteligência, hábitos de higiene, fidelidade, ambição, sincero, saúde física, hábitos saudáveis, bom humor e comprometido na relação)

consiste no maioritariamente valorizado pelos estudantes, na escolha de um potencial parceiro amoroso, considerando este tipo de relacionamento.

Apesar do fator *Características de Caráter e Saúde* ter sido o mais valorizado entre os estudantes (M=4.23), para este tipo de relacionamento, considerou-se pertinente mencionar o fator *Atratividade* (M=3.56), que foi valorizado em seguida. Este facto vem mais uma vez expressar a importância da atratividade no mundo das relações amorosas. Apesar de na análise descritiva dos itens, se ter depreendido que a atratividade foi, em média, maioritariamente valorizada na escolha amorosa a curto-prazo quando comparada com a escolha amorosa a longo-prazo, a mesma não deixa de ser importante nesta última, continuando a sua preferência a situar-se em torno do importante. Se pensarmos à luz da Teoria da Adulter Emergente, podemos perspetivar que quando se considera alguém para um envolvimento a longo-prazo, tal pode envolver uma reflexão mais séria sobre o tipo de pessoa que se deseja, ocupando também a sua atratividade um lugar importante.

Pode-se ainda constatar uma semelhança na preferência de características num potencial parceiro amoroso, considerando ambos os tipos de relacionamento (de curto e longo prazo), na medida em que os fatores maioritariamente valorizados para ambos, são constituídos de *características de caráter e saúde*, ou seja de características que tornam uma pessoa agradável aos olhos de outra. Apesar de os fatores não serem constituídos exatamente pelos mesmos itens, contém alguns em comum (trabalhador, educação, gentileza, inteligência, sincero, bom humor, saúde física, hábitos de higiene e hábitos saudáveis). Este facto vem, mais vez, acentuar a ideia de procura de uma pessoa compatível (alma gémea) e a inferência, mesmo que a nível inconsciente, de que um relacionamento sem compromisso é suscetível de evoluir para um relacionamento com compromisso. Esta ideia pode ser discutida à luz da Teoria Triangular do Amor de Sternberg (1986), mencionada na introdução teórica, e de acordo com a qual os níveis das suas três componentes básicas (intimidade, paixão e decisão/compromisso) podem alterar ao longo das relações, sendo que numa fase inicial, prevalecem a paixão e a intimidade, no entanto gradualmente e mais lentamente pode-se desenvolver um nível de compromisso, podendo-se estabelecer, neste sentido, uma ligação com a possível transformação de relacionamentos sem compromisso em posteriores relacionamentos com compromisso.

A segunda parte deste terceiro objetivo respeita o estudo da Hipótese 3, a partir da qual se pretendeu analisar se existem diferenças sexuais estatisticamente significativas nas características favorecidas num potencial parceiro amoroso, para um relacionamento de longo-prazo com compromisso.

Segundo a pesquisa bibliográfica efetuada, mais precisamente de uma ótica da perspectiva evolutiva, tendo em consideração um relacionamento de longo-prazo com compromisso, o sexo feminino quando comparado com o sexo masculino, tende a atribuir maior importância a uma alta posição social, à posse de recursos e a uma maior capacidade financeira e, a características relacionadas com a ambição e o empenho de um potencial parceiro. Por sua vez, o sexo masculino quando comparado com o sexo feminino, continua a expressar uma preferência pela atratividade de uma potencial parceira (Buss, 1989). Deste modo, esperar-se-ia constatar diferenças sexuais estatisticamente significativas no fator *Características de Sociabilidade*, a evidenciar uma maior preferência feminina pelo mesmo, quando comparado com a preferência masculina; e no fator *Atratividade*, a evidenciar uma maior preferência masculina pelo mesmo, em comparação com a preferência feminina.

Os resultados alcançados vão de encontro apenas à última premissa mencionada, revelando diferenças estatisticamente significativas entre os estudantes do sexo masculino e os estudantes do sexo feminino, na preferência pela *Atratividade* de um potencial parceiro amoroso, neste tipo de relacionamento, observando-se uma maior valorização da mesma por parte do sexo masculino. As diferenças sexuais encontradas relativamente ao fator *Atratividade* consideraram-se interessantes, desafiando-nos a pensar que a observação das mesmas se poderia relacionar estreitamente com uma menor valorização da *atratividade* na escolha amorosa feminina a longo-prazo, quando comparada com a sua escolha amorosa a curto-prazo. Neste sentido, pudemos constatar que, de facto, existiu uma maior preferência pela *atratividade* de um potencial parceiro amoroso, por parte do sexo feminino, quando consideraram uma relação sem compromisso ($M=3.69$), relativamente a quando consideraram uma relação com compromisso ($M=3.38$). Esta constatação enquadra-se na perspectiva evolutiva, de que entre o sexo feminino, a escolha amorosa a longo-prazo pode subentender a escolha de um pai para os seus filhos, sobressaindo qualidades relacionadas com o carácter paternal, enquanto a escolha amorosa a curto-prazo se pode guiar pela procura do “melhor material genético”.

A não observação de diferenças sexuais estatisticamente significativas no fator *Características de Sociabilidade*, pode encontrar justificação encarada à luz da Teoria da Adulter Emergente. O período desenvolvimental no qual os estudantes universitários se encontram não envolve, geralmente, uma preocupação com o casamento e o desejo por filhos. É por seu lado, mais direcionado para o aceitar de responsabilidade por si próprio, o tomar de decisões independentes e o “tornar-se” concretamente independente, especialmente a nível financeiro (Arnett, 1997, 1998, 2001, 2003; Facio & Micocci, 2003). Ou seja, tende a existir um maior enfoque noutras

áreas da vida do estudante universitário, como o futuro alcance de uma carreira profissional e a própria exploração de papéis relacionais, que o afastam de desejos relacionados com uma vida conjugal e familiar. Assiste-se a um conjunto de preocupações e aspirações mais direcionado para o investimento em si mesmo, passando pelo desenvolvimento de competências pessoais de autonomia psicológica e maturidade. Neste sentido a riqueza de um potencial parceiro amoroso, bem como o seu eventual desejo por casamento e por filhos, poderá não aumentar a sua atratividade entre estudantes universitárias.

Relativamente ao estudo da Hipótese 4, considerou-se pertinente e desafiante poder averiguar se existem diferenças estatisticamente significativas nas características favorecidas num potencial parceiro amoroso, para ambos os tipos de relacionamento, entre os estudantes que estão numa relação amorosa e os estudantes que não estão numa relação amorosa. De acordo com os resultados encontrados, constataram-se diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos de estudantes, no que concerne à preferência por *características de caráter e saúde*, considerando os dois tipos de relacionamento, evidenciando-se uma superioridade nesta preferência por parte do grupo de estudantes que está numa relação amorosa.

Pela observação dos resultados obtidos, compreende-se que os estudantes que se encontram numa relação amorosa, valorizam em maior grau, características relacionadas com o caráter de um potencial parceiro amoroso, em comparação com os estudantes que não se encontram numa relação amorosa. Características como o ser trabalhador, a educação, a gentileza, a inteligência, a sinceridade e o bom humor (que constituem traços em comum para os dois tipos de relação) são valorizadas quer considerando um relacionamento sem compromisso, quer considerando um relacionamento com compromisso. Desta forma, o envolvimento numa relação amorosa parece acrescer a importância atribuída a características relacionadas com o caráter e a saúde de um potencial parceiro.

Cabe agora discutir sobre as relações existentes entre as variáveis estudadas, abordadas nas hipóteses 5 e 6.

Em primeiro lugar, torna-se importante discutir sobre os *scores* totais alcançados na escala de autoestima, que podem variar entre 10 e 40, com resultados mais elevados a evidenciam níveis mais altos de autoestima. No entanto, a autoestima dos estudantes varia apenas entre 10 e 28, situando-se a sua média nos 17.76 valores, o que prediz que, em média, a sua autoestima aproximar-se-á maioritariamente de um nível mais baixo. Na perspetiva de alguns autores, a maioria dos adultos emergentes tende a experienciar um aumento da autoestima (Orth et al.,

2010), no entanto a forma como nos sentimos sobre nós mesmos é, de certa forma, suscetível de mudar de acordo com as mudanças de vida (Powell, 2004), podendo flutuar ao sabor da influência de expectativas, de mudanças de papéis, entre outros fatores (Demo, 1985). Inclusive, a fase da Adulter Emergente tende a ser caracterizada pela presença de expectativas elevadas, que podem dificultar a sua correspondência na vida real (Arnett, 2007a), podendo-se criar uma discrepância entre o *self* real e um *self* ideal, o que por sua vez pode estar associado a uma diminuição do nível de autoestima.

Relativamente ao estudo da hipótese 5, esta pretendeu compreender se existe uma correlação estatisticamente significativa entre a autoestima e a autoavaliação enquanto parceiro amoroso.

Os resultados alcançados no estudo evidenciaram uma correlação estatisticamente significativa e negativa entre a autoestima e dois grupos de características da autoavaliação enquanto parceiro amoroso, *Características de Caráter e Saúde* e *Características de Sociabilidade*. Deste modo, de encontro aos resultados obtidos, depreende-se que à medida que a autoestima aumenta, o interesse atribuído aos grupos de características da autoavaliação enquanto parceiro amoroso mencionados, diminui. Ao calcular-se a escala total da autoavaliação enquanto parceiro amoroso, depreendeu-se que à medida que a autoestima dos estudantes aumenta, a exigência para com a sua autoavaliação enquanto parceiros amorosos diminui, o que por sua vez, pode explicar o menor interesse atribuído às características da autoavaliação enquanto parceiro amoroso. Uma autoestima alta pode estar associada à confiança no valor das próprias características, podendo levar ao menor interesse atribuído às mesmas.

Considerando os resultados obtidos, depreende-se que possuir um nível de autoestima mais elevado, não ocupa um lugar muito importante nas autoavaliações enquanto parceiros amorosos dos estudantes. Atendendo ainda ao conteúdo dos itens que constituem a autoavaliação enquanto parceiro amoroso, é possível compreender que não se observe uma relação positiva da mesma com a autoestima, na medida em que a primeira compreende itens de caráter descritivo, específico e superficial, referentes a “como é que eu sou”. Por seu lado, os itens constituintes da escala de autoestima apresentam um caráter geral, relacionados com o valor enquanto pessoa. Neste sentido, possuir uma autoestima mais elevada ou sentir que se é suficientemente bom, não será necessariamente sinónimo de se considerar muito interessante nos grupos de características referidos.

No que concerne ao estudo da Hipótese 6, esta pretendeu averiguar a existência de correlações estatisticamente significativas entre a autoestima e o nível

de importância atribuído às características favorecidas num potencial parceiro amoroso e, entre a autoavaliação enquanto parceiro amoroso e o nível de importância atribuído às características favorecidas num potencial parceiro, para relacionamentos de curto e longo-prazo.

Tendo por base a revisão bibliográfica efetuada, a autoestima de um indivíduo é suscetível de desempenhar um papel na sua escolha amorosa e, deste modo, influenciar o género de pessoas por quem este se sente atraído (Zimmerman, 2010). Os indivíduos dotados de uma autoestima mais alta são, tendencialmente, mais exigentes para com potenciais parceiros amorosos, em comparação com as pessoas que possuem uma autoestima mais baixa, na medida em que podem sentir ter muito para oferecer ao outro. Estas últimas, por sua vez, são tendencialmente menos exigentes para com potenciais parceiros amorosos (Buunk et al., 2002; Kenrick, Montello, Gutierrez & Trost, 1993; Walster, 1965; Wilson & Nias, 1976).

Os resultados do estudo no que concerne um relacionamento amoroso de curto-prazo sem compromisso, não evidenciaram qualquer correlação estatisticamente significativa entre a variável autoestima e o nível de importância concedido às características favorecidas num potencial parceiro amoroso. Neste sentido, pode-se depreender que a autoestima dos estudantes universitários da amostra do estudo, não desempenha um papel importante na sua escolha amorosa a curto-prazo sem compromisso. A discussão destes resultados pode-se prender com o próprio tipo de relacionamento considerado, na medida em que ponderando uma relação de carácter breve, é plausível que a autoestima dos estudantes não detenha um papel muito acentuado na sua escolha de parceiro, sendo esta suscetível de ser influenciada por outros fatores, como por exemplo o próprio contexto relacionado com saídas à noite e ingestão de bebidas alcoólicas tão característico do contexto universitário. Nesta linha, torna-se pertinente referir a prática de *one-night stands*, que de acordo com vários estudos realizados entre estudantes universitários, se encontra fortemente ligada ao consumo de bebidas alcoólicas (e.g., Varelas, 2011).

Por sua vez, considerando um relacionamento de longo-prazo com compromisso, os resultados alcançados com a presente investigação vão num sentido contrário à teoria evidenciada, na medida em que demonstram a existência de correlações estatisticamente significativas, mas negativas, entre a variável autoestima e o nível de importância concedido às características favorecidas num potencial parceiro amoroso. As correlações observadas estendem-se às *características de carácter e saúde*, às *características de sociabilidade* e à *atratividade*, sendo que de acordo com os resultados obtidos, à medida que a autoestima dos sujeitos aumenta, a importância atribuída às características de um potencial parceiro amoroso, diminui.

À semelhança de H5, ao calcular-se a escala total para as características favorecidas num potencial parceiro amoroso a longo-prazo, verificou-se que à medida que a autoestima dos estudantes aumenta, a sua exigência para com as características de um parceiro a longo-prazo diminui, o que clarifica a menor importância atribuída às mesmas. Neste sentido, o facto de o indivíduo possuir uma autoestima alta, pode conduzir a uma menor preocupação com a escolha de um potencial parceiro amoroso, não se preocupando com o que a sua escolha pode parecer aos seus olhos e aos olhos de outros, atribuindo deste modo, menor valor às características que este evidencia. Ou seja, uma autoestima alta pode estar associada a uma expectativa de sucesso e capacidade para aceitar possíveis riscos do envolvimento com o outro.

Por outro lado, é possível que esta correlação negativa observada entre a escala de autoestima e os fatores do instrumento *Características PA Longo*, possa encontrar justificação nos próprios itens constituintes dos instrumentos. A escala de Autoestima compreende itens globais, enquanto o instrumento *Características PA Longo* contém itens de índole descritiva e específica referentes ao “que prefiro”, tornando-se plausível que um indivíduo se considere “muito bom” a um nível global, não atribuindo muita importância a determinadas características num potencial parceiro amoroso.

De um modo geral, a autoestima global parece não deter um papel muito importante na escolha amorosa dos estudantes universitários da amostra do estudo, sendo que o facto de a mesma não desempenhar um papel importante na autoavaliação enquanto parceiro amoroso, pode contribuir para que não assuma igualmente muita importância na escolha amorosa. Torna-se ainda importante considerar que, como mencionado inicialmente, a amostra do estudo evidencia níveis baixos de autoestima, o que também se pode relacionar com os resultados alcançados com esta variável. Neste sentido, um conjunto de outros fatores pode assumir um papel mais valioso na escolha amorosa dos estudantes, tais como o contexto social e o próprio espaço universitário onde estes se movimentam. Pode-se refletir ainda sobre o facto de a escala de autoestima utilizada no estudo avaliar a autoestima global do indivíduo, o que pode ter dificultado a sua relação com a especificidade das características abordadas quer na autoavaliação enquanto parceiro amoroso, quer na escolha amorosa. Também Rosenberg (1965) apesar de considerar um conceito unidimensional de autoestima, reconhece que cada elemento do self é avaliado consoante o seu valor, identificando deste modo uma natureza dual da mesma inerente a uma combinação de estimativas das diversas características do indivíduo, sendo que mesmo inconscientemente, atribui-se valores positivos ou negativos a cada

traço do self (Guindon, 2010). Neste sentido, é possível que também dimensões específicas do autoconceito, constituído de percepções e descrições que o indivíduo desenvolve sobre as suas características pessoais, possam ser influentes na autoavaliação dos estudantes como parceiros amorosos e na sua seleção de parceiro.

No que concerne à relação entre a autoavaliação enquanto parceiro amoroso e a escolha amorosa, de encontro à revisão teórica realizada, o valor do indivíduo enquanto parceiro amoroso ou a sua autopercepção do mesmo é suscetível de assumir um papel influente na preferência por potenciais parceiros amorosos (Buss & Shackelford, 2008). Inclusive, na perspectiva de Buss (2006), as pessoas inclinam-se a estabelecer relacionamentos amorosos com outros que consideram possuir similar “valor de parceiro”, o que aponta para uma hipótese de correspondência de atratividade.

Deste modo, os resultados obtidos no estudo vão de encontro à perspectiva referenciada, sendo que no que respeita às relações entre a autoavaliação enquanto parceiro amoroso e o nível de importância atribuído às características favorecidas num potencial parceiro amoroso, obtiveram-se correlações estatisticamente significativas e positivas entre as mesmas, considerando os dois tipos de relacionamento, não se evidenciando apenas correlações entre a autoavaliação das *características futuras* e a preferência pela *atratividade* de um potencial parceiro (para um relacionamento de longo-prazo).

São de destacar as correlações evidenciadas entre a autoavaliação das *características de caráter e saúde* e das *características de sociabilidade* e, a preferência por esses mesmos grupos de características num potencial parceiro amoroso, para ambos os tipos de relacionamento. Importa mencionar novamente que apesar de os grupos de características comparados não serem constituídos exatamente pelos mesmos itens, a sua maioria são comuns. Pode-se depreender, deste modo, que quanto mais os estudantes se consideram interessantes nos grupos de características mencionados, maior importância atribuem ao mesmo género de características, num potencial parceiro amoroso, independentemente do tipo de relacionamento considerado. Neste sentido, a hipótese de correspondência de “atratividade” mencionada anteriormente, sobressai no presente estudo.

Através do cálculo das escalas totais, depreendeu-se que à medida que os sujeitos são mais exigentes para com a sua autoavaliação enquanto parceiros amorosos, são igualmente mais exigentes nas suas escolhas amorosas de curto e longo prazo. Inclusive a correlação evidenciada entre a autoavaliação enquanto parceiro amoroso (escala total) e a escolha amorosa (escala total), aumentou de acordo com o aumento do nível de envolvimento relacional, predizendo uma maior

influência da autoavaliação enquanto parceiro amoroso na importância atribuídas às características de um potencial parceiro amoroso, para um relacionamento de longo-prazo com compromisso.

De um modo global, compreendeu-se que a autoavaliação enquanto parceiro amoroso se constitui como um fator a considerar na tentativa de explicar a escolha amorosa dos estudantes, integrada na realidade complexa inerente ao estabelecimento e à vivência de relações íntimas, enfatizando-se especialmente o contexto onde estas têm lugar, a universidade, a fase desenvolvimental em que os estudantes se encontram e as pressões culturais e sociais relacionadas com a frequência do ensino superior.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivos identificar as características favorecidas na escolha de potenciais parceiros amorosos, entre alunos universitários, em relações de curto e longo prazo, e perceber se a autoavaliação enquanto parceiro amoroso e a autoestima influenciam o nível de importância nessa escolha. Neste sentido, enveredou-se por uma reflexão teórica que recaiu, inicialmente, sobre o processo de desenvolvimento humano, mais especificamente sobre a etapa da Adulter Emergente (Arnett, 2000). Concomitantemente, abordou-se a componente de autoestima no adulto emergente, na medida em que a mesma detém o seu papel neste período desenvolvimental e na subsequente vida adulta. A acrescentar à importância da autoestima na fase da aduiter emergente, constatou-se o seu possível reflexo no estabelecimento de relações amorosas, onde coube uma abordagem mais pormenorizada da escolha amorosa, no contexto universitário.

Posteriormente à análise e discussão dos resultados, apresentam-se agora as principais conclusões resultantes do estudo teórico e empírico realizados, refletindo-se sobre as limitações da investigação e sobre as suas implicações para a investigação futura.

O processo inerente ao “tornar-se adulto” tem sido alvo de várias conceptualizações, verificando-se uma diversidade de opiniões referentes ao mesmo. No entanto, nos últimos anos assistiu-se a uma maior concordância entre autores, que olharam para este processo como pautado por características muito específicas e por um caráter cada vez mais complexo. Compreendeu-se, neste sentido, que esta caminhada até à vida adulta, cada vez mais comprida, constituía uma fase individualizada do ciclo de vida do indivíduo. Na medida em que as mudanças observadas nas últimas décadas nas sociedades ocidentais, se podem relacionar com a maior exigência de uma formação superior ligada ao desejo de alcance de uma estabilidade profissional, adiando conseqüentemente o processo de emancipação residencial (Andrade, 2010), os estudantes universitários podem-se constituir como a representação máxima da fase de vida contemplada no estudo.

Partindo de contributos de autores nas áreas do desenvolvimento humano do adulto emergente e do desenvolvimento psicossocial do estudante universitário, tem-se vindo a sublinhar a importância da realização de estudos junto desta população com características tão próprias (Arnett, 2000; Chickering & Reisser, 1993). Inclusive,

compreendeu-se que o adulto emergente – estudante universitário, se desenvolve num contexto rico e impulsionador, no qual se vê envolto numa panóplia de oportunidades de crescimento, que se estendem além da formação académica, abraçando as esferas pessoal, social, íntima e relacional. O estudante vê-se estimulado a aprofundar uma relação consigo mesmo e com os outros ao seu redor, inclusivamente com um parceiro amoroso, permitindo-se criar novos espaços afetivos e novas dimensões relacionais.

Nesta linha, considerou-se relevante enveredar pelo estudo da escolha amorosa e, mais especificamente, das características favorecidas num potencial parceiro amoroso, dentro deste contexto tão especial. Pôde-se constatar a existência de um leque, já alargado, de estudos incidentes na psicologia da atração e na escolha amorosa, com relevância para as características tendencialmente favorecidas na seleção de potenciais parceiros amorosos. No entanto, a nível nacional, são ainda poucas as investigações desenvolvidas neste sentido.

Através dos contributos de Gangestad e Simpson (2000), depreendeu-se que a preferência por determinadas características no processo de escolha amorosa é suscetível de variar de acordo com o contexto temporal ou com o nível de envolvimento relacional, através do estabelecimento de relacionamentos amorosos de curto-prazo sem compromisso ou de longo-prazo com compromisso.

Considerando os tipos de relacionamento amoroso mencionados e o impacto que o nível de autoestima de um indivíduo e a sua autoavaliação enquanto parceiro amoroso, podem deter no momento de escolher um potencial parceiro, propusemos estudar as características favorecidas na escolha amorosa.

À semelhança da organização da discussão dos resultados, as conclusões alcançadas no estudo podem-se dividir numa primeira parte de identificação de características favorecidas num potencial parceiro amoroso e de constatação de diferenças e similaridades sexuais na sua preferência e, numa segunda parte ligada ao cruzamento das variáveis em estudo.

Deste modo, no que concerne às características favorecidas num potencial parceiro amoroso, constatou-se primeiramente uma superioridade na preferência por *características de caráter e saúde*, quer considerando um relacionamento de curto-prazo sem compromisso e de longo-prazo com compromisso, quer quando se considerou apenas as características consideradas mais atraentes num potencial parceiro amoroso, sem a referência a um tipo de relação específica. Neste sentido, concluiu-se que os estudantes, tal como a Teoria da Adulter Emergente refere, se

encontram numa fase desenvolvimental e vivencial pautada por uma procura do parceiro compatível (alma gémea), o que pode justificar este enfoque sobre as características de personalidade de um potencial parceiro amoroso. Após a resolução da crise “Identidade” vs. Confusão da Identidade” característica da adolescência, o adulto emergente está normalmente preparado para ligar o seu eu com o de outra pessoa (Marchand, 2001), sendo nesta etapa que se solidificam as questões inerentes ao verdadeiro envolvimento com o outro, abrangendo os relacionamentos amorosos (Erikson, 1968). Neste sentido, pensa-se que o estudante universitário – adulto emergente – se começa a debater com questões mais sérias relacionadas com o tipo de pessoa que deseja para si, o que requer o conhecimento de si mesmo e dos traços mais importantes para si num potencial parceiro amoroso (Arnett, 2005). Concluiu-se ainda que as características relacionadas com o caráter e a saúde se revestiram de maior importância entre os estudantes que se encontravam numa relação amorosa, assistindo-se a um acréscimo da importância atribuída a características relacionadas com a personalidade de um potencial parceiro, relacionado com o envolvimento num relacionamento.

Para além das *características de caráter e saúde*, concluiu-se que também os traços relacionados com a atratividade têm o seu peso na escolha amorosa dos estudantes, sendo que os fatores *Características Faciais (Características PA)* e *Atratividade (Características PA Longo)* constituíram os fatores valorizados em segundo lugar, para um potencial parceiro amoroso (sem a referência a um tipo de relação específica) e para uma relação amorosa com compromisso. Estas conclusões vieram confirmar as expectativas inerentes ao início da investigação, na medida em que ao longo da revisão de literatura efetuada, se veio compreendendo que a atratividade de um indivíduo se reveste de importância no mundo da atração amorosa. Neste sentido, a aparência das pessoas, mais concretamente o grau em que se possui beleza ou não, acaba por se tornar importante na escolha de um potencial parceiro amoroso (Wilson & Nias, 1976). Apesar de no presente estudo, as características relacionadas com a atratividade ganharem mais importância na escolha amorosa a curto-prazo, compreendeu-se que as mesmas continuam a evidenciar-se na escolha amorosa a longo-prazo e na escolha de um potencial parceiro no geral. Deste modo, concluiu-se que a atração física parece deter um forte efeito na atração, o que se confirma neste estudo.

No que compreende as similaridades e as diferenças sexuais encontradas, apenas se observaram diferenças sexuais no fator *Características Sexuais/Sociais*

(*Características PA*) e no fator *Atratividade (Características PA Longo)*, verificando-se para ambos maiores valores na preferência masculina. As diferenças observadas entre os sexos foram de encontro às expectativas criadas, na medida em que de acordo com a perspectiva evolutiva, ambos os fatores mencionados se constituem de características tendencialmente valorizadas em maior grau pelo sexo masculino, quando comparado com o sexo feminino, tais como o aspeto feminino, a atratividade física do rosto, a atratividade física do corpo, entre outras. Concluiu-se, deste modo, que também entre os estudantes universitários do estudo, se evidencia esta preferência masculina, que ressaltou na escolha de uma potencial parceira amorosa (sem a referência ao nível de envolvimento relacional) e na escolha de uma potencial parceira amorosa para uma relação com compromisso.

Relativamente às similaridades sexuais constatadas, as mesmas não foram reveladoras de grandes surpresas. Considerando um potencial parceiro amoroso no geral, constataram-se similaridades sexuais nos grupos de *Características de Caráter e Saúde* e *Características Faciais*, que de acordo com a literatura, constituem conjuntos de traços valorizados por ambos os sexos, no mundo da atração amorosa. No que concerne a consideração de uma relação sem compromisso, apenas se observaram similaridades entre os sexos, na preferência de um potencial parceiro amoroso, o que atendendo aos grupos de características considerados (*características de caráter e saúde, características futuras/compromisso e características de sociabilidade*), se enquadrou na revisão bibliográfica realizada. Por fim, no que respeita um relacionamento de longo-prazo com compromisso, observaram-se similaridades sexuais nos grupos de *Características de Caráter e Saúde* e *Características de Sociabilidade*, o que também se enquadrou no corpo teórico do trabalho, mais especificamente na Perspetiva Evolutiva e na Teoria da Adulterez Emergente.

Por sua vez, no que respeita ao cruzamento das variáveis em estudo, as conclusões obtidas não se encontram totalmente de acordo com as expectativas subjacentes ao início da investigação, especialmente no que concerne a variável autoestima.

Através do cruzamento das variáveis autoestima e autoavaliação enquanto parceiro amoroso, concluiu-se que à medida que a autoestima dos estudantes aumenta, a importância ou a exigência para com a sua autoavaliação enquanto parceiros amorosos diminui. No que concerne especificamente aos grupos de características da autoavaliação enquanto parceiro amoroso, verificou-se que

concomitantemente ao aumento da autoestima, está uma diminuição do interesse concedido a *características de caráter e saúde* e a *características de sociabilidade*.

No que diz respeito à escolha amorosa a curto-prazo, concluiu-se que a autoestima dos estudantes da amostra do estudo não se mostrou influente na importância atribuída às características de um potencial parceiro amoroso.

Por sua vez, relativamente à escolha amorosa a longo-prazo, depreendeu-se que a mesma é influenciada pela autoestima, constatando-se no entanto, uma relação negativa entre ambas, sendo que à medida que a autoestima dos estudantes aumenta, a importância atribuída às características de um potencial parceiro amoroso diminui.

Tendo em consideração os resultados alcançados provenientes dos cruzamentos das variáveis em estudo com a variável autoestima, o que causou menos estranheza prendeu-se com a não observação de correlações estatisticamente significativas entre a autoestima dos estudantes e a sua escolha amorosa a curto-prazo. Refletiu-se, neste sentido, sobre a possibilidade da existência de outros diversos fatores que se podem impor como influentes na escolha amorosa a curto-prazo dos estudantes, entre eles o contexto universitário pautado por uma diversidade de possibilidades que se estendem à componente íntima e por uma permissividade relacionada com o desenvolvimento de relações ocasionais. Ou seja, a escolha amorosa a curto-prazo poderá ser mais suscetível de se ver influenciada pelo contexto, comparativamente à escolha amorosa a longo-prazo, que por sua vez poderá ganhar contornos bem definidos.

No que diz respeito ao cruzamento da variável autoestima com a variável autoavaliação enquanto parceiro amoroso e com a escolha amorosa a longo-prazo, foi com algum espanto que se constataram as suas correlações negativas. Compreendeu-se, neste sentido, que à medida que a autoestima dos estudantes aumenta, o interesse atribuído à sua autoavaliação enquanto parceiros amorosos e a importância concedida às características de um potencial parceiro amoroso a longo-prazo, diminuem. Atendendo às conclusões obtidas, refletiu-se sobre a possibilidade de uma autoestima mais elevada estar associada à despreocupação para com as suas próprias características e para com as características de um potencial parceiro amoroso.

Globalmente, depreendeu-se ainda que as correlações negativas observadas se podem relacionar com o conteúdo dos itens dos instrumentos de avaliação, na medida em que a escala de autoestima avaliou a autoestima global dos estudantes,

enquanto os restantes instrumentos avaliaram o interesse/importância de características específicas. Compreendeu-se, neste sentido, que uma autoestima global mais elevada pode não conduzir expressamente à valorização de determinadas características, quer em si mesmo, quer no outro.

Por último, no que concerne às expectativas relacionadas com a eventual influência da autoavaliação enquanto parceiro amoroso sobre a escolha amorosa, as mesmas viram-se confirmadas. Deste modo, considerando os dois tipos de relacionamento, de curto e longo prazo, concluiu-se que à medida que os estudantes se consideram mais interessantes na sua autoavaliação enquanto parceiros amorosos, maior importância concedem ou mais exigentes se mostram para com as características de um potencial parceiro amoroso. Observou-se inclusivamente uma correspondência entre o aumento do interesse atribuído à autoavaliação de *características de carácter e saúde* e de *características de sociabilidade* e a maior importância concedida aos grupos constituídos pelo mesmo género de características, num potencial parceiro amoroso, para os dois tipos de relacionamento. Constatou-se ainda um aumento da influência da autoavaliação enquanto parceiro amoroso, sobre a escolha amorosa, concomitantemente ao aumento do nível de envolvimento relacional.

De um modo geral, as conclusões alcançadas no estudo foram reveladoras de informação consonante com o corpo teórico do trabalho e de informação adicional ao mesmo. Neste sentido, os resultados obtidos relacionados com a variável autoestima, apesar de apontarem numa direção diferente da revisão de literatura realizada, revestiram-se de importância ao nível da reflexão sobre os mesmos, perspetivando a sua justificação e enquadramento no estudo.

Inerentes ao trabalho realizado estão, certamente presentes, algumas limitações. Podem-se apontar, desde logo, as limitações relacionadas com a amostra recolhida, no que concerne à diferença do número de participantes de cada sexo, constatando-se uma prevalência do sexo feminino (154) sobre o sexo masculino (70), podendo comprometer as comparações sexuais. Deste modo, sugere-se a realização de estudos neste campo, com uma amostra mais equitativa em termos da distribuição dos sujeitos por sexo.

No que respeita às limitações decorrentes dos instrumentos de medida utilizados, os mesmos constituem medidas de autorrelato, podendo-se constatar a possibilidade de erros provenientes da subjetividade da resposta dos participantes e/ou de eventuais enviesamentos associados à desejabilidade social. Especificamente

no caso dos instrumentos baseados na Dissertação de Doutorado “Escolha de Parceiros na Adolescência” (Hattori, 2009) e adaptados para a presente investigação, pensa-se que o caráter dúbio ou subjetivo de alguns itens (por exemplo o item ciúme), possa ter incorrido alguma hesitação por parte dos sujeitos, em torno de algumas respostas, levando-nos a pensar sobre a forma como estes os perceberam ou interpretaram.

Por seu lado, à exceção da versão portuguesa da *Rosenberg Self-Esteem Scale*, os restantes instrumentos escolhidos não se encontravam aferidos para a população portuguesa, carecendo de estudos com o intuito de aumentar a sua robustez psicométrica, vendo-se também acrescidas as limitações dos mesmos no que respeita ao estudo da população do presente trabalho. A acrescentar, como explicado na metodologia do estudo, a adaptação dos instrumentos mencionados, à presente investigação, pautou-se por mudanças relativamente aos instrumentos originais, o que de alguma forma, também pode limitar a robustez psicométrica dos mesmos.

Na medida em que a análise fatorial realizada aos instrumentos adaptados de Hattori (2009) consistiu numa análise fatorial exploratória, não encerrando por isso uma versão definitiva dos mesmos, sugere-se a realização de estudos que acrescentem a realização de uma análise fatorial confirmatória, com vista a analisar com maior rigor a estrutura fatorial dos instrumentos.

Considerou-se ainda como limitação a utilização de uma escala de autoestima global, na medida em que a mesma pode ter dificultado as relações entre a variável autoestima e as restantes variáveis em estudo, que por sua vez se constituíram de itens relacionados com características específicas. Neste sentido, sugere-se a realização de estudos que utilizem uma escala de autoestima baseada na avaliação de dimensões específicas do autoconceito, como por exemplo a adaptação portuguesa (Faria & Fontaine, 1992) do *Self-Description Questionnaire III* (Marsh & O’Niell, 1984), para jovens adultos universitários, de forma a averiguar a influência das mesmas sobre a autoavaliação enquanto parceiro amoroso e a preferência de características, inerente à escolha amorosa.

No que concerne a limitações relacionadas com as variáveis em estudo, relativamente à autoestima, pode-se questionar sobre uma eventual relação da mesma com a adaptação ao contexto universitário, especialmente entre estudantes do primeiro ano de Licenciatura. Nesta linha, considera-se interessante o

desenvolvimento de estudos longitudinais, com vista a compreender a eventual variação desta variável ao longo do ciclo de estudos dos estudantes.

Neste sentido, considera-se ainda pertinente a realização de investigações que comparem amostras de estudantes universitários com amostras de sujeitos com idades compreendidas na faixa etária da adultez emergente, mas não frequentadores do ensino superior, com vista a possíveis comparações não apenas nos níveis de autoestima, mas também no género de características favorecidas na escolha amorosa a curto e a longo prazo.

Considerou-se que a utilização do termo, no protocolo de investigação, “relação amorosa sem compromisso” se possa ter revelado demasiado geral, levando os sujeitos a perspetivar a possibilidade do seu desenvolvimento e, deste modo, influenciar a preferência de características considerando a mesma. Neste sentido, pensa-se que poderia ter sido proveitoso acrescentar os *one-night stands* aos tipos de relacionamento íntimo abordados no estudo, sugerindo-se investigações futuras nesta direção.

Para terminar, sugere-se ainda a realização de estudos futuros com incidência noutros fatores de atração amorosa, de forma a expandir este campo de estudo em terreno nacional, sugerindo-se também a recolha de amostras mais diversificadas, a nível da orientação sexual dos sujeitos, de modo a abordar as preferências amorosas junto desta população.

Percebermos melhor o desenvolvimento da escolha amorosa nesta fase desenvolvimental tao peculiar, permite-nos ainda o desenho de futuras intervenções. Na medida em que se compreendeu que o contexto pode ter a sua influência na escolha amorosa a curto-prazo sem compromisso e, que a Adultez Emergente envolve um período de possibilidades que se podem estender à prática de comportamentos de risco, entre eles a prática de sexo desprotegido, considera-se pertinente sugerir a prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis, no próprio contexto universitário. Apesar de as ações ao nível desta prevenção já se encontrarem alargadas, pensa-se que poderá ainda existir uma lacuna ao nível da proximidade com as populações, neste caso com a população de estudantes universitários.

Apesar das diversas limitações mencionadas, acredita-se que o presente estudo possa ter contribuído para a expansão do conhecimento no campo da escolha amorosa do adulto emergente, na população portuguesa, concretamente no contexto universitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L. S., Soares, A. P., & Ferreira, J. A. (2001). Adaptação, rendimento e desenvolvimento dos estudantes no Ensino Superior: Construção do Questionário de Vivências Acadêmicas. *Methodus*, 3(5), 3-20.
- Amado, N. (2010). *Diz-me a Verdade sobre o Amor*. Alfragide: Academia do Livro.
- Andrade, C. (2006). *Antecipação da conciliação dos papéis familiares e profissionais na transição para a idade adulta: estudo diferencial e intergeracional*. (Dissertação de doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica*, 2(XXVIII), 255-267.
- Arnett, J. J. (1997). Young people's conceptions of the transition to adulthood. *Youth & Society*, 29(1), 3-21. doi: 10.1177/0044118X97029001001
- Arnett, J. J. (1998). Learning to stand alone: The contemporary American transition to adulthood in cultural and historical context. *Human Development*, 41(5/6), 295-315. doi:10.1159/000022591
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469-480. doi:10.1037//0003-066X.55.5.469
- Arnett, J. J. (2001). Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence through midlife. *Journal of Adult Development*, 8(2), 133-143. doi:10.1023/A:1026450103225
- Arnett, J. J. (2003). Conceptions of the transition to adulthood among emerging adults in american ethnic groups. *New Directions in Child and Adolescent Development*, 100, 63-75. doi:10.1002/cd.75
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.

- Arnett, J. J. (2005). The developmental context of substance use in emerging adulthood. *Journal of Drug Issues*, 35(2), 235-254. doi:10.1177/002204260503500202
- Arnett, J. J. (2006a). Emerging adulthood: Understanding the new way of coming of age. In J. J. Arnett, & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 3-19). Washington, DC: American Psychological Association.
- Arnett, J. J. (2006b). Debate emerging adulthood in Europe: A response to Bynner. *Journal of Youth Studies*, 9(1), 111-123. doi:10.1080/13676260500523671
- Arnett, J. (2007a). Emerging adulthood: What is it, and what is it good for? *Society for Research in Child Development*, 1(2), 68-73. doi:10.1111/j.1750-8606.2007.00016.x
- Arnett, J. J. (2007b). The self. In *Adolescence and Emerging Adulthood: a Cultural Approach* (3rd ed., pp. 162-191). New Jersey: Pearson.
- Arnett, J. J., & Tanner, J. L. (2006). *Emerging adults in America: Coming of the age in the 21st century*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Aron, A., Fisher, H., Mashek, D., Strong, G., Li, H., & Brown, L. (2005). Reward, motivation, and emotion systems associated with early-stage intense romantic love. *Journal of Neurophysiology*, 94(1), 327-337. doi:10.1152/jn.00838.2004
- Aron, A., Steele, J., Kashdan, T., & Perez, M. (2006). When similar do not attract: Tests of a prediction for the self-expansion model. *Personal Relationships*, 13(4), 387-396. doi:10.1111/j.1475-6811.2006.00125.x
- Bale, C. (2010). *Attractiveness and self-esteem: A test of sociometer theory*. (Dissertação de doutoramento não publicada). University of Central Lancashire, Lancashire.
- Baltes, P. B. (1987). Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, 23(5), 611-626. doi:10.1037/0012-1649.23.5.611

- Berscheid, E. (1985). Interpersonal attraction. In: G. Lindzey, & E. Aronson (Eds.), *The Handbook of Social Psychology* (vol. 2., pp. 413-484). New York: Random House.
- Berscheid, E. (1999). The greening of relationship science. *American Psychological Association*, 54(4), 260-266. doi:10.1037//0003-066X.54.4.260
- Berscheid, E., & Reis, H. (1998). Attraction and close relationships. In D. Gilbert, S. Fiske, & G. Lindzey. *The Handbook of Social Psychology* (4th ed., pp. 193-281). New York: Oxford University Press.
- Berscheid, E., Dion, K., Walster, E., & Walster, W. (1971). Physical attractiveness and dating choice: A test of the matching hypothesis. *Journal of Experimental Social Psychology*, 7(2), 173-189. doi:10.1016/0022-1031(71)90065-5
- Berscheid, E., & Walster, E. (1974). Physical attractiveness. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology* (vol. 7., pp. 157-215). New York: Academic Press.
- Blascovich, J., & Tomaka, J. (1991). Measures of self-esteem. In J. P. Robinson, P. R. Shaver, & L. S. Wrightsman (Eds.), *Measures of Personality and Social Psychological Attitudes* (vol. 1., pp. 115-160). San Diego: Academic Press.
- Blumberg, H. (1969). On being liked more than you like. *Journal of Personality and Social Psychology*, 11(2), 121-128.
- Brannen, J., & Smitson, J. (1998). Conciliação entre o trabalho e os filhos: Perspectivas de futuro para jovens de cinco países. *Sociologia - Problemas e Práticas*, (27), 11-25.
- Brase, G. L., & Guy, E. C. (2004). The demographics of mate value and self-esteem. *Personality and Individual Differences*, 36(2), 471-484. doi: 10.1016/S0191-8869(03)00117-X
- Brodrick, C. E. (2003). *Top 10 things to do before you turn 30*. Retrieved from <http://www.bankrate.com/brm/news/advice/19990531a.asp>

- Brower, A. M. (1992). The "second half" of student integration: The effects of life task predominance on student persistence. *Journal of Higher Education*, 63(4), 441-462.
- Buhl, H. (2007). Well-being and the child-parent relationship at the transition from university to work life. *Journal of Adolescent Research*, 22(5), 550-571. doi: 10.1177/0743558407305415
- Buss, D. M. (1985). Human mate selection. *American Scientist*, 73, 47-51.
- Buss, D. M. (1988). The evolution of human intrasexual competition: Tactics of mate attraction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(4), 616-628. doi:10.1037/0022-3514.54.4.616
- Buss, D. M. (1989). Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and Brain Sciences*, 12(01), 1-49. doi:10.1017/S0140525X00023992
- Buss, D. M. (1996). *La evolución del deseo* (C. G. Serrano, trad.). Madrid: Alianza Editorial, S.A. (Obra original publicada em 1994).
- Buss, D. M., & Barnes, M. (1986). Preferences in human mate selection. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(3), 559-570. doi:10.1037//0022-3514.50.3.559
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual Strategies Theory: An Evolutionary Perspective on Human Mating. *Psychological Review*, 100(2), 204-232. doi: 10.1037/0033-295X.100.2.204
- Buss, D. M., & Shackelford, T. K. (2008). Attractive women want it all: Good genes, economic investment, parenting proclivities and emotional commitment. *Evolutionary Psychology*, 6(1), 134-146.
- Buss, D. M., Shackelford, T. K., Kirkpatrick, L. A., & Larsen, R. J. (2001). A half century of mate preferences: The cultural evolution of values. *Journal of Marriage and Family*, 63(2), 491-503. doi: 10.1111/j.1741-3737.2001.00491.x

- Buston, P. M., & Emlen, S. T. (2003). Cognitive processes underlying human mate choice: The relationship between self-perception and mate preference in Western society. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, *100*(15), 8805-8810. doi:10.1073/pnas.1533220100
- Buunk, B., Dijkstra, P., Fetchenhauer, D., & Kenrick, D. (2002). Age and gender differences in mate selection criteria for various involvement levels. *Personal Relationships*, *9*(3), 271-278. doi:10.1111/1475-6811.00018
- Byrne, D., & Griffitt, W. (1973). Interpersonal attraction. *Annual Review of Psychology*, *24*(1), 317-336. doi:10.1146/annurev.ps.24.020173.001533
- Byrne, D., London, O., & Reeves, K. (1968). The effects of physical attractiveness, sex and attitude similarity on interpersonal attraction. *Journal of Personality*, *36*(2), 259-271. doi:10.1111/j.1467-6494.1968.tb01473.x
- Campbell, J. D., Trapnell, P. D., Heine, S. J., Katz, I. M., Lavallee, L. F., & Lehman, D. R. (1996). Self-concept clarity: measurement, personality correlates, and cultural boundaries. *Journal of Personality and Social Psychology*, *70*(1), 141–156. doi:10.1037//0022-3514.70.6.1114
- Chibucos, T., Leite, R., & Weis, D. (2005). Social Exchange Theory. In *Readings in Family Theory* (pp. 137-182). London: Sage Publications.
- Chickering, A. W., & Reisser, L. (1993). *Education and Identity* (2nd ed.). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Cole, D. A., Maxwell, S. E., Martin, J. M., Peeke, L. G., Seroczynski, A. D., Tram, J. M., ... & Maschman, T. (2001). The development of multiple domains of child and adolescent self-concept: A cohort sequential longitudinal design. *Society for Research in Child Development*, *72*(6), 1723-1746. doi: 10.1111/1467-8624.00375
- Costa, M. E. (1991). *Contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

- Critelli, J. W., & Waid, L. R. (1980). Physical attractiveness, romantic love, and equity restoration in dating relationships. *Journal of Personality Assessment*, *44*, 624-629. doi:10.1207/s15327752jpa4406_10
- Curran, J. P., & Lippold, S. (1975). The effects of physical attraction and attitude similarity on attraction in dating dyads. *Journal of Personality*, *43*(3), 528-539. doi:10.1111/j.1467-6494.1975.tb00720.x
- Darwin, C. (1974). *A Origem do Homem e a Seleção Sexual* (A. Cancian, & E. Fonseca, trads.). São Paulo: Hemus. (Obra original publicada em 1871).
- Demo, D. H. (1985). The measurement of self-esteem: Refining our methods. *Journal of Personality and Social Psychology*, *48*(6), 1490-1502. doi:10.1037/0022-3514.48.6.1490
- Demyan, A. L. (2005). Gender, gender role adherence, and self-esteem in long term mate selection preferences among college students. (Dissertação de mestrado não publicada). Ohio University, Ohio.
- Diniz, A. (2001). *Crenças, escolha de carreira e integração universitária*. (Dissertação de doutoramento não publicada). Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga.
- Diniz, A., & Almeida, L. (2006). Adaptação à universidade em estudantes do primeiro ano: Estudo diacrónico da interação entre o relacionamento com pares, o bem-estar pessoal e o equilíbrio emocional. *Análise Psicológica*, *1*(XXIV), 29-38.
- Dion, K., Berscheid, E., & Hatfield, E. (1972). What is beautiful is good. *Journal of Personality and Social Psychology*, *24*(3), 285-290.
- DiTomaso, E., & Spinner, B. (1997). Social and emotional loneliness: A re-examination of weiss' typology of loneliness. *Personality and Individual Differences*, *22*(3), 417-427. doi:10.1016/S0191-8869(96)00204-8

- Donnellan, M. B., Trzesniewski, K. H., Conger, K. J., & Conger, R. D. (2007). A three-wave longitudinal study of self-evaluations during young adulthood. *Journal of Research in Personality, 41*(2), 453–472. doi: 10.1016/j.jrp.2006.06.004
- Dwyer, R. E., McCloud, L., & Hodson, R. (2011). Youth debt, mastery, and self-esteem: Class-stratified effects of indebtedness on self-concept. *Social Science Research, 40*(3), 727-741. doi:10.1016/j.ssresearch.2011.02.001
- Eagly, A., & Wood, W. (1999). The origins of sex differences in human behaviors: Evolved dispositions versus social role theory. *American Psychologist, 54*(6), 408-423. doi: 10.1037/0003-066X.54.6.408
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: W. W. Norton & Company, Inc.
- Erikson, E. H. (1971). *Infância e Sociedade* (G. Amado, trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Obra original publicada em 1950).
- Erikson, E. H. & Erikson, J. M. (1998). *The life cycle completed*. Extended version with new chapters on the ninth stage by Joan M. Erikson. New York: W. W. Norton & Company, Inc. (Original work published 1982).
- Erol, R. Y., & Orth, U. (2011). Self-esteem development from age 14 to 30 years: A longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology, 101*(3), 607-619. doi:10.1037/a0024299
- Facio, A., & Micocci, E. (2003). Emerging adulthood in Argentina. *New Directions in Child and Adolescent Development, 100*, 21-31. doi:10.1002/cd.72
- Faria, L., & Fontaine, A. M. (1992). Estudo de adaptação do *Self-Description Questionnaire III* (SDQ III) a estudantes universitários portugueses. *Psychologica, 8*, 41-49.
- Ferreira, J. A., Almeida, L. S., & Soares, A. P. (2001). Adaptação académica em estudantes do 1º ano: diferenças de género, situação de estudante e curso. *Psico-USF, 6*, (1), 1-10.

- Fink, B., & Penton-Voak, I. (2002). Evolutionary psychology of facial attractiveness. *Current Directions in Psychological Science, 11*(5), 154-158. doi: 10.1111/1467-8721.00190
- Fisher, H. E. (1998). Lust, attraction, and attachment in mammalian reproduction. *Human Nature, 9*(1), 23-52. doi: 10.1007/s12110-998-1010-5
- Fisher, H. E., Aron, A., Mashek, D., Li, H., & Brown, L. L. (2002). Defining the brain systems of lust, romantic attraction, and attachment. *Archives of Sexual Behavior, 31*(5), 413-419.
- Fisher, M., Cox, A., Bennett, S., & Gavric, D. (2008). Components of self-perceived mate value. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology, 2*, 156-168. Retrieved from <http://shell.newpaltz.edu/jsec/>
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e autonomia: O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fonseca, A. M. (2005). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Franzoi, S. L., & Herzog, M. E. (1986). The Body esteem scale: A convergent and discriminant validity study. *Journal of Personality Assessment, 50*(1), 24-31. doi:10.1207/s15327752jpa5001_4
- Franzoi, S. L., & Shields, S. A. (1984). The body esteem scale: Multidimensional structure and sex differences in a college population. *Journal of Personality Assessment, 48*(2), 173-178. doi: 10.1207/s15327752jpa4802_12
- Gabriel, M. T., Critelli, J. W., & Ee, J. S. (1994). Narcissistic illusions in self-evaluations of intelligence and attractiveness. *Journal of Personality, 62*(1), 143-155. doi:10.1111/j.1467-6494.1994.tb00798.x
- Galinsky, A. M. (2009). *Positive sexual health in emerging adulthood: The association of sexual pleasure with psychological well-being and relationship quality*. United States: ProQuest.

- Gangestad, S. W., & Simpson, J. A. (2000). The evolution of human mating: Trade-offs and strategic pluralism. *Behavioral and Brain Sciences*, 23(4), 573-644. doi:10.1017/S0140525X0000337X
- Geary, D. C. (1998). *Male, female: The evolution of human sex differences*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Geary, D. C. (2000). Evolution and proximate expression of human paternal investment. *Psychological Bulletin*, 126(1), 55–77. doi:10.1037//0033-2909.126.1.55
- Gilbert, P., Price, J., & Allan, S. (1995). Social comparison, social attractiveness and evolution: How might they be related? *New Ideas in Psychology*, 13(2), 149–165. doi:10.1016/0732-118X(95)00002-X
- Goodwin, R. (1990). Sex differences among partner preferences: Are the sexes really very similar?. *Sex Roles*, 23(9/10), 501-513. doi:10.1007/BF00289765
- Guindon, M. H. (2010). *Self-esteem across the lifespan: Issues and interventions*. New York: Taylor and Francis Group.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. New York, NY: Guilford Press.
- Harter, S., & Whitesell, N. R. (2003). Beyond the debate: Why some adolescents report stable self-worth over time and situation, whereas others report changes in self-worth. *Journal of Personality*, 71(6), 1027-1058.
- Hattori, W. T. (2009). *Escolha de Parceiros na Adolescência* (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Hitsch, G. J., Hortacsu, A., & Ariely, D. (2006). *What makes you click? Mate preferences and matching outcomes in online dating*. MIT Sloan Research Paper No. 4603-06. Retrieved from http://papers.ssrn.com/sol3/Papers.cfm?abstract_id=895442##

- Homans, G. C. (1961). *Social behavior: Its elementary forms*. New York: Harcourt, Brace & World, Inc.
- Jankowiak, W. R., & Fisher, E. F. (1992). A cross-cultural perspective on romantic love. *Ethnology*, 31(2), 149-155. doi:10.2307/3773618
- Kalich, S., & Hamilton, T. (1986). The matching hypothesis reexamined. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(4), 673-682. doi:10.1037/0022-3514.51.4.673
- Kaznatcheev, A., Brown, K., & Shultz, T. R. (2010). Self-esteem and the matching effect in mate selection. In S. Ohlsson, & R. Catrambone (Eds.), *Proceedings of the 32nd Annual Conference of the Cognitive Science Society* (pp. 972-977). Austin, TX: Cognitive Science Society.
- Kenrick, D., Sadalla, E., Groth, G., & Trost, M. (1990). Evolution, traits, and stages of human courtship: Qualifying the parental investment model. *Journal of Personality*, 58(1), 97-116. doi:10.1111/j.1467-6494.1990.tb00909.x
- Kenrick, D. T., Groth, G. E., Trost, M. R., & Sadalla, E. K. (1993). Integrating evolutionary and social exchange perspectives on relationship: Effects of gender, self-appraisal, and involvement level on mate selection criteria. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64(6), 951-969. doi: 10.1037/0022-3514.64.6.951
- Kenrick, D., Montello, D., Gutierrez, S., & Trost, M. (1993). Effects of physical attractiveness on affect and perceptual judgments: When social comparison overrides social reinforcement. *Society for Personality Psychology*, 19(2), 195-199. doi: 10.1177/0146167293192008
- Kerckhoff, A. C. (1974). The social context of interpersonal attraction. In T. L. Huston (Ed.), *Foundations of Interpersonal Attraction* (pp. 61-78). New York: Academic Press.
- Kirsner, B., Figueredo, A., & Jacobs, W. (2003). Self, friends, and lovers: Structural relations among Beck Depression Inventory scores and perceived mate values.

- Journal of Affective Disorders*, 75(2), 131-148. doi:10.1016/S0165-0327(02)00048-4
- Landolt, M. A., Lalumiere, M. L., & Quinsey, V. L. (1995). Sex differences in intra-sex variations in human mating tactics: An evolutionary approach. *Ethology and Sociobiology*, 16(1), 3–23. doi:10.1016/0162-3095(94)00012-V
- Langlois, J. H., & Roggman, L. A. (1990). Attractive faces are only average. *Psychological Science*, 1(2), 115–121. doi: 10.1111/j.1467-9280.1990.tb00079.x
- Lee, L., Loewenstein, G., Ariely, D., Hong, J., & Young, J. (2008). If I'm not hot, are you hot or not? *Association for Psychological Science* 19(7), 669-677. doi: 10.1111/j.1467-9280.2008.02141.x.
- Lehr, A. T., & Geher, G. (2006). Differential effects of reciprocity and attitude similarity across long – versus short-term mating contexts. *The Journal of Social Psychology*, 146(4), 423-439. doi:10.3200/SOCP.146.4.423-439
- Levinson, D, Darrow, D., Klein, C., Levinson, M., & McKee, B. (1978). *The seasons of a man's life*. New York: Ballantine Books.
- Li, N., & Kenrick, D. (2006). Sex similarities and differences in preferences for short-term mates: What, whether, and why. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90(3), 468-489. doi:10.1037/0022-3514.90.3.468
- Little, A. C., Burt, D. M., Penton-Voak, I. S., & Perrett, D. I. (2001). Self-perceived attractiveness influences human female preferences for sexual dimorphism and symmetry in male faces. *Proceedings of the Royal Society of London Series B: Biological Sciences*, 268, 39-44. doi:10.1098/rspb.2000.1327
- Lourenço, O. (1994). *Além de Piaget? Sim, mas devagar!* Coimbra: Almedina.
- Maliki, A. (2009). Determinants of mate selection choice among university students in South-South Zone of Nigeria. *Edo Journal of Counselling*, 2(2), 165-174.
- Marchand, H. (2001). *Temas do desenvolvimento psicológico do adulto e do idoso*. Coimbra: Quarteto.

- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego-identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3(5), 551-558. doi:10.1037/h0023281
- Marcia, J. E. (1980). Identity in adolescence. In J. Andelson (Ed.), *Handbook of Adolescent Psychology*. New York: John Wiley.
- Marôco, J. (2010). *Análise estatística com o PAWS Statistics (ex-SPSS)*. Pêro Pinheiro: ReportNumber, Lda.
- Marsh, H. W., & O’Niell, R. (1984). Self-Description Questionnaire III (SDQ III): The Construct Validity of Multidimensional Self-Concept Ratings by Late Adolescents. *Journal of Educational Measurement*, 21(2)153-174.
- McArthur, L. Z., & Berry, D. S. (1987). Cross-cultural agreement in perceptions of babyfaced adults. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 18(2), 165–192. doi:10.1177/0022002187018002003
- McMullin, J. A., & Cairney, J. (2004). Self-esteem and the intersection of age, class, and gender. *Journal of Aging Studies*, 18(1), 75–90. doi:10.1016/j.jaging.2003.09.006
- Mendelson, M. J., Mendelson, B. K., & Andrews, J. (2000). Self-esteem, body esteem, and body-mass in late adolescence: Is a competence x importance model needed? *Journal of Applied Developmental Psychology*, 21(3), 249-266. doi:10.1016/S0193-3973(99)00035-0
- Meoli, J., Feinberg, R. A., & Westgate, L. (1991). A Reinforcement-Affect Model of Mall Patronage. *Advances in Consumer Research*, 18, 441-444.
- Michalski, R., & Shackelford, T. (2010). Evolutionary personality psychology: Reconciling human nature and individual differences. *Personality and Individual Differences*, 48(5), 509-516. doi:10.1016/j.paid.2009.10.027
- Miller, L. C., Putcha-Bhagavatula, A., & Pedersen, W. C. (2002). Men’s and women’s mating preferences: Distinct evolutionary mechanisms? *Current Directions in Psychological Science*, 11(3), 88-93. doi:10.1111/1467-8721.00175

- Miner, E., & Shackelford, T. (2010). Mate attraction, retention and expulsion. *Psicothema*, 22(1), 9-14.
- Modell, J. (1989). *Into one's own: From youth to adulthood in the United States 1920–1975*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- Monteiro, S., Tavares, J., & Pereira, A. (2009). Adulterez emergente: Na fronteira entre a adolescência e a adulterez. *Revista @mbienteeducação*, 2(1), 129-137.
- Mosquera, J. J., Stobaus, C. D., & Jesus, S. N. (2006). Universidade: Auto-imagem, auto-estima e auto-realização. *UNlrevista*, 1(2), 1-13.
- Mruk, C. J. (2006). *Self-esteem research, theory, and practice: Toward a positive psychology of self-esteem* (3rd ed.). New York: Springer Publishing Company.
- Myers, D. G., & Diener, E. (1995). Who is happy? *American Psychological Society*, 6(1), 10-17. doi: 10.1111/j.1467-9280.1995.tb00298.x
- Nelson, L. J., & Barry, C. M. (2005). Distinguishing features of emerging adulthood: The role of self-classification as an adult. *Journal of Adolescent Research*, 20(2), 242–262. doi:10.1177/0743558404273074
- Noe, R., & Hammerstein, P. (1994). Biological markets: supply and demand determine the effect of partner choice in cooperation, mutualism and mating. *Behavioral Ecology and Sociobiology*, 35(1), 1-11. doi:10.1007/s002650050063
- Orbuch, T., & Sprecher, S. (2003). Attraction and Interpersonal Relationships. In J. Delamater (Ed.), *Handbook of Social Psychology* (pp. 339-362). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Orth, U., Trzesniewski, K. H., & Robins, R. W. (2010). Self- esteem development from young adulthood to old age: A cohort-sequential longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 98(4), 645-658. doi:10.1037/a0018769
- Pais, J. M., Cairns, D., & Pappámikail, L. (2005). Jovens europeus: Retrato da diversidade. *Tempo Social*, 17(2), 109-140.
- Pappámikail, L. (2004). Relações intergeracionais, apoio familiar e transições juvenis para a vida adulta em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (46), 91-116.

- Pascarella, E. T., Bohr, L., Nora, A., & Terenzini, P. (1995). Cognitive effects of two-year and four-year colleges: Some new evidence. *Educational Evaluation & Policy Analysis*, 17(1), 83-96. doi: 10.3102/01623737017001083
- Pascarella, E. T., & Terenzini, P. T. (1991). *How college affects students: Findings and insights from twenty years of research*. San Francisco, CA: Jossey-Bass Publishers.
- Paul, E. L., McManus, B., & Hayes, A. (2000). "Hookups": Characteristics and correlates of college students' spontaneous and anonymous sexual experiences. *The Journal of Sexual Research*, 37(1), 76–88. doi:10.1080/00224490009552023
- Pawlowski, B. (2000). The biological meaning of preferences on the human mate market. *Anthropological Review*, 63, 39-72.
- Pawlowski, B., & Dunbar, R. I. (1999). Impact of market value on human mate choice decisions. *Proceedings of the Royal Society of London Series B: Biological Sciences*, 266, 281-285. doi:10.1098/rspb.1999.0634
- Pedersen, W., Miller, L., Putcha-Bhagavatula, A., & Yang, Y. (2002). Involved sex differences in the number of partners desired? The long and the short of it. *Psychological Science*, 13(2), 157-161. doi:10.1111/1467-9280.00428
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais – A complementaridade do SPSS (5ª ed. – Revista e Corrigida)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Petrogiannis, K. (2011). Conceptions of the transition to adulthood in a sample of Greek higher education students. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 11(1), 121-137.
- Pines, A. (1998). A prospective study of personality and gender differences in romantic attraction. *Personality and Individual Differences*, 25(1), 147-157. doi:10.1016/S0191-8869(98)00054-3
- Pines, A. M. (2005). *Falling in Love (2nd ed.)*. New York: Routledge.

- Pinker, S. (1998). Family Values. In *How The Mind Works* (pp. 425-520). London: Penguin Books.
- Pinto, M. C. (2009). *Intimidade em adolescentes de diferentes grupos étnicos* (Dissertação de Doutoramento, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal).
- Powell, J. (2004). *Self-esteem*. London: Franklin Watts.
- Prokosch, M. D., Yeo, R. A., & Miller, G. F. (2005). Intelligence tests with higher g-loadings show higher correlations with body symmetry: Evidence for a general fitness factor mediated by developmental stability. *Intelligence*, 33(2), 203–213. doi:10.1016/j.intell.2004.07.007
- Provost, M., Troje, N., & Quinsey, V. (2008). Short-term mating strategies and attraction to masculinity in point-light walkers. *Evolution and Human Behavior*, 29(1), 65-69. doi: 10.1016/j.evolhumbehav.2007.07.007
- Rand, C., & Hall, J. (1983). Sex differences in the accuracy of self-perceived attractiveness. *Social Psychology Quarterly*, 46(4), 359-363. doi: 10.2307/3033724
- Regan, P. C. (1998). What if you can't get what you want? Willingness to compromise ideal mate selection standards as a function of sex, mate value, and relationship context. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 24(12), 1294–1303. doi: 10.1177/01461672982412004
- Regan, P., Levin, L., Sprecher, S., Christopher, F., & Cate, R. (2000). Partner preferences: What characteristics do men and women desire in their short-term sexual and long-term romantic partners? *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 12(3), 1-21. doi: 10.1300/J056v12n03_01
- Rest, J., & Narvaez, D. (1991). The college experience and moral development. In W. M. Kurtines, & J. L. Gewirtz (Eds.), *Handbook of Moral Behavior and Development* (pp. 230-245). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Robins, R. W., Hendin, H. M., & Trzesniewski, K. H. (2001). Measuring global self-esteem: Construct validation of a single-item measure and the Rosenberg Self-

- Esteem Scale. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(2), 151–161.
doi:10.1177/0146167201272002
- Robins, R. W., & Trzeniewski, K. H. (2005). Self-esteem development across the lifespan. *American Psychological Society*, 14(3), 158-162. doi:10.1111/j.0963-7214.2005.00353.x
- Robins, R. W., Trzesniewski, K. H., Tracy, J. L., Gosling, S. D., & Potter, J. (2002). Global self-esteem across the life span. *Psychology and Aging*, 17(3), 423–434. doi:10.1037//0882-7974.17.3.423
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Rushton, J. P. (1989). Genetic similarity, human altruism, and group selection. *Behavioral and Brain Sciences*, 12(3), 503-559.
doi:10.1017/S0140525X00057320
- Santos, P. J. (2008). Validação da Rosenberg Self-Esteem Scale numa amostra de estudantes do ensino superior [CD-Rom]. In A. P. Noronha, C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves, S. Martins, & V. Ramalho (Coords.), *Avaliação Psicológica: Formas e contextos* (Vol. XIII). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Santos, L., & Almeida, L. (2001). Vivências académicas e rendimento escolar: Estudo com alunos universitários do 1º ano. *Análise Psicológica*, 2(XIX), 205-217.
- Santos, P. J., & Maia, J. (1999). Adaptação e análise factorial confirmatória da *Rosenberg Self-Esteem Scale* com uma amostra de adolescentes: Resultados preliminares. In A. P. Soares, S. Araújo, & Susana Caires (Orgs.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (Vol. VI, pp. 101-113). Braga: APPORT.
- Santos, P., & Maia, J. (2003). Análise fatorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da Escala de Autoestima de Rosenberg. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 253-268.

- Sbicigo, J. B., Bandeira, D. R., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): Validade fatorial e consistência interna. *Psico-USF*, *15*(3), 395-403.
- Scheib, J. E., Gangestad, S. W., & Thornhill, R. (1999). Facial attractiveness, symmetry, and cues of good genes. *Proceedings of the Royal Society of London Series B: Biological Sciences*, *266*, 1913–1917. doi:10.1098/rspb.1999.0866
- Sewell, W. H., & Hauser, R. M. (1975). *Education, occupation, and earnings: achievement in the early career*. New York: Academic Press.
- Shackelford, T. K. (2001). Self-esteem in marriage. *Personality and Individual Differences*, *30*(3), 371-390. doi:10.1016/S0191-8869(00)00023-4
- Shackelford, T. K., Schmitt, D. P., & Buss, D. M. (2005). Universal dimensions of human mate preferences. *Personality and Individual Differences*, *39*(2), 447-458. doi:10.1016/j.paid.2005.01.023
- Silverstone, P. H., & Salsali, M. (2003). Low self-esteem and psychiatric patients. Part I. The relationship between low self-esteem and psychiatric diagnosis. *Annals of General Hospital Psychiatric*, *2*(2), 1-9. doi: 10.1186/1475-2832-2-2
- Simpson, J., & Gangestad, S. (1992). Sociosexuality and romantic partner choice. *Journal of Personality*, *60*(1), 31-51. doi:10.1111/j.1467-6494.1992.tb00264.x
- Skytte, S. L. (2010). Perceived parental approval and self-esteem in college students. *Graduate Journal of Counseling Psychology*, *2*(1), 51-88.
- Smith, J. E., Waldorf, V. A., & Trembath, D. L. (1990). 'Single white male looking for thin, very attractive...'. *Sex Roles*, *23*(11/12), 675-685.
- Soares, A., Almeida, L., Diniz, A. & Guisande, M. (2006). Modelo multidimensional de ajustamento de jovens ao contexto universitário (MMAU): Estudo com estudantes de ciências e tecnologias versus ciências sociais e humanas. *Análise Psicológica*, *1*(XXIV), 15-27.

- Sousa, M. B., Hattori, W. T., & Mota, M. T. (no prelo). Seleção Sexual e Reprodução. In E. Otta, & M. E. Yamamoto (Eds.), *Psicologia Evolucionista* (pp. xxx-xxx). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Sprecher, S. (1989). The importance to males and females of physical attractiveness, earning, and expressiveness in initial attraction. *Sex Roles, 21*(9/10), 591-607. doi: 10.1007/BF00289173
- Sprecher, S., & Duck, S. (1994). Sweet talk: The importance of perceived communication for romantic and friendship attraction experienced during a get-acquainted date. *Personality and Social Psychology Bulletin, 20*(4), 391-400. doi:10.1177/0146167294204006
- Sprecher, S., & Regan, P. C. (2002). Liking some things (in some people) more than others: Partner preferences in romantic relationships and friendships. *Journal of Social and Personal Relationships, 19*(4), 463-481. doi:10.1177/0265407502019004048
- Sprinthall, N. A., & Collins, W. A. (1999). *Psicologia do adolescente* (2ª ed.) (C. Vieira, trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Obra original publicada em 1994).
- SPSS (2012). IBM SPSS Statistics 21.0, IBM, Corp: Armonk, NY.
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review, 93*, 119-135.
- Sternberg, R. J. (1988). Triangulating Love. In R. J. Sternberg, & M. L. Barnes (Eds.), *The Psychology of Love*. New Haven and London: Yale University Press.
- Sternberg, R. J. (1998). Cupid's arrow, the course of love through time. New York: Cambridge University Press.
- Tanner, J. (2006). Recentering during emerging adulthood: A critical turning point in life span human development. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of the age in the 21st century* (pp. 21-55.). Washington: American Psychological Association.

- Tanner, J. L., Arnett, J. J., & Leis, J. A. (2009). Emerging adulthood. learning and development during the first stage of adulthood. In M. C. Smith, & N. DeFrates-Densch (Eds.), *Handbook of Research on Adult Learning and Development* (pp. 34-67). New York: Taylor & Francis.
- Taveira, M. C. (2000). *Exploração e desenvolvimento vocacional de jovens: Estudo sobre as relações entre a exploração, a identidade e a indecisão vocacional*. Braga: Universidade do Minho.
- Teoh, H. J., & Nur, A. R. (2010). Self esteem amongst young adults: The effect of gender support and personality. *Malaysian Journal of Psychiatry Online Early*, 19(2), 41-49. Retrieved from <http://www.mjpsychiatry.org/index.php/mjp/index>
- Terenzini, P. T., Pascarella, E. T., & Bliming, G. S. (1996). Student's out-of-class experiences and their influence on learning and cognitive development: A literature review. *Journal of College Student Development*, 37(2), 149-162.
- Thibaut, J. W., & Kelley, H. H. (1959). *The social psychology of groups*. New York: Wiley.
- Tooby, J., & Cosmides, L. (1990). The past explains the present. Emotional adaptations and the structure of ancestral environments. *Ethology and Sociobiology*, 11(4/5), 375-424. doi: 10.1016/0162-3095(90)90017-Z
- Traupmann, J., & Hatfield, E. (1981). Love and its effect on mental and physical health. In R. W. Fogel, E. Hatfield, & E. Shanes (Eds.), *Aging: Stability and change in the family* (pp. 253-274). San Diego, CA: Academic Press.
- Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. In B. Campbell (Ed.), *Sexual selection and the descent of man: 1871-1971* (pp. 136–179). Chicago: Aldine.
- Trzesniewski, K. H., Donnellan, M. B., & Robins, R. W. (2003). Stability of self-esteem across the life span. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84(1), 205-220. doi:10.1037/0022-3514.84.1.205

- VanZile-Tamsen, C., & Livingston, J. A. (1999). The differential impact of motivation on self-regulated strategy use of high- and low-achieving college students. *Journal of College Student Development, 40*, 54-59.
- Varelas, D. (2011). *“One-night Stands”: Vinculação, Estilos de Amor, Género e consumo de Álcool. Um estudo com Alunos Universitários*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Évora, Évora.
- Vera, E. M., & Betz, N. E. (1992). Relationships of self-regarded and affective self-disclosure to relationship satisfaction in college students. *Journal of College Student Development, 33*, 422-429.
- Walster, E. (1965). The effect of self-esteem on romantic linking. *Journal of Experimental Social Psychology, 1*(2), 184-197. doi:10.1016/0022-1031(65)90045-4
- Walster, E., Aronson, V., Abrahams, D., & Rottman, L. (1966). The importance of physical attractiveness in dating behavior. *Journal of Personality and Social Psychology, 4*(5), 508-516. doi:10.1037/h0021188
- White, G. (1980). Physical attractiveness and courtship progress. *Journal of Personality and Social Psychology, 39*(4), 660-668. doi:10.1037/0022-3514.39.4.660
- White, G., Fishbein, S., & Rutstein, J. (1981). Passionate love and the misattribution of arousal. *Journal of Personality and Social Psychology, 41*(1), 56-62. doi:10.1037/0022-3514.41.1.56
- Wilbur, C., & Campbell, L. (2010). What do women want? An interactionist account of women's mate preferences. *Personality and Individual Differences, 49*(7), 749-754. doi:10.1016/j.paid.2010.06.020
- Wilson, G., & Nias, D. (1976). *Psicologia da Atração Sexual* (M. Carvalho, trad.). Lisboa: Edições 70.

Woodward, K., & Richards, M. H. (2005). The parental investment model and minimum mate choice criteria in humans. *Behavioral Ecology*, 16(1), 57-61.

doi:10.1093/beheco/arh121

Zeigler-Hill, V., Campe, J. W., & Myers, E. M. (2009). How low will men with high self-esteem go? Self-esteem as a moderator of gender differences in minimum relationships standards. *Sex Roles*, 61(7-8), 491-500. doi:10.1007/s11199-009-9641-5

Zimmerman, N. (2010). Mirror, mirror: An exploratory study of students' perceptions of attractiveness. *Metamorphosis*. Retrieved from

<http://www.coplac.org/publications/metamorphosis/>

ANEXOS

ANEXO I
Caracterização da Amostra

Quadro 1. Distribuição dos Participantes por Sexo e Idade

| Sexo | | Idade do Participante | | | | | | | | Total |
|-----------|---|-----------------------|----|----|----|----|----|----|----|-------|
| | | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | |
| Masculino | N | 15 | 40 | 31 | 22 | 22 | 7 | 7 | 10 | 154 |
| Feminino | N | 6 | 15 | 10 | 14 | 8 | 6 | 8 | 3 | 70 |
| Total | N | 21 | 55 | 41 | 36 | 30 | 13 | 15 | 13 | 224 |

Quadro 2. Distribuição dos Participantes por Sexo e Ano de Curso

| Sexo | | Ciclo de Estudos | | | | | Total |
|-----------|---|------------------|--------|------------|----------|--------|-------|
| | | Licenciatura | | | Mestrado | | |
| | | 1º ano | 2º ano | Finalistas | 1º ano | 2º ano | |
| Masculino | N | 32 | 15 | 21 | 1 | 1 | 70 |
| Feminino | N | 67 | 13 | 42 | 21 | 11 | 154 |
| Total | N | 99 | 28 | 63 | 22 | 12 | 224 |

Quadro 3. Distribuição dos Participantes por Idade e Ano de Curso

| | Ano de Curso | | Idade do Participante | | | | | | | Total | |
|--------------|--------------|----|-----------------------|----|----|----|----|----|----|-------|----|
| | | | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | | 25 |
| Licenciatura | 1º ano | N | 21 | 46 | 15 | 8 | 3 | 4 | 1 | 1 | 99 |
| | 2º ano | N | 0 | 9 | 5 | 8 | 5 | 0 | 1 | 0 | 28 |
| | Finalistas | N | 0 | 0 | 21 | 15 | 11 | 4 | 6 | 6 | 63 |
| Mestrado | 1º ano | N | 0 | 0 | 0 | 5 | 8 | 3 | 4 | 2 | 22 |
| | 2º ano | N | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 2 | 3 | 4 | 12 |
| Total | N | 21 | 55 | 41 | 36 | 30 | 13 | 15 | 13 | 224 | |

ANEXO II
Protocolo de Investigação



Colaboração para Investigação

Caro/a Colega,

Sou aluna de **Psicologia** na Universidade de Évora e encontro-me a desenvolver uma investigação no âmbito da minha Dissertação de Mestrado, sobre o tema **Escolha Amorosa**.

Nesse sentido, gostaria de **solicitar a sua ajuda e colaboração, para responder ao Questionário que se apresenta em seguida, o qual não lhe tomará mais de 15/20 minutos**.

A sua colaboração é fundamental para a concretização da investigação, por isso **a sua ajuda é indispensável**.

As respostas obtidas através do questionário serão **anónimas**, sendo unicamente submetidas a tratamento estatístico inerente à investigação.

Por favor responda com **sinceridade e espontaneidade** e **certifique-se** de que **responde a todos os itens**. Nenhuma resposta é certa ou errada.

Leia atentamente as indicações de preenchimento e **não partilhe as suas opiniões** com ninguém.

Obrigado Pela Sua Colaboração!

Orientador: Prof. Doutor Nuno Amado

Mestranda: Tânia Salsa

Dados Demográficos

1. Leia atentamente e preencha algumas informações pessoais, as quais não serão divulgadas e serão exclusivas para fins da investigação.

Sexo: Feminino Masculino

Ano de Curso: _____

Licenciatura

Mestrado

Idade: _____

Está numa relação amorosa?

Sim Há quanto tempo? _____

Não

| Qual idade do parceiro atual? | Qual a idade do parceiro anterior? | Qual a idade mínima de um parceiro ideal? | Qual a melhor idade de um parceiro ideal? | Qual a idade máxima de um parceiro ideal? |
|-------------------------------|------------------------------------|-------------------------------------------|-------------------------------------------|-------------------------------------------|
| | | | | |

2. Segue-se uma lista de afirmações que dizem respeito ao modo como se sente acerca de si próprio(a). À frente de cada uma delas assinale com uma cruz (X), na respetiva coluna, a resposta que mais se lhe adequa.

| | Concordo fortemente | Concordo | Discordo | Discordo fortemente |
|--------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Globalmente, estou satisfeito(a) comigo próprio(a). | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. Por vezes penso que não sou bom/boa em nada. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. Sinto que tenho algumas qualidades. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das pessoas. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. Sinto que não tenho muito de que me orgulhar. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. Por vezes sinto-me, de facto, um(a) inútil. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7. Sinto-me uma pessoa de valor, pelo menos tanto quanto a generalidade das pessoas. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8. Gostaria de ter mais respeito por mim próprio(a). | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9. Bem vistas as coisas, indino-me a sentir que sou um(a) falhado(a). | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 10. Adoto uma atitude positiva para comigo. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

3. Como é que se avalia enquanto parceiro amoroso em relação às características apresentadas abaixo?

Atribua uma pontuação de 1 a 5 (assinalando com um x) para cada característica apresentada, em relação ao quanto se considera interessante nessa característica.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|--------------------------|---------------------------|-----------------------------------|------------------------------|----------------------------------|
| Nada Interessante | Pouco Interessante | Moderadamente Interessante | Bastante Interessante | Extremamente Interessante |

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|-----------------------------------|---|---|---|---|---|
| Exigência na escolha de parceiros | | | | | |
| Desejo por casamento | | | | | |
| Desejo por filhos | | | | | |
| Condições financeiras atuais | | | | | |
| Atratividade física do rosto | | | | | |
| Estabilidade emocional | | | | | |
| Ser virgem | | | | | |
| Hábitos saudáveis | | | | | |
| Popularidade | | | | | |
| Bom humor | | | | | |
| Fidelidade | | | | | |
| Ciúme | | | | | |
| Gentileza | | | | | |
| Reputação | | | | | |
| Estatuto social | | | | | |
| Gosto por festas | | | | | |
| Hábitos de higiene | | | | | |
| Ambição | | | | | |
| Trabalhador(a) | | | | | |
| Educação | | | | | |
| Inteligência | | | | | |
| Atratividade física do corpo | | | | | |
| Boas perspectivas financeiras | | | | | |
| Comprometido(a) na relação | | | | | |
| Saúde física | | | | | |
| Sincero(a) | | | | | |
| Sociável | | | | | |

4. Que características considera mais atraentes num potencial parceiro amoroso?
 Atribua uma pontuação de 1 a 5 (assinalando com um x) para cada característica apresentada abaixo, consoante a sua importância para si.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|------------------------|---|---------------------------------|---|--------------------------------|
| Nada Importante | | Moderadamente Importante | | Extremamente Importante |

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|----------------------------------------------------------------------------------|---|---|---|---|---|
| Altura | | | | | |
| Peso | | | | | |
| Aspetto viril/Aspetto feminino | | | | | |
| Olhar | | | | | |
| Sorriso | | | | | |
| Hábitos saudáveis (ex: não fumar, não usar drogas ilícitas, não consumir álcool) | | | | | |
| Bom caráter | | | | | |
| Bom humor | | | | | |
| Exigência na escolha de parceiros | | | | | |
| Fidelidade | | | | | |
| Gostos comuns (ex: mesmo gosto musical, mesmo gosto desportivo, mesma religião) | | | | | |
| Ser virgem | | | | | |
| Desempenho sexual | | | | | |
| Sensualidade | | | | | |
| Hábitos sociais | | | | | |

5. Imagine que está solteiro(a) e tem a possibilidade de ter uma **relação amorosa sem compromisso**. Avalie a pessoa com quem gostaria de ter essa relação, relativamente às características apresentadas abaixo.

Atribua uma pontuação de 1 a 5 (assinalando com um x) para cada característica apresentada, consoante a sua importância para si.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|-----------------|------------------|------------|------------------|-------------------------|
| Sem importância | Pouco importante | Importante | Muito importante | Extremamente importante |

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|-----------------------------------|---|---|---|---|---|
| Exigência na escolha de parceiros | | | | | |
| Desejo por casamento | | | | | |
| Desejo por filhos | | | | | |
| Condições financeiras atuais | | | | | |
| Atratividade física do rosto | | | | | |
| Estabilidade emocional | | | | | |
| Ser virgem | | | | | |
| Hábitos saudáveis | | | | | |
| Popularidade | | | | | |
| Bom humor | | | | | |
| Fidelidade | | | | | |
| Ciúme | | | | | |
| Gentileza | | | | | |
| Reputação | | | | | |
| Estatuto social | | | | | |
| Gosto por festas | | | | | |
| Hábitos de higiene | | | | | |
| Ambição | | | | | |
| Trabalhador(a) | | | | | |
| Educação | | | | | |
| Inteligência | | | | | |
| Atratividade física do corpo | | | | | |
| Boas perspectivas financeiras | | | | | |
| Comprometido(a) na relação | | | | | |
| Saúde física | | | | | |
| Sincero(a) | | | | | |
| Sociável | | | | | |

6. Imagine que está solteiro(a) e está a **pensar em namorar**. Avalie a pessoa com quem gostaria de namorar, em relação às características apresentadas abaixo.

Atribua uma pontuação de 1 a 5 (assinalando com um x) para cada característica apresentada, consoante a sua importância para si.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|-----------------|------------------|------------|------------------|-------------------------|
| Sem importância | Pouco importante | Importante | Muito importante | Extremamente importante |

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|-----------------------------------|---|---|---|---|---|
| Exigência na escolha de parceiros | | | | | |
| Comprometido(a) na relação | | | | | |
| Desejo por casamento | | | | | |
| Desejo por filhos | | | | | |
| Boas perspectivas financeiras | | | | | |
| Condições financeiras atuais | | | | | |
| Atratividade física do corpo | | | | | |
| Atratividade física do rosto | | | | | |
| Educação | | | | | |
| Inteligência | | | | | |
| Estabilidade emocional | | | | | |
| Ambição | | | | | |
| Trabalhador(a) | | | | | |
| Ser virgem | | | | | |
| Hábitos de higiene | | | | | |
| Hábitos saudáveis | | | | | |
| Gosto por festas | | | | | |
| Popularidade | | | | | |
| Estatuto social | | | | | |
| Bom humor | | | | | |
| Reputação | | | | | |
| Fidelidade | | | | | |
| Gentileza | | | | | |
| Ciúme | | | | | |
| Saúde física | | | | | |
| Sincero(a) | | | | | |
| Sociável | | | | | |

Orientação Sexual:

Heterossexual

Homossexual

Outra: _____

Obrigado Pela Sua Colaboração!

Anexo III
Sensibilidade dos Instrumentos

Quadro 4. Análise Descritiva dos Itens - RSES

| Itens | Frequências | | | | Min | Máx | Mediana |
|-------|----------------------------|-----------------|-----------------|----------------------------|-----|-----|---------|
| | Discordo Fortemente (1) | Discordo (2) | Concordo (3) | Concordo Fortemente (4) | | | |
| 1 | 84 (37.5%) | 129 (57.6%) | 10 (4.5%) | 1 (0.4%) | 1 | 4 | 2.00 |
| 2 | 43 (19.2%) | 102 (45.5%) | 74 (33.0%) | 4 (1.8%) | 1 | 4 | 2.00 |
| 3 | 98 (43.8%) | 124 (55.4%) | 2 (0.9%) | 0 | 1 | 3 | 2.00 |
| 4 | 75 (33.5%) | 141 (62.9%) | 8 (3.6%) | 0 | 1 | 3 | 2.00 |
| 5 | 80 (35.7%) | 126 (56.3%) | 17 (7.6%) | 1 (0.4%) | 1 | 4 | 2.00 |
| 6 | 81 (36.2%) | 96 (42.9%) | 45 (20.1%) | 2 (0.9%) | 1 | 4 | 2.00 |
| 7 | 69 (30.8%) | 151 (67.4%) | 4 (1.8%) | 0 | 1 | 3 | 2.00 |
| 8 | 60 (26.8%) | 100 (44.6%) | 50 (22.3%) | 13 (5.8%) | 1 | 4 | 2.00 |
| 9 | 115 (51.3%) | 95 (42.4%) | 14 (6.3%) | 0 | 1 | 3 | 1.00 |
| 10 | 83 (37.1%) | 124 (55.4%) | 17 (7.6%) | 0 | 1 | 3 | 2.00 |

Quadro 5. Estatística Descritiva dos scores totais da RSES

| | |
|----------------------|-------|
| Média | 17.76 |
| Mediana | 18.00 |
| Desvio Padrão | 4.20 |
| Min | 10.00 |
| Máx | 28.00 |

Quadro 6. Análise Descritiva dos Itens – Autoavaliação PA

| Itens | Frequências | | | | | Min | Máx | Mediana |
|-------|-----------------------|------------------------|--------------------------------|---------------------------|-------------------------------|-----|-----|---------|
| | Nada Interessante (1) | Pouco Interessante (2) | Moderadamente Interessante (3) | Bastante Interessante (4) | Extremamente Interessante (5) | | | |
| 1 | 3 (1.3%) | 6 (2.7%) | 64 (28.6%) | 104 (46.4%) | 46 (20.5%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 2 | 42 (18.8%) | 62 (27.7%) | 81 (36.2%) | 28 (12.5%) | 11 (4.9%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 3 | 20 (8.9%) | 42 (18.8%) | 58 (25.9%) | 68 (30.4%) | 36 (16.1%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 4 | 26 (11.6%) | 84 (37.5%) | 75 (33.5%) | 25 (11.2%) | 13 (5.8%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 5 | 3 (1.3%) | 16 (7.1%) | 95 (42.4%) | 84 (37.5%) | 24 (10.7%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 6 | 2 (0.9%) | 12 (5.4%) | 51 (22.8) | 108 (48.2%) | 51 (22.8%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 7 | 109 (48.7%) | 68 (30.4%) | 30 (13.4%) | 9 (4.0%) | 4 (1.8%) | 1 | 5 | 2.00 |
| 8 | 3 (1.3%) | 14 (6.3%) | 69 (30.8%) | 95 (42.4%) | 43 (19.2%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 9 | 54 (24.1%) | 74 (33.0%) | 75 (33.5%) | 15 (6.7%) | 5 (2.2%) | 1 | 5 | 2.00 |
| 10 | 1 (0.4%) | 6 (2.7%) | 30 (13.4%) | 96 (42.9%) | 90 (40.2%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 11 | 0 | 1 (0.4%) | 15 (6.7%) | 46 (20.5%) | 162 (72.3%) | 2 | 5 | 5.00 |
| 12 | 23 (10.3%) | 76 (33.9%) | 100 (44.6%) | 23 (10.3%) | 1 (0.4%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 13 | 1 (0.4%) | 6 (2.7%) | 40 (17.9%) | 119 (53.1%) | 57 (25.4%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 14 | 23 (10.3%) | 57 (25.4%) | 84 (37.5%) | 46 (20.5%) | 14 (6.3%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 15 | 36 (16.1%) | 85 (37.9%) | 76 (33.9%) | 23 (10.3%) | 4 (1.8%) | 1 | 5 | 2.00 |
| 16 | 26 (11.6%) | 41 (18.3%) | 77 (34.4%) | 55 (24.6%) | 25 (11.2%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 17 | 0 | 0 | 11 (4.9%) | 45 (20.1%) | 168 (75.0%) | 3 | 5 | 5.00 |
| 18 | 3 (1.3%) | 4 (1.8%) | 53 (23.7%) | 116 (51.8%) | 47 (21.0%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 19 | 0 | 5 (2.2%) | 39 (17.4%) | 102 (45.5%) | 78 (34.8%) | 2 | 5 | 4.00 |
| 20 | 0 | 0 | 22 (9.8%) | 98 (43.8%) | 103 (46.0%) | 3 | 5 | 4.00 |
| 21 | 1 (0.4%) | 8 (3.6%) | 48 (21.4%) | 113 (50.4%) | 54 (24.1%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 22 | 3 (1.3%) | 22 (9.8%) | 100 (44.6%) | 66 (29.5%) | 32 (14.3%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 23 | 13 (5.8%) | 43 (19.2%) | 95 (42.4%) | 55 (24.6%) | 18 (8.0%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 24 | 6 (2.7%) | 8 (3.6%) | 33 (14.7%) | 83 (37.1%) | 93 (41.5%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 25 | 0 | 13 (5.8%) | 59 (26.3%) | 89 (39.7%) | 62 (27.7%) | 2 | 5 | 4.00 |
| 26 | 0 | 0 | 4 (1.8%) | 60 (26.8%) | 160 (71.4%) | 3 | 5 | 5.00 |
| 27 | 2 (0.9%) | 4 (1.8%) | 46 (20.5%) | 96 (42.9%) | 76 (33.9%) | 1 | 5 | 4.00 |

Quadro 7. Análise Descritiva dos Itens – Categoria Características Físicas

Características PA

| Itens | Frequências | | | | | Min | Máx | Mediana |
|-------|---------------------|------------|------------------------------|------------|-----------------------------|-----|-----|---------|
| | Nada Importante (1) | (2) | Moderadamente Importante (3) | (4) | Extremamente Importante (5) | | | |
| 1 | 29 (12.9%) | 23 (10.3%) | 110 (49.1%) | 39 (17.4%) | 23 (10.3%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 2 | 19 (8.5%) | 23 (10.3%) | 113 (50.4%) | 49 (21.9%) | 19 (8.5%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 3 | 14 (6.3%) | 16 (7.1%) | 74 (33.0%) | 73 (32.6%) | 42 (18.8%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 4 | 1 (0.4%) | 6 (2.7%) | 58 (25.9%) | 75 (33.5%) | 84 (37.5%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 5 | 1 (0.4%) | 2 (0.9%) | 42 (18.8%) | 70 (31.3%) | 107 (47.8%) | 1 | 5 | 4.00 |

Quadro 8. Análise Descritiva dos Itens – Categoria Características

Comportamentais Características PA

| Itens | Frequências | | | | | Min | Máx | Mediana |
|-------|---------------------|------------|------------------------------|------------|-----------------------------|-----|-----|---------|
| | Nada Importante (1) | (2) | Moderadamente Importante (3) | (4) | Extremamente Importante (5) | | | |
| 6 | 14 (6.3%) | 26 (11.6%) | 62 (27.7%) | 52 (23.2%) | 70 (31.3%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 7 | 0 | 0 | 16 (7.1%) | 69 (30.8%) | 138 (61.6%) | 3 | 5 | 5.00 |
| 8 | 0 | 0 | 30 (13.4%) | 71 (31.7%) | 123 (54.9%) | 3 | 5 | 5.00 |
| 9 | 5 (2.2%) | 9 (4.0%) | 72 (32.1%) | 76 (33.9%) | 61 (27.2%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 10 | 0 | 0 | 6 (2.7%) | 30 (13.4%) | 188 (83.9%) | 3 | 5 | 5.00 |

Quadro 9. Análise Descritiva dos Itens – Categoria Outras Características

Características PA

| Itens | Frequências | | | | | Min | Máx | Mediana |
|-------|---------------------|------------|------------------------------|------------|-----------------------------|-----|-----|---------|
| | Nada Importante (1) | (2) | Moderadamente Importante (3) | (4) | Extremamente Importante (5) | | | |
| 11 | 4 (1.8%) | 14 (6.3%) | 110 (49.1%) | 62 (27.7%) | 34 (15.2%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 12 | 139 (62.1%) | 44 (19.6%) | 26 (11.6%) | 6 (2.7%) | 9 (4.0%) | 1 | 5 | 1.00 |
| 13 | 15 (6.7%) | 17 (7.6%) | 89 (39.7%) | 59 (26.3%) | 42 (18.8%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 14 | 5 (2.2%) | 7 (3.1%) | 86 (38.4%) | 73 (32.6%) | 53 (23.7%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 15 | 1 (0.4%) | 3 (1.3%) | 89 (39.7%) | 77 (34.4%) | 54 (24.1%) | 1 | 5 | 4.00 |

Quadro 10. Análise Descritiva dos Itens – Características PA Curto

| Itens | Frequências | | | | | Min | Máx | Mediana |
|-------|---------------------|----------------------|----------------|----------------------|-----------------------------|-----|-----|---------|
| | Sem Importância (1) | Pouco Importante (2) | Importante (3) | Muito Importante (4) | Extremamente Importante (5) | | | |
| 1 | 7 (3.1%) | 32 (14.3%) | 98 (43.8%) | 54 (24.1%) | 30 (13.4%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 2 | 105 (46.9%) | 74 (33.0%) | 36 (16.1%) | 6 (2.7%) | 3 (1.3%) | 1 | 5 | 2.00 |
| 3 | 94 (42.0%) | 70 (31.3%) | 37 (16.5%) | 12 (5.4%) | 11 (4.9%) | 1 | 5 | 2.00 |
| 4 | 66 (29.5%) | 73 (32.6%) | 65 (29.0%) | 14 (6.3%) | 6 (2.7%) | 1 | 5 | 2.00 |
| 5 | 4 (1.8%) | 9 (4.0%) | 63 (28.1%) | 101 (45.1%) | 47 (21.0%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 6 | 6 (2.7%) | 14 (6.3%) | 63 (28.1%) | 100 (44.6%) | 38 (17.0%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 7 | 130 (58.0%) | 68 (30.4%) | 16 (7.1%) | 2 (0.9%) | 8 (3.6%) | 1 | 5 | 1.00 |
| 8 | 7 (3.1%) | 25 (11.2%) | 69 (30.8%) | 68 (30.4%) | 54 (24.1%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 9 | 45 (20.1%) | 91 (40.6%) | 58 (25.9%) | 21 (9.4%) | 9 (4.0%) | 1 | 5 | 2.00 |
| 10 | 2 (0.9%) | 5 (2.2%) | 48 (21.4%) | 91 (40.6%) | 78 (34.8%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 11 | 13 (5.8%) | 30 (13.4%) | 55 (24.6%) | 53 (23.7%) | 73 (32.6%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 12 | 52 (23.2%) | 94 (42.0%) | 54 (24.1%) | 18 (8.0%) | 6 (2.7%) | 1 | 5 | 2.00 |
| 13 | 1 (0.4%) | 12 (5.4%) | 66 (29.5%) | 82 (36.6%) | 63 (28.1%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 14 | 32 (14.3%) | 75 (33.5%) | 73 (32.6%) | 34 (15.2%) | 9 (4.0%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 15 | 36 (16.1%) | 98 (43.8%) | 60 (26.8%) | 20 (8.9%) | 10 (4.5%) | 1 | 5 | 2.00 |
| 16 | 27 (12.1%) | 48 (21.4%) | 66 (29.5%) | 55 (24.6%) | 28 (12.5%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 17 | 0 | 5 (2.2%) | 17 (7.6%) | 56 (25.0%) | 146 (65.2%) | 2 | 5 | 5.00 |
| 18 | 17 (7.6%) | 40 (17.9%) | 91 (40.6%) | 48 (21.4%) | 26 (11.6%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 19 | 14 (6.3%) | 31 (13.8%) | 79 (35.3%) | 60 (26.8%) | 40 (17.9%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 20 | 1 (0.4%) | 8 (3.6%) | 63 (28.1%) | 66 (29.5%) | 85 (37.9%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 21 | 4 (1.8%) | 20 (8.9%) | 74 (33.0%) | 72 (32.1%) | 54 (24.1%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 22 | 2 (0.9%) | 14 (6.3%) | 65 (29.0%) | 75 (33.5%) | 66 (29.5%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 23 | 33 (14.7%) | 70 (31.3%) | 81 (36.2%) | 23 (10.3%) | 17 (7.6%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 24 | 27 (12.1%) | 50 (22.3%) | 65 (29.0%) | 48 (21.4%) | 34 (15.2%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 25 | 1 (0.4%) | 14 (6.3%) | 66 (29.5%) | 79 (35.3%) | 64 (28.6%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 26 | 2 (0.9%) | 10 (4.5%) | 36 (16.1%) | 64 (28.6%) | 112 (50.0%) | 1 | 5 | 4.50 |
| 27 | 3 (1.3%) | 23 (10.3%) | 65 (29.0%) | 71 (31.7%) | 62 (27.7%) | 1 | 5 | 4.00 |

Quadro 11. Análise Descritiva dos Itens – Características PA Longo

| Itens | Frequências | | | | | Min | Máx | Mediana |
|-------|---------------------|----------------------|----------------|----------------------|-----------------------------|-----|-----|---------|
| | Sem Importância (1) | Pouco Importante (2) | Importante (3) | Muito Importante (4) | Extremamente Importante (5) | | | |
| 1 | 3 (1.3%) | 14 (6.3%) | 77 (34.4%) | 82 (36.6%) | 48 (21.4%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 2 | 4 (1.8%) | 4 (1.8%) | 43 (19.2%) | 72 (32.1%) | 101 (45.1%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 3 | 45 (20.1%) | 68 (30.4%) | 65 (29.0%) | 33 (14.7%) | 13 (5.8%) | 1 | 5 | 2.00 |
| 4 | 24 (10.7%) | 51 (22.8%) | 73 (32.6%) | 44 (19.6%) | 32 (14.3%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 5 | 14 (6.3%) | 40 (17.9%) | 98 (43.8%) | 55 (24.6%) | 17 (7.6%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 6 | 23 (10.3%) | 74 (33.0%) | 82 (36.6%) | 34 (15.2%) | 11 (4.9%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 7 | 4 (1.8%) | 15 (6.7%) | 104 (46.4%) | 68 (30.4%) | 33 (14.7%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 8 | 3 (1.3%) | 11 (4.9%) | 94 (42.0%) | 76 (33.9%) | 40 (17.9%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 9 | 1 (0.4%) | 3 (1.3%) | 36 (16.1%) | 94 (42.0%) | 90 (40.2%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 10 | 0 | 3 (1.3%) | 61 (27.2%) | 89 (39.7%) | 71 (31.7%) | 2 | 5 | 4.00 |
| 11 | 0 | 3 (1.3%) | 32 (14.3%) | 110 (49.1%) | 79 (35.3%) | 2 | 5 | 4.00 |
| 12 | 3 (1.3%) | 8 (3.6%) | 58 (25.9%) | 100 (44.6%) | 55 (24.6%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 13 | 0 | 5 (2.2%) | 47 (21.0%) | 94 (42.0%) | 78 (34.8%) | 2 | 5 | 4.00 |
| 14 | 121 (54.0%) | 66 (29.5%) | 23 (10.3%) | 7 (3.1%) | 7 (3.1%) | 1 | 5 | 1.00 |
| 15 | 0 | 2 (0.9%) | 13 (5.8%) | 56 (25.0%) | 153 (68.3%) | 2 | 5 | 5.00 |
| 16 | 2 (0.9%) | 5 (2.2%) | 40 (17.9%) | 90 (40.2%) | 87 (38.8%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 17 | 19 (8.5%) | 58 (25.9%) | 68 (30.4%) | 51 (22.8%) | 28 (12.5%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 18 | 35 (15.6%) | 106 (47.3%) | 53 (23.7%) | 21 (9.4%) | 7 (3.1%) | 1 | 5 | 2.00 |
| 19 | 32 (14.3%) | 98 (43.8%) | 64 (28.6%) | 21 (9.4%) | 9 (4.0%) | 1 | 5 | 2.00 |
| 20 | 2 (0.9%) | 3 (1.3%) | 31 (13.8%) | 91 (40.6%) | 97 (43.3%) | 1 | 5 | 4.00 |
| 21 | 22 (9.8%) | 79 (35.3%) | 63 (28.1%) | 44 (19.6%) | 16 (7.1%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 22 | 0 | 0 | 14 (6.3%) | 48 (21.4) | 162 (72.3%) | 3 | 5 | 5.00 |
| 23 | 0 | 3 (1.3%) | 38 (17.0%) | 90 (40.2%) | 93 (41.5%) | 2 | 5 | 4.00 |
| 24 | 20 (8.9%) | 81 (36.2%) | 96 (42.9%) | 20 (8.9%) | 7 (3.1%) | 1 | 5 | 3.00 |
| 25 | 0 | 12 (5.4%) | 59 (26.3%) | 92 (41.1%) | 61 (27.2%) | 2 | 5 | 4.00 |
| 26 | 0 | 0 | 15 (6.7%) | 59 (26.3%) | 149 (66.5%) | 3 | 5 | 5.00 |
| 27 | 1 (0.4%) | 15 (6.7) | 64 (28.6%) | 81 (36.2%) | 63 (28.1%) | 1 | 5 | 4.00 |

ANEXO IV
Consistência Interna dos Instrumentos

Quadro 12. Correlações item-escala total e *alfa de Cronbach* se o item for retirado – Autoavaliação PA

| Item | Correlação item-escala total | α de Cronbach (sem o item) |
|------|------------------------------|-----------------------------------|
| 1 | 0.265 | 0.847 |
| 2 | 0.271 | 0.849 |
| 3 | 0.286 | 0.849 |
| 4 | 0.450 | 0.842 |
| 5 | 0.424 | 0.843 |
| 6 | 0.365 | 0.844 |
| 7 | 0.208 | 0.850 |
| 8 | 0.458 | 0.841 |
| 9 | 0.454 | 0.841 |
| 10 | 0.469 | 0.842 |
| 11 | 0.245 | 0.848 |
| 12 | 0.092 | 0.853 |
| 13 | 0.460 | 0.842 |
| 14 | 0.460 | 0.841 |
| 15 | 0.488 | 0.840 |
| 16 | 0.457 | 0.841 |
| 17 | 0.353 | 0.845 |
| 18 | 0.492 | 0.841 |
| 19 | 0.486 | 0.841 |
| 20 | 0.457 | 0.843 |
| 21 | 0.387 | 0.844 |
| 22 | 0.394 | 0.844 |
| 23 | 0.527 | 0.839 |
| 24 | 0.246 | 0.849 |
| 25 | 0.502 | 0.840 |
| 26 | 0.267 | 0.847 |
| 27 | 0.516 | 0.840 |

Quadro 13. Correlações item-escala total e *alfa de Cronbach* se o item for retirado – Características PA

| Categoria | Item | Correlação item-escala total | <i>α de Cronbach</i> (sem o item) |
|--------------------------------------|-------------|-------------------------------------|------------------------------------------|
| Aparência Física | 1 | 0.480 | 0.803 |
| | 2 | 0.576 | 0.796 |
| | 3 | 0.440 | 0.806 |
| | 4 | 0.494 | 0.803 |
| | 5 | 0.546 | 0.800 |
| Comportamento e Personalidade | 6 | 0.312 | 0.819 |
| | 7 | 0.383 | 0.811 |
| | 8 | 0.485 | 0.805 |
| | 9 | 0.424 | 0.807 |
| | 10 | 0.228 | 0.817 |
| Outros Traços | 11 | 0.328 | 0.813 |
| | 12 | 0.265 | 0.819 |
| | 13 | 0.420 | 0.808 |
| | 14 | 0.646 | 0.791 |
| | 15 | 0.557 | 0.799 |

Quadro 14. Correlações item-escala total e *alfa de Cronbach* se o item for retirado – Características PA Curto

| Item | Correlação item-escala total | <i>α de Cronbach</i> (sem o item) |
|-------------|-------------------------------------|------------------------------------------|
| 1 | 0.409 | 0.899 |
| 2 | 0.464 | 0.898 |
| 3 | 0.500 | 0.897 |
| 4 | 0.485 | 0.897 |
| 5 | 0.359 | 0.900 |
| 6 | 0.416 | 0.899 |
| 7 | 0.304 | 0.901 |
| 8 | 0.546 | 0.896 |
| 9 | 0.462 | 0.898 |
| 10 | 0.559 | 0.896 |
| 11 | 0.478 | 0.898 |
| 12 | 0.292 | 0.901 |
| 13 | 0.532 | 0.897 |
| 14 | 0.473 | 0.898 |
| 15 | 0.497 | 0.897 |
| 16 | 0.307 | 0.902 |
| 17 | 0.383 | 0.899 |
| 18 | 0.688 | 0.893 |
| 19 | 0.662 | 0.894 |
| 20 | 0.573 | 0.896 |
| 21 | 0.578 | 0.896 |
| 22 | 0.336 | 0.900 |
| 23 | 0.510 | 0.897 |
| 24 | 0.467 | 0.898 |
| 25 | 0.508 | 0.897 |
| 26 | 0.535 | 0.897 |
| 27 | 0.592 | 0.895 |

Quadro 15. Correlações item-escala total e *alfa de Cronbach* se o item for retirado – *Características PA Longo*

| Itens | Correlação item-escala total | <i>α de Cronbach</i> (sem o item) |
|--------------|-------------------------------------|------------------------------------------|
| 1 | 0.434 | 0.891 |
| 2 | 0.189 | 0.896 |
| 3 | 0.425 | 0.891 |
| 4 | 0.423 | 0.892 |
| 5 | 0.532 | 0.888 |
| 6 | 0.513 | 0.889 |
| 7 | 0.507 | 0.889 |
| 8 | 0.526 | 0.889 |
| 9 | 0.511 | 0.889 |
| 10 | 0.550 | 0.888 |
| 11 | 0.528 | 0.889 |
| 12 | 0.545 | 0.888 |
| 13 | 0.553 | 0.888 |
| 14 | 0,250 | 0.895 |
| 15 | 0.377 | 0.892 |
| 16 | 0.569 | 0.888 |
| 17 | 0.405 | 0.892 |
| 18 | 0.560 | 0.888 |
| 19 | 0.515 | 0.889 |
| 20 | 0.495 | 0.889 |
| 21 | 0.549 | 0.888 |
| 22 | 0.305 | 0.893 |
| 23 | 0.505 | 0.889 |
| 24 | 0.319 | 0.893 |
| 25 | 0.595 | 0.887 |
| 26 | 0.359 | 0.892 |
| 27 | 0.552 | 0.888 |

ANEXO V

Análise Fatorial dos Instrumentos

Quadro 16. Testes Preliminares à Análise Fatorial

| | KMO | Teste de Esfericidade de Bartlett |
|--------------------------|--------------------|-----------------------------------|
| | 0.816 | $p=0.000$ |
| Autoavaliação PA | 0.829 ¹ | $p=0.000$ |
| | 0.827 ² | $p=0.000$ |
| | 0.817 | $p=0.000$ |
| Características PA | 0.798 ³ | $p=0.000$ |
| | 0.859 | $p=0.000$ |
| Características PA Curto | 0.867 ⁴ | $p=0.000$ |
| | 0.863 ⁵ | $p=0.000$ |
| | 0.857 | $p=0.000$ |
| Características PA Longo | 0.844 ⁶ | $p=0.000$ |

Quadro 17. Solução de três fatores ortogonais, após análise fatorial – Autoavaliação PA

| Fator 1 | | Fator 2 | | Fator 3 | |
|--------------------------------------|----------|---------|----------|---------|----------|
| Itens | Loadings | Itens | Loadings | Itens | Loadings |
| 19 | 0.633 | 15 | 0.777 | 2 | 0.728 |
| 18 | 0.584 | 9 | 0.681 | 3 | 0.702 |
| 20 | 0.559 | 14 | 0.658 | 24 | 0.313 |
| 13 | 0.559 | 23 | 0.585 | 12 | 0.264 |
| 21 | 0.548 | 16 | 0.574 | | |
| 25 | 0.544 | 22 | 0.470 | | |
| 26 | 0.537 | 5 | 0.437 | | |
| 10 | 0.518 | 4 | 0.397 | | |
| 17 | 0.493 | 7 | 0.296 | | |
| 27 | 0.488 | 1 | 0.273 | | |
| 11 | 0.483 | | | | |
| 8 | 0.451 | | | | |
| 6 | 0.450 | | | | |
| Valor próprio | | | | | |
| 4.025 | | 3.329 | | 1.539 | |
| Variância explicada por fator | | | | | |
| 14.908% | | 12.331% | | 5.701% | |
| Variância total explicada | | | | | |
| 32.940% | | | | | |

¹ Após exclusão dos itens 1, 4, 5, 7, 12 e 24.

² Após exclusão dos itens 6, 8 e 22.

³ Após exclusão dos itens 9, 10, 11 e 12.

⁴ Após exclusão dos itens 1, 5, 7 e 22.

⁵ Após exclusão do item 6.

⁶ Após exclusão dos itens 1, 14, 24 e 27.

Quadro 18. Solução de três fatores ortogonais, após exclusão de itens⁷ – Autoavaliação PA

| Fator 1 | | Fator 2 | | Fator 3 | |
|--------------------------------------|----------|---------|----------|---------|----------|
| Itens | Loadings | Itens | Loadings | Itens | Loadings |
| 19 | 0.664 | 15 | 0.857 | 3 | 0.794 |
| 20 | 0.595 | 9 | 0.700 | 2 | 0.706 |
| 18 | 0.584 | 14 | 0.688 | | |
| 21 | 0.566 | 16 | 0.600 | | |
| 13 | 0.565 | 23 | 0.535 | | |
| 26 | 0.545 | 22 | 0.346 | | |
| 25 | 0.516 | | | | |
| 10 | 0.514 | | | | |
| 11 | 0.497 | | | | |
| 27 | 0.472 | | | | |
| 17 | 0.456 | | | | |
| 8 | 0.435 | | | | |
| 6 | 0.426 | | | | |
| Valor próprio | | | | | |
| 3.813 | | 2.864 | | 1.392 | |
| Variância explicada por fator | | | | | |
| 18.159% | | 13.640% | | 6.629% | |
| Variância total explicada | | | | | |
| 38.428% | | | | | |

Quadro 19. Solução de três fatores ortogonais final⁸- Autoavaliação PA

| Fator 1 | | Fator 2 | | Fator 3 | |
|--------------------------------------|----------|---------|----------|---------|----------|
| Itens | Loadings | Itens | Loadings | Itens | Loadings |
| 19 | 0.698 | 15 | 0.866 | 3 | 0.769 |
| 20 | 0.623 | 14 | 0.696 | 2 | 0.757 |
| 18 | 0.596 | 9 | 0.677 | | |
| 21 | 0.582 | 16 | 0.607 | | |
| 26 | 0.557 | 23 | 0.536 | | |
| 13 | 0.527 | | | | |
| 10 | 0.494 | | | | |
| 27 | 0.485 | | | | |
| 11 | 0.469 | | | | |
| 25 | 0.467 | | | | |
| 17 | 0.459 | | | | |
| Valor próprio | | | | | |
| 3.405 | | 2.662 | | 1.386 | |
| Variância explicada por fator | | | | | |
| 18.914% | | 14.791% | | 7.702% | |
| Variância total explicada | | | | | |
| 41.407% | | | | | |

⁷ 1, 4, 5, 7, 12 e 24.

⁸ Após exclusão dos itens 6, 8 e 22.

Quadro 20. Solução de 3 fatores ortogonais, após análise fatorial – Características PA

| Fator 1 | | Fator 2 | | Fator 3 | |
|--------------------------------------|----------|---------|----------|---------|----------|
| Itens | Loadings | Itens | Loadings | Itens | Loadings |
| 14 | 0.749 | 7 | 0.722 | 4 | 0.821 |
| 2 | 0.642 | 8 | 0.601 | 5 | 0.699 |
| 13 | 0.561 | 15 | 0.474 | | |
| 3 | 0.544 | 6 | 0.461 | | |
| 1 | 0.521 | 10 | 0.441 | | |
| 12 | 0.365 | | | | |
| 9 | 0.339 | | | | |
| 11 | 0.266 | | | | |
| Valor próprio | | | | | |
| 2.543 | | 1.854 | | 1.555 | |
| Variância explicada por fator | | | | | |
| 16.956% | | 12.359% | | 10.369% | |
| Variância total explicada | | | | | |
| 39.684% | | | | | |

Quadro 21. Solução de três fatores ortogonais final⁹ – Características PA

| Fator 1 | | Fator 2 | | Fator 3 | |
|--------------------------------------|----------|---------|----------|---------|----------|
| Itens | Loadings | Itens | Loadings | Itens | Loadings |
| 14 | 0.789 | 4 | 0.852 | 7 | 0.735 |
| 13 | 0.614 | 5 | 0.703 | 8 | 0.608 |
| 2 | 0.574 | | | 6 | 0.492 |
| 3 | 0.510 | | | | |
| 1 | 0.504 | | | | |
| 15 | 0.481 | | | | |
| Valor próprio | | | | | |
| 2.222 | | 1.583 | | 1.510 | |
| Variância explicada por fator | | | | | |
| 20.199% | | 14.393% | | 13.729% | |
| Variância total explicada | | | | | |
| 48.321% | | | | | |

⁹ Após exclusão dos itens 9, 10, 11 e 12.

**Quadro 22. Solução de 3 fatores ortogonais, após análise fatorial –
Características PA Curto**

| Fator 1 | | Fator 2 | | Fator 3 | |
|--------------------------------------|-----------------|---------|-----------------|---------|-----------------|
| Itens | <i>Loadings</i> | Itens | <i>Loadings</i> | Itens | <i>Loadings</i> |
| 20 | 0.767 | 15 | 0.860 | 3 | 0.735 |
| 26 | 0.743 | 14 | 0.735 | 2 | 0.701 |
| 10 | 0.729 | 9 | 0.704 | 24 | 0.649 |
| 13 | 0.691 | 23 | 0.524 | 11 | 0.592 |
| 21 | 0.661 | 4 | 0.524 | 12 | 0.489 |
| 25 | 0.655 | 16 | 0.520 | | |
| 27 | 0.563 | 22 | 0.432 | | |
| 8 | 0.562 | 5 | 0.396 | | |
| 19 | 0.560 | 7 | 0.325 | | |
| 17 | 0.538 | | | | |
| 18 | 0.504 | | | | |
| 6 | 0.491 | | | | |
| 1 | 0.354 | | | | |
| Valor próprio | | | | | |
| 5.470 | | 3.563 | | 3.367 | |
| Variância explicada por fator | | | | | |
| 20.259% | | 13.197% | | 12.471% | |
| Variância total explicada | | | | | |
| 45.927% | | | | | |

Quadro 23. Solução de três fatores ortogonais, após exclusão de itens¹⁰ – Características PA Curto

| Fator 1 | | Fator 2 | | Fator 3 | |
|--------------------------------------|----------|---------|----------|---------|----------|
| Itens | Loadings | Itens | Loadings | Itens | Loadings |
| 26 | 0.769 | 15 | 0.878 | 3 | 0.774 |
| 10 | 0.749 | 14 | 0.726 | 2 | 0.739 |
| 20 | 0.736 | 9 | 0.721 | 24 | 0.631 |
| 13 | 0.708 | 4 | 0.559 | 11 | 0.598 |
| 21 | 0.665 | 16 | 0.550 | 12 | 0.512 |
| 25 | 0.612 | 23 | 0.548 | | |
| 27 | 0.576 | | | | |
| 19 | 0.562 | | | | |
| 8 | 0.541 | | | | |
| 17 | 0.509 | | | | |
| 18 | 0.487 | | | | |
| 6 | 0.438 | | | | |
| Valor próprio | | | | | |
| 4.940 | | 3.208 | | 3.173 | |
| Variância explicada por fator | | | | | |
| 21.478% | | 13.948% | | 13.798% | |
| Variância total explicada | | | | | |
| 49.224% | | | | | |

Quadro 24. Solução de três fatores ortogonais final¹¹ – Características PA Curto

| Fator 1 | | Fator 2 | | Fator 3 | |
|--------------------------------------|----------|---------|----------|---------|----------|
| Itens | Loadings | Itens | Loadings | Itens | Loadings |
| 26 | 0.770 | 3 | 0.774 | 15 | 0.880 |
| 10 | 0.745 | 2 | 0.736 | 14 | 0.731 |
| 20 | 0.734 | 24 | 0.635 | 9 | 0.715 |
| 13 | 0.708 | 11 | 0.604 | 4 | 0.558 |
| 21 | 0.665 | 12 | 0.513 | 23 | 0.545 |
| 25 | 0.602 | 18 | 0.481 | 16 | 0.544 |
| 27 | 0.593 | | | | |
| 19 | 0.554 | | | | |
| 8 | 0.529 | | | | |
| 17 | 0.514 | | | | |
| Valor próprio | | | | | |
| 4.713 | | 3.190 | | 3.186 | |
| Variância explicada por fator | | | | | |
| 21.425% | | 14.498% | | 14.481% | |
| Variância total explicada | | | | | |
| 50.404% | | | | | |

¹⁰ 1, 5, 7 e 22.

¹¹ Após exclusão do item 6.

**Quadro 25. Solução de três fatores ortogonais, após análise fatorial –
Características PA Longo**

| Fator 1 | | Fator 2 | | Fator 3 | |
|--------------------------------------|----------|---------|----------|---------|----------|
| Itens | Loadings | Itens | Loadings | Itens | Loadings |
| 13 | 0.682 | 18 | 0.773 | 8 | 0.829 |
| 9 | 0.661 | 19 | 0.736 | 7 | 0.756 |
| 23 | 0.628 | 6 | 0.696 | 14 | 0.358 |
| 11 | 0.620 | 21 | 0.641 | | |
| 10 | 0.608 | 5 | 0.592 | | |
| 26 | 0.581 | 17 | 0.545 | | |
| 22 | 0.579 | 3 | 0.520 | | |
| 15 | 0.571 | 4 | 0.504 | | |
| 12 | 0.568 | 27 | 0.433 | | |
| 25 | 0.555 | 24 | 0.331 | | |
| 16 | 0.531 | | | | |
| 20 | 0.528 | | | | |
| 2 | 0.458 | | | | |
| 1 | 0.320 | | | | |
| Valor próprio | | | | | |
| 4.996 | | 4.045 | | 2.236 | |
| Variância explicada por fator | | | | | |
| 18.503% | | 14.982% | | 8.281% | |
| Variância total explicada | | | | | |
| 41.767% | | | | | |

Quadro 26. Solução de três fatores ortogonais final¹² – Características PA Longo

| Fator 1 | | Fator 2 | | Fator 3 | |
|--------------------------------------|----------|---------|----------|---------|----------|
| Itens | Loadings | Itens | Loadings | Itens | Loadings |
| 13 | 0.681 | 18 | 0.735 | 8 | 0.737 |
| 9 | 0.671 | 19 | 0.711 | 7 | 0.652 |
| 11 | 0.626 | 6 | 0.706 | | |
| 23 | 0.623 | 5 | 0.629 | | |
| 10 | 0.614 | 21 | 0.626 | | |
| 15 | 0.578 | 3 | 0.553 | | |
| 22 | 0.573 | 4 | 0.549 | | |
| 12 | 0.573 | 17 | 0.494 | | |
| 26 | 0.566 | | | | |
| 25 | 0.554 | | | | |
| 16 | 0.543 | | | | |
| 20 | 0.512 | | | | |
| 2 | 0.460 | | | | |
| Valor próprio | | | | | |
| 4.757 | | 3.622 | | 1.964 | |
| Variância explicada por fator | | | | | |
| 20.682% | | 15.747% | | 8.538% | |
| Variância total explicada | | | | | |
| 44.968% | | | | | |

¹² Após exclusão dos itens 1, 14, 24 e 27.

ANEXO VI
Estatística Descritiva dos Fatores

Quadro 27. Estatística Descritiva - Fatores *Autoavaliação PA*

| Fator | Média | Mediana | Desvio Padrão | Min | Máx |
|------------------------------------|--------------|----------------|----------------------|------------|------------|
| Características de Caráter e Saúde | 4.24 | 4.27 | 0.44 | 2.91 | 5.00 |
| Características de Sociabilidade | 2.75 | 2.80 | 0.78 | 1.00 | 4.60 |
| Características Futuras | 2.92 | 3.00 | 1.03 | 1.00 | 5.00 |

Quadro 28. Estatística Descritiva – Fatores *Características PA*

| Fator | Média | Mediana | Desvio Padrão | Min | Máx |
|------------------------------------|--------------|----------------|----------------------|------------|------------|
| Características Sexuais/Sociais | 3.44 | 3.50 | 0.69 | 1.67 | 5.00 |
| Características Faciais | 4.15 | 4.00 | 0.79 | 1.00 | 5.00 |
| Características de Caráter e Saúde | 4.19 | 4.33 | 0.66 | 2.33 | 5.00 |

Quadro 29. Estatística descritiva - Fatores *Características PA Curto*

| Fator | Média | Mediana | Desvio Padrão | Min | Máx |
|-------------------------------------|--------------|----------------|----------------------|------------|------------|
| Características de Caráter e Saúde | 3.89 | 4.00 | 0.67 | 2.10 | 5.00 |
| Características Futuras/Compromisso | 2.64 | 2.67 | 0.79 | 1.00 | 4.67 |
| Características de Sociabilidade | 2.54 | 2.50 | 0.80 | 1.00 | 5.00 |

Quadro 30. Estatística Descritiva - Fatores *Características PA Longo*

| Fator | Média | Mediana | Desvio Padrão | Min | Máx |
|------------------------------------|--------------|----------------|----------------------|------------|------------|
| Características de Caráter e Saúde | 4.23 | 4.23 | 0.50 | 3.00 | 5.00 |
| Características de Sociabilidade | 2.75 | 2.63 | 0.73 | 1.00 | 5.00 |
| Atratividade | 3.56 | 3.50 | 0.85 | 1.00 | 5.00 |

ANEXO VII
Valores de *Alpha de Cronbach* dos Fatores e Escala Total

Quadro 31. Valores de *alpha de Cronbach* (Fatores e Escala Total) – Autoavaliação PA

| Fator | <i>α de Cronbach</i> |
|------------------------------------|-----------------------------|
| Características de Caráter e Saúde | 0.83 |
| Características de Sociabilidade | 0.82 |
| Características Futuras | 0.77 |
| Escala Total | 0.83 |

Quadro 32. Valores de *alpha de Cronbach* (Fatores e Escala Total) – Características PA

| Fator | <i>α de Cronbach</i> |
|------------------------------------|-----------------------------|
| Características Sexuais/Sociais | 0.78 |
| Características Faciais | 0.81 |
| Características de Caráter e Saúde | 0.59 |
| Escala Total | 0.81 |

Quadro 33. Valores de *alpha de Cronbach* (Fatores e Escala Total) - Características PA Curto

| Fator | <i>α de Cronbach</i> |
|-------------------------------------|-----------------------------|
| Características de Caráter e Saúde | 0.89 |
| Características Futuras/Compromisso | 0.82 |
| Características de Sociabilidade | 0.84 |
| Escala Total | 0.89 |

Quadro 34. Valores de *alpha de Cronbach* (Fatores e Escala Total) - Características PA Longo

| Fator | <i>α de Cronbach</i> |
|------------------------------------|-----------------------------|
| Características de Caráter e Saúde | 0.88 |
| Características de Sociabilidade | 0.84 |
| Atratividade | 0.92 |
| Escala Total | 0.89 |

ANEXO VIII
Análise Descritiva dos Itens por Questionário

Quadro 35. Características Favorecidas

| Características | Média | | |
|-----------------------------------|------------------------------|----------------------------|----------------------------|
| | Eu enquanto parceiro amoroso | Preferências a curto-prazo | Preferências a longo-prazo |
| Exigência na escolha de parceiros | 3.83 | 3.31 | 3.71 |
| Desejo por casamento | 2.57 | 1.79 | 2.56 |
| Desejo por filhos | 3.26 | 2.00 | 3.04 |
| Condições financeiras atuais | 2.62 | 2.20 | 2.71 |
| Atratividade física do rosto | 3.50 | 3.79 | 3.62 |
| Estabilidade emocional | 3.87 | 3.68 | 4.18 |
| Ser virgem | 1.78 | 1.62 | 1.72 |
| Hábitos saudáveis | 3.72 | 3.61 | 4.14 |
| Popularidade | 2.30 | 2.37 | 2.36 |
| Bom humor | 4.20 | 4.06 | 4.24 |
| Fidelidade | 4.65 | 3.64 | 4.66 |
| Ciúme | 2.57 | 2.25 | 2.61 |
| Gentileza | 4.01 | 3.87 | 4.22 |
| Reputação | 2.87 | 2.61 | 2.79 |
| Estatuto social | 2.44 | 2.42 | 2.45 |
| Gosto por festas | 3.05 | 3.04 | 3.05 |
| Hábitos de higiene | 4.70 | 4.53 | 4.61 |
| Ambição | 3.90 | 3.12 | 3.88 |
| Trabalhador(a) | 4.13 | 3.36 | 4.09 |
| Educação | 4.36 | 4.01 | 4.20 |
| Inteligência | 3.94 | 3.68 | 4.02 |
| Atratividade física do corpo | 3.46 | 3.85 | 3.50 |
| Boas perspectivas financeiras | 3.10 | 2.65 | 3.09 |
| Comprometido(a) na relação | 4.12 | 3.05 | 4.17 |
| Saúde física | 3.90 | 3.85 | 3.90 |
| Sincero | 4.70 | 4.22 | 4.60 |
| Sociável | 4.07 | 3.74 | 3.85 |

ANEXO IX
Pressupostos à realização do Teste t-Student

Quadro 36. Pressupostos de Normalidade e Homogeneidade de Variâncias

| | | Teste de Kolmogorov-Smirnov | Teste de Levene |
|----------------------------------|-------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|------------------------------|
| Hipótese 1 (Caract. PA) | Características Sexuais/Sociais | (KS(148)feminino=0.104; $p=0.000$; KS(68)masculino=0.138; $p=0.003$) | (F(1.214)=0.018; $p=0.895$) |
| | Características Faciais | (KS(153)feminino=0.197; $p=0.000$; KS(69)masculino=0.225; $p=0.000$) | (F(1.220)=0.549; $p=0.460$) |
| | Características de Caráter e Saúde | (KS(153)feminino=0.183; $p=0.000$; KS(70)masculino=0.152; $p=0.000$) | (F(1.221)=2.529; $p=0.113$) |
| Hipótese 2 (Caract. PA Curto) | Características de Caráter e Saúde | (KS(152)feminino=0.110; $p=0.000$; KS(70)masculino=0.086; $p=0.200$) | (F(1.220)=2.982; $p=0.086$) |
| | Características Futuras/Compromisso | (KS(153)feminino=0.103; $p=0.000$; KS(69)masculino=0.107; $p=0.046$) | (F(1.220)=2.274; $p=0.133$) |
| | Características de Sociabilidade | (KS(153)feminino=0.103; $p=0.000$; KS(70)masculino=0.087; $p=0.200$) | (F(1.221)=0.002; $p=0.963$) |
| Hipótese 3 (Caract. PA Longo) | Características de Caráter e Saúde | (KS(153)feminino=0.081; $p=0.016$; KS(70)masculino=0.087; $p=0.200$) | (F(1.221)=0.223; $p=0.637$) |
| | Características de Sociabilidade | (KS(153)feminino=0.128; $p=0.000$; KS(69)masculino=0.089; $p=0.200$) | (F(1.220)=4.330; $p=0.039$) |
| | Atratividade | (KS(154)feminino=0.254; $p=0.000$; KS(70)masculino=0.220; $p=0.000$) | (F(1.222)=0.011; $p=0.915$) |

Quadro 37. Pressupostos de Normalidade e Homogeneidade de Variâncias

| | | Teste de Kolmogorov-Smirnov | Teste de Levene |
|-----------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|------------------------------|
| Hipótese 4a (Caract. PA Curto) | Características de Caráter e Saúde | (KS(98)sim=0.096, $p=0.025$; KS(124)não=0.068, $p=0.200$) | (F(1.220)=1.056; $p=0.305$) |
| | Características Futuras/Compromisso | (KS(98)sim=0.096, $p=0.026$; KS(124)não=0.097, $p=0.006$) | (F(1.220)=0.574; $p=0.450$) |
| | Características de Sociabilidade | (KS(100)sim=0.097, $p=0.021$; KS(123)não=0.071, $p=0.200$) | (F(1.221)=0.874; $p=0.351$) |
| Hipótese 4b (Caract. PA Longo) | Características de Caráter e Saúde | (KS(100)sim=0.119, $p=0.001$; KS(123)não=0.078, $p=0.066$) | (F(1.221)=0.870; $p=0.352$) |
| | Características de Sociabilidade | (KS(99)sim=0.141, $p=0.000$; KS(123)não=0.080, $p=0.052$) | (F(1.220)=0.474; $p=0.492$) |
| | Atratividade | (KS(100)sim=0.221, $p=0.000$; KS(124)não=0.223, $p=0.000$) | (F(1.222)=0.001; $p=0.969$) |